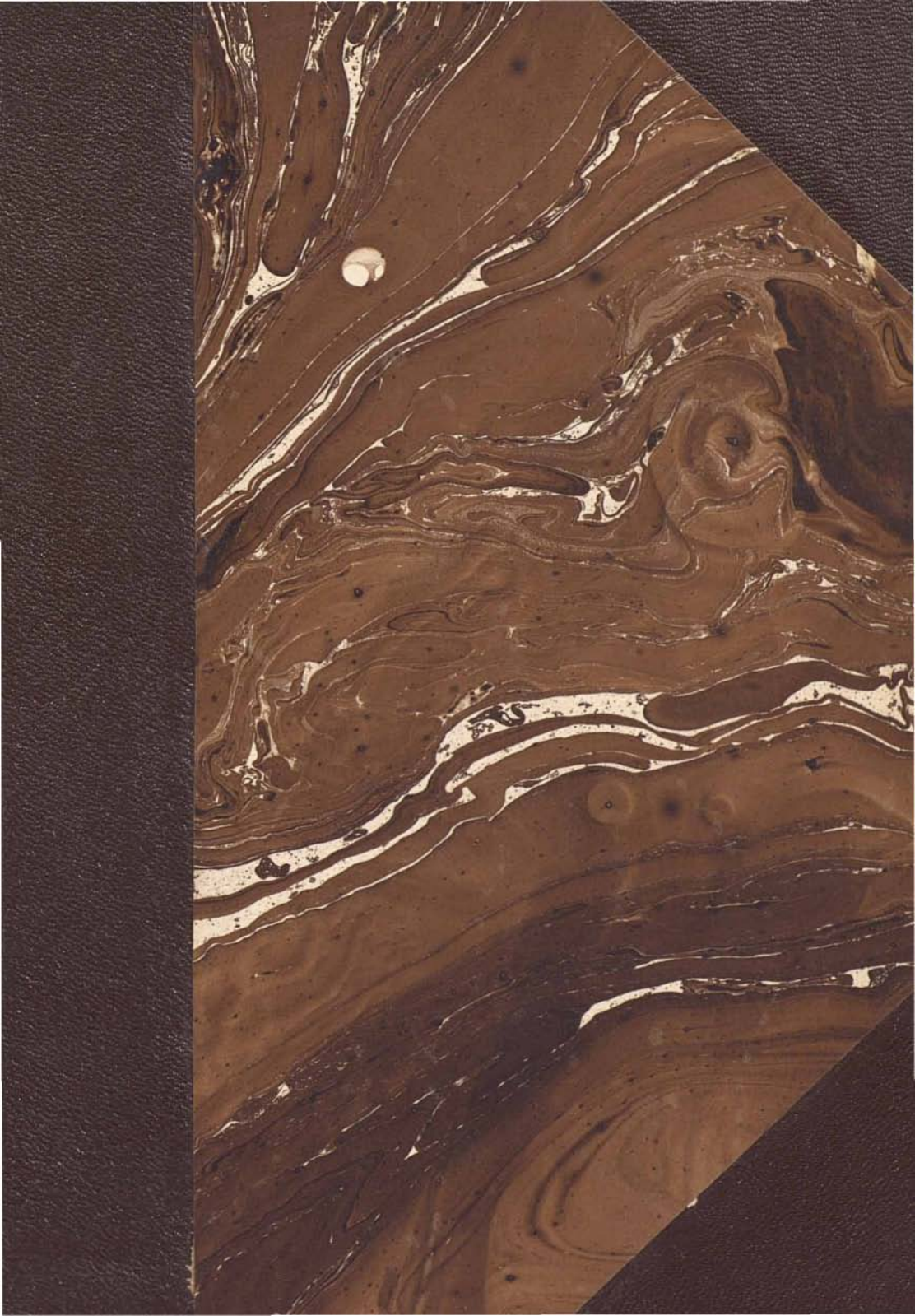


Esboços e Fragmentos

Obras do mesmo autor

Traços biographicos do Desembargador José Manoel de Freitas, Recife — 1888.

Estudos de direito e economia politica, — exgottada. — Recife, 1886.

Phrases e phantasias, Recife — Hugo & C., editores — 1894.

Epochas e individualidades, (estudos litterarios) Bahia — José Luiz da Fonseca Magalhães, editor- 1895.- 2ª edição - Rio - H. Garnier, editor.- 1899

Direito das Obrigações, Bahia — Fonseca Magalhães, editor — 1896.

Direito da familia, Recife — Ramiro M. Costa & C., editores — 1896.

Criminologia e direito, Bahia — Fonseca Magalhães, editor — 1896.

Juristas philosophos, Bahia — Fonseca Magalhães, editor — 1897.

Licções de legislação comparada sobre o direito privado, 2ª edição —Bahia — Fonseca Magalhães, editor — 1897.

Direito das Successões, Bahia — Fonseca Magalhães, editor — 1899.

TRADUCÇÕES:

Jesus e os evangelhos, de J. Soury — Recife — 1886.

A hospitalidade no passado, de R. von Jhering — Recife — 1891.

CLOVIS BEVILAQUA

Esboços
e
Fragmentos

Com um prefacio de Araripe Junior

V
190
B571
E
1899

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.—Rua do Ouvidor, 66
Casas filiaes em S. PAULO e RECIFE
—
1899

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos, 93.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 1290
do ano de 1946

CLOVIS BEVILAQUA

Em 1877 o autor destas linhas fazia parte de uma das mesas de exame de preparatorios na Inspectoria Geral de Instrucção Publica desta capital. Presidia a essa mesa o velho Pedro Autran, que fôra lente de economia politica na Faculdade de Direito do Recife. Um dia, fazendo-se a chamada, ouvi pronunciar o nome: Clovis Bevilaqua. Olhei: o seu portador era um rapazinho baixo, moreno, pallido, atarracado, cabello muito corredio e emborcado sobre a nuca, olhar meigo, melancolico, timido; typo de nortista. A minha usual distracção acordou á vista desse moço: e a physionomia do examinando fixou-se-me na memoria para sempre simplesmente por causa da singularidade daquelle nome. Mal sabia eu que o mesmo Clovis vinte e um annos depois dar-me-hia ensejo a tomar da penna, não para notar-lhe erros numa prova de madureza, mas para applaudir uma serie de provas de talento exhibidas em livros de altissimo valor. O estudante fez modestamente o seu exame, e teve nota boa ou distincção, pois não me recordo do grau.

Agora veja o leitor um contraste de temperamento. Pela mesma occasião apresentava-se tambem a exame um outro menino, que depois eu teria de encontrar, com sorpresa, no

mundo politico realisando grandes proezas. Este era trefego, petulante, de uma vivacidade irrequieta e com um brilho nos olhos que m'o assignalou por uma vez. Chamava-se Silva Jardim. Tirado o ponto, que era de historia, sentou-se elle á banca respectiva, e apoz um curto espaço assignou a folha de papel em branco e veio apresental-a á mesa. Sorprehendido o velho Autran com esse acto, disse-lhe que não podia aceitar aquillo como prova, e que elle examinando não podia ser admittido ao exame oral, visto como aquelle acto equivalia a uma retirada. Silva Jardim accendeu-se em coleras, e protestou em termos bruscos contra a decisão. No seu modo de entender a prova tinha sido feita, desde que a folha de papel, devidamente rubricada, estava por elle assignada. O ponto não tinha sido respondido? Pois bem, considerassem a prova negativa e puzessem-se-lhe nota má. Era isto justamente o que elle desejava:—a nota má! Embalde o presidente procurou mostrar o artificio da argumentação. Silva Jardim a nada se rendeu. Produziu novos argumentos, e fez um barulho ensurdecedor. Por ultimo, desenganado de conseguir entrar em exame oral, arguio a mesa de ter substituido um ponto por outro, e declarou não só que iria discutir o caso pela imprensa, mas tambem que não se afastaria dali senão quando terminados os exames.

Diante de tal arrogancia de um fedelho foi necessario pedir a intervenção do Inspector Geral, cargo então exercido pelo Barão de S. Felix, o qual, tomando conhecimento do incidente, mandou retirar o alumno sedicioso. Posteriormente disseram-me que Silva Jardim fizera aquella manobra pela muita confiança que já tinha na sua impetuosidade tribunicia. O ponto que lhe sahira era escabroso; não quizera se arriscar a pôr no papel coisas que o compromettessem. Imaginara, pois, salvar-se da difficuldade pelo exame oral, em que tinha certeza, fosse qual fosse, de atrapalhar os examinadores e assim realisar um brilhareto.

Ora, ahi tem dois temperamentos oppostos determinando desde os primeiros passos a carreira que teriam esses dois rapazes de seguir.

Silva Jardim, revolucionario desde menino, agitou o paiz e afinal foi acabar nas lavas do Vesuvio. Clovis Bevilaqua, brando e meigo, apesar de attrahido, como o seu companheiro de lutas academicas, Martins Junior, para a politica, porque lhe repugnava a duplicidade da vida partidaria, desligou-se logo della, e, recolhido a sua cela de estudioso, entregou-se á philosophia e á meditação.

I

O trabalho em que o autor do *Direito das obrigações* indicou pela primeira vez as suas tendencias literarias foi publicado no anno de 1882. *Esboço synthetico do movimento romantico brasileiro* era o titulo desse escripto, no qual são visiveis as influencias da propaganda realisada por Tobias Barreto e Sylvio Roméro entre a mocidade do Recife em favor dos nossos ideaes.

Apesar de feito por um moço de pouco mais de vinte annos, o *Esboço* revela já um criterio literario seguro, sobrio e tranquillo, graças ás qualidades innatas, que elle teria de aperfeiçoar com o estudo e a observação. Nesse tempo parece que lhe eram familiares os grandes autores contemporaneos francezes, russos e italianos. O seu gosto formara-se na consulta de criticos da envergadura de Taine, Scherer, Settembrini e a direcção inicial de seu espirito na leitura de Comte, Spencer, Hæckel, Littré, Stuart-Mill, Bain, Morselli, Ihering, Hermann Post, Sumner Maine, Ferri, Tarde e outros. A natureza placida, porém, desse alumno da nova philosophia embora começasse a ensaiar-se na escola dos hæckelianos, cedo premuniu-se do vicio que os biologistas, por preguiça,

introduziram nos estudos de sociologia. Das exagerações de tal escola Clovis Bevilaqua se foi pouco a pouco libertando á proporção que a intelligencia lhe ia ampliando o horizonte da sciencia; o seu criterio accentuou-se logo que, nomeado lente de legislação comparada para a Faculdade de Direito do Recife, as circumstancias o forçaram a mais largas investigações no campo da historia das instituições politicas e da genese dos institutos universaes da vida civil.

O conhecimento do nosso *folk-lore*, então explorado por Celso de Magalhães e Sylvio Roméro, deu-lhe o fio para a caracterisação da literatura nacional. São palavras suas: « A civilisação americana sendo menos original que a européa, as literaturas desta parte do mundo, vinculam-se por laços de filiação e de imitação ás do velho continente, mas aqui adquiriram qualidades novas e diversas mais ou menos salientadas. » (1)

Na sua opinião taes transformações começaram, tanto na lingua como no caracter do pensamento, tendendo o Brazil a se constituir nação, desde o seculo XVII por Gregorio de Mattos, Durão, Basilio da Gama, Souza Caldas, etc., etc.

O romantismo fôra um enxerto entristecedor. Clovis, naturalmente dominado pelo enthusiasmo levantado pelo naturalismo, não viu nelle senão symptoma caracteristico de decrepitude precoce, que todavia não gerava desalento em seu animo optimista, ao contrario convencia-o ao mesmo tempo de que «possuiamos boas qualidades, que haviam de reflorir possantes em occasião mais propicia. »

Não se afigurava grande a importancia dos fautores desse romantismo no Brazil, haurido em Pariz na segunda phase do movimento, justamente quando elle era mais uma succursal politica do que um producto legitimo d'arte. Comtudo dentre Magalhães, Porto Alegre, Teixeira e Souza e os imitadores de

(1) Clovis Bevilaqua, *Epocas e individualidades*, 33.

Byron, W. Scott, V. Hugo, Lamartine, surgira um poeta que a todos vencia pelo mimo, pelo dom da fórma, e pela verdadeira uncção da poesia. Faltava-lhe a profundeza; mas o seu estro, justamente impressionado pelos costumes selvagens, poude crear, no indianismo, uma feição toda sua que conseguiu fixar-se na memoria da nação.

Clovis Bevilaqua, apesar desse valor reconhecido do poeta da *Minha terra tem palmeiras*, não julgou derogal-o elevando á categoria do « vulto mais eminente do romantismo » o autor do *Guarany*.

José de Alencar não tinha as aptidões de psychologo que o romance de hoje exige como principal instrumento de analyse. O critico, porém, reconhecia-lhe o predicado pelo qual a posteridade o ha de consagrar, confirmando o acto que levou o Rio de Janeiro a erigir-lhe uma estatua no largo do Cattete. Elle saturara-se do genio nacional, e, inspirado no povo, si bem que exagerando, veio « favorecer a aspiração, engrossar a corrente que marchava para a fundação de uma literatura nossa, extremada, independente da portugueza. » (1)

Si a sua obra neste sentido não foi completa, — e aqui convem accrescentar que, devido ao excesso de phantasia, — representa incontestavelmente um esforço superior no sentido de libertar-nos da influencia portugueza.

Um outro vulto que o critico destaca do grupo de poetas da segunda phase do romantismo brazileiro é Alvares de Azevedo, pasmoso talento, que concorreu enormemente para a nossa desenvolução civilisadora.

Sempre judicioso, Clovis Bevilaqua, nesse trabalho, percorre toda a galeria dos nossos homens de letras pertencentes ao periodo romantico e os colloca nos seus devidos lugares, segundo o grau de importancia e influencia exercida no meio intellectual.

---

(1) *Op. cit.*, 47.

« Aqui, como em toda a parte, o romantismo foi uma phase transitoria e reaccionaria, dizia elle, mas despertadora dos elementos nacionaes da literatura ; uma suave luz crepuscular a prenunciar o dia que vem perto ; o peristylo de vasto e luxuoso edificio. » (1)

Esse edificio não era outro senão o que a critica scientifica e philosophica começava a construir no Brazil por orgão de Tobias Barreto, do Dr. Pereira Barreto, de Sylvio Roméro e de outros que iam acudindo ao grito de alarma. Na literatura o phenomeno se manifestava pela repercussão da decomposição do romantismo e pelo advento da escola naturalista que entre nós encontrou representante no romancista Aluizio Azevedo.

Na descriminação desse progresso Clovis Bevilaqua mostrava-se cauteloso.

A sua natureza vivaz, mas delicada e meiga, não lhe permittia a encampação das grosserias do dialecto naturalista de Zola, que, repleto de Claude Bernard, pretendia reduzir o romance á reproducção dos movimentos puramente physiologicos da actividade individual e social. Com o maximo cuidado elle examina como se deu o progresso da arte de observação, desde Stendhal até George Eliot, atravez de Balzac, Flaubert, Dickens e Gogal ; e condemna os excessos do realismo, que, preoccupado de verdade, acaba por mutilar o homem, dando, em lugar de um bello specimen da raça, troncos informes e abjectos de monstros, que outra coisa não são os personagens viciosos, repulsivos corybanticos, cheios de chagas cancerosas, sem os contrastes da virtude e da nobreza que não deixam tambem de ser humanas. Para Clovis Bevilaqua a arte não pode ser isto ; nem ha quem sinceramente nella procure tal concepção, quer se trate de um fino habitante das cidades, quer de um rustico do sertão, quer de um sabio, quer de um

(1) *Op. cit.*, 71.

ignorante. Todos buscamos « uma excitação cerebral acompanhada de contentamento que exerça sobre nós acção altamente fortificante e grandemente salutar. » (1)

Poucas palavras bastariam ao joven critico para fazel-o entrar inteiro no capitulo da recente obra de Tolstoi *O que é a arte ?* em que esse propheta russo tenta demonstrar, como Comte, que a arte é um instrumento de aperfeiçoamento humano e não de aviltamento.

Como Aluizio Azevedo comportou-se entrando na corrente naturalista, dil-o o critico com aquella sympathia e amenidade indispensavel á analyse do que nos pertence.

São palavras suas : « O *Mulato* (publicado no Maranhão em 1881) é um bom livro, digamol-o sem receio : — sério, pensado, verdadeiro, moderno. » (2) Como construcção o critico acha-o optimo, como estylo um tanto descuidado. Poder evocativo e profunda caracterisação dos personagens. Sem embargo, porém, das suas incorrecções, reputa-o um verdadeiro artista : o livro são e util. Parece-me, todavia, que na apreciação das outras obras de Aluizio Azevedo o critico descambou um pouco, por excesso de sympathia, do seu criterio anterior. Si é verdade que no *Coruja* e na *Casa de pensão*, sob o ponto de vista do talento evocativo, encontra-se o seu melhor trabalho, o romancista conservou o seu talento da preoccupação physiologica e pornographica, outro tanto não succede no *Homem* e no *Cortiço* em que avultam paginas revoltantes e além de tudo inuteis para a marcha do interesse da acção e do desenvolvimento dos caracteres.

No volume *Epocas e individualidades*, deparam-se ainda alguns trabalhos anteriores a 1888, os quaes justificam a existencia nesse hoje historiador e critico do direito de um tacto literario completo e gosto apuradissimo.

(1) *Op. cit.*, 152.

(2) *Op. cit.*, 156.

O seu estudo sobre o theatro brasileiro, primeiro ensaio talvez que se tenha feito nesse sentido, entre nós, é um trabalho digno de nota.

O golpe de vista lançado pelo critico sobre a pobreza relativa da nossa scena, que incontestavelmente não pode competir com a producção dos romancistas nem com a dos poetas lyricos, parece-me seguro. De entre os dramas do periodo romantico elle destaca o *Leonor de Mendonça*, que reune todas as grandes qualidades emotivas exigidas nesse genero de composição.

Macedo não tem a *vis* dramatica, mas em compensação dispõe de uma musa brincalhona e de uma verve satyrica. Quer um quer outro, cada qual na sua especie, produziram melhor do que o fundador do theatro nacional, Gonçalves de Magalhães, o qual escreveu tragedias falsas, quando do proprio fundo, ou macaqueou Ducis, que por sua vez já macaqueara o grande Shakespeare.

Quanto a José de Alencar, que tambem abordara as difficuldades scenicas, pensa Clovis Bevilaqua que este autor como dramaturgo ficou muito distante do romancista. Acha convencional a sua psychologia theatral; apenas encontra no *Demonio familiar* alguns traços reveladores do espirito de observação.

« O lado externo e social, diz elle, de seus dramas e comedias revelam uma observação mais attenta e baseada em fundamentos incomparavelmente mais solidos. » (1)

A todos estes, porém, sobreleva o talento de Agrario de Menezes o illustre bahiano roubado tão cedo ás glorias do theatro. O *Calabar*, a obra prima desse escriptor, embora não espungida de defeitos de urdidura que se não encontram nos *Miseraveis* e *Bartholomeu de Gusmão*, deve ser reputada « de valor inestimavel pelo estylo, sempre correcto e cheio,

(1) *Op. cit.*, 99.

umas vezes delicioso de lyrismo, outras vehemente e nobre, tambem o deve ser pelo desdobramento da acção e pelas situações de effeito distribuidas com mestria.» (1)

Outro bahiano, o grande lyrico Castro Alves, tambem deixou um drama opulento no *Gonzaga*, mas que se recommenda sómente pela ousadia do estylo gongorico e da imaginação.

O lugar proeminente, todavia, no theatro nacional cabe a Martins Penna, que foi cognominado o Molière brasileiro.

Clovis Bevilaqua não se illude quanto ás proporções concedidas a este comediographo. Reconhece que o meio não lhe era propicio e falhando este a sua musa não podia attingir a altura da grande escola psychologica em que se libraram os profundos moralistas da scena. A principal qualidade de Penna era o saber ver. Elle o fez como nenhum outro e as côres de sua palheta riquissima traduziram a sua visão comica com uma adoravel pictorecicismo. Sempre versando sobre costumes nossos as suas comedias, embora «ligeiras, alegres e folgazãs, sem azedume, sem mordacidade» pintam exactamente os ridiculos do Rio de Janeiro, de sua epoca com expressão insolita.

Vê-se dessa rapida enumeração dos autores caracteristicos, não contando mesmo França Junior, Pinheiro Guimarães, Domingos Olympio e outros, que o theatro brasileiro teve um momento de vida insufflada pelo romantismo. Quaes as razões porque decahio ou quasi desappareceu? Clovis Bevilaqua attribue esse phenomeno á incapacidade do realismo para a scena. Devendo o drama como o romance traduzir os resultados de um estudo de temperamento, ou ser a exposição de algum caso teratologico individual ou social, ou um pedaço de vida dessas mil colmeias que constituem a sociedade, comprehende-se quanto fatigante não deve tornar-se

1) *Op. cit.*, 103.

uma exhibição impessoal de personagens que têm de ser o que são pelas proprias palavras e não atravez do estylo do prosador. Nestas condições pensa Clovis Bevilaqua, apesar dos triumphos do naturalismo scandinavo, que na actualidade só o theatro para rir pode verdadeiramente preencher as necessidades do meio moderno.

Não é só esta causa que actua sobre nós. Ha uma mais intima, « não immanente ao caracter do nosso povo », que em grande parte mestiço enthesoura ardor bastante para o elance theatral, mas o momento historico, a crise economica, que não permitte o luxo de cultivar uma arte, a qual segundo Buckle não se consegue apurar senão no meio de uma ociosidade relativa creada pela abundancia.

Não sei até que ponto possa ser aceita esta explicação quando tivermos em consideração as epocas em que floresceram o theatro de Eschylo e os grandes mysterios da idade media.

No livro que cito ainda encontro um estudo sobre o romance russo que demonstra o vigor do joven ensaista, o qual não encontraria difficuldades em disputar um dos primeiros lugares na critica literaria si o quizesse. Esse trabalho revela conhecimento dos autores slavos que têm sido vertidos para o francez e denota o tacto do analysta que soube logo penetrar no espirito dos dois mais extraordinarios autores que o norte da Europa russa tem produzido, Tolstoi e Dostoiewsky. Na apreciação do ultimo Clovis Bevilaqua torna saliente a profunda psychologia que o romancista russo faz de Raskolnikoff, heroe do *Crime e Castigo*, que segundo penso não é senão o mysticismo criminoso trabalhando na alma de um Hamlet moscovita.

O lugar de Clovis Bevilaqua estava marcado em esphera mais elevada. Attrahiam-o os estudos de sociologia, principalmente no departamento do direito.

A sua funcção, determinada pelos dotes de brandura com que a natureza o adornara, devia ser a de moderador da

insobriedade nacional em materia de doutrinas novas e espalhafatosas. Essa funcção si elle já não exerce completa a exercerá em breve: e eu ouso vaticinar que será grandemente benefica dando ao historiador futuro motivos para alegrar-se de que o Ceará houvesse produzido esse bellissimo specimen de homem, meigo como affirmam todos, principalmente cheio de probidade tanto no aprender como no ensinar.

A obra de Tobias em suas mãos humanisou-se. A philosophia moderna sahiu das regiões dos trovões e das tempestades para penetrar nos amenos vergeis da temperança e do amor. Clovis Bevilaqua imprimiu-lhe logo a serenidade de sua indole e como Hermann Post, um dos seus melhores mestres, envolveu-a por mais arida que fosse na chlamyde de seu genio artistico.

Para esse resultado muito concorreu o previo desenvolvimento literario que o jurista cearense deu aos seus estudos.

Ha um livro de primicias, escripto quando o autor ainda era preparatoriano. Dado a estampa em 1894, esse livro é dedicado á esposa do escriptor e está saturado das ternuras que precederam ao enlace do feliz par. Clovis Bevilaqua vive actualmente para a familia, para os seus alumnos e para os seus livros. Fóra deste circulo a sua alma, ao que parece, se sentiria *dépaysée*. *As phrases e phantasias* dão eloquente testemunho disto. No fundo desses escriptos ha um voejar continuo para a tranquillidade do lar e para a contemplação da harmonia do universo como si este fosse a prolongação amoravel da familia. A alma do poeta que os compoz não tem por certo os raptos audaciosos de Hugo, nem a convulsão do estro apaixonado de Musset, mas branda, cordata, esperançada, ella philosopha sobre as pulsações do coração fazendo desse orgão a lyra em que tange a melodia do affecto. A prosa poetica de Clovis Bevilaqua lembra, *mutatis mutandis*, o timbre argenteo de Lamartine na *Graziella*; e si elle se dedicasse á ficção, é bem provavel que nos desse bellissimas pastoraes

no genero de Longus ou de Bernardin de Saint Pierre. Tal conceito justifica-se na leitura de *Miloca*, na *Hellenia*, *A morte do passaro* e a *A flôr de tuberosa*.

Semelhantes disposições affectivas explicam muita coisa que se ha de encontrar depois no modo do sociologista e jurista encarar certas questões.

Este tirocinio feito na literatura desenvolveu em Clovis Bevilaqua qualidades que iam servil-o como poderoso instrumento da communicação nos trabalhos que posteriormente emprehendeu. A cultura geral, demonstrou-o a pedagogia moderna, tem a grande vantagem de superactivar as faculdades imaginativa e de invenção, além de aperfeiçoar o dom de escrever e de compôr. Clovis Bevilaqua é o exemplo disto. O seu preparo literario, fundado em estudos regulares das sciencias physicas e naturaes, proporcionou-lhe visão nitida das coisas e arredou-o da rotina. Accresce a circumstancia de que, tendo sido em 1889 nomeado lente de philosophia do curso annexo á Faculdade de Direito do Recife, a regencia dessa cadeira o obrigou a fazer estudos mais profundos sobre a historia e methodos daquella disciplina. Em 1891 obteve a cadeira de legislação comparada, que ainda hoje occupa com brilhantismo excepcional. E' dessa epoca que data a sua verdadeira fecundidade. Appareceu o jurista-philosopho e desde então contam-se por mezes os seus triumphos como publicista.

Não me é possivel guardar aqui a ordem chronologica na apreciação destes trabalhos, senão a da respectiva publicação em livro e por ordem de materias. De 1891 até hoje Clovis Bevilaqua tem dado á estampa além dos dois volumes já citados (1) as seguintes obras: *Legislação comparada;*

(1) Ordem das publicações das obras de Clovis Bevilaqua anteriores a 1891: *A Philosophia positiva no Brazil; Estudos de direito e economia politica; Biographia do desembargador José Manoel de Freitas, e Epocas e individualidades.*

Direito das obrigações; Direito da familia; Juristas philosophos; Criminologia e Direito; Direito das successões.

Comecemos pelos seus ensaios publicados com o titulo de *Criminologia e Direito*. Como o proprio autor se encarregou de dizer, estes ensaios representam a primeira emoção com que elle abordou em epocas diversas de 1887 a 1894 as questões que fazem objecto dos respectivos artigos. O volume encerra estudos de direito criminal, principalmente no que entende com a responsabilidade dos delinquentes, inqueritos relativos ao principio de raças applicado ás questões juridicas e preciosas diversões sobre a philosophia do direito, evolução do conceito juridico e historia das instituições e dos costumes.

A leitura desse livro, graças ao calor e enthusiasmo com que o autor escreveu as suas diversas partes, é agradabilissima, attrahente, principalmente porque nelle se encontra a alma do jurista dominado da preoccupação unica de levar ao espirito de quem percorre a sua prosa, o esplendor da verdade das doutrinas, um fio perenne de concisão e de clareza, nunca perturbado por laivo siquer de hypocrisia.

Não ha em Clovis Bevilaqua a *pose* de que se resentem tantos eruditos ou publicistas de notoriedade incontestada. Ao contrario, a candura de que se serve para expôr as opiniões, que chegaram a integrar-se em seu espirito, toma proporções taes que se pode dizer que esse *charmem* já conseguiu ensinar o direito na sua secção mais arida com aquelle mesmo encanto e seducção que Michelet poz nos seus livros historicos.

A primeira conquista que essas paginas realisam em quem as lê é a da confiança. Não parece que se trata de um moço erguido á funcção de professor de altos estudos, mas de um verecundo pratico que ensina o caminho aos seus comparochianos.

A criminologia, hoje elevada á sciencia, é incontestavelmente um dos departamentos do saber humano em que o

espirito do charlatanismo mais tem exercido o seu officio nefasto. Todavia Clovis Bevilaqua pouco se occupa em mostrar a inanidade das pretenções dos que se têm arrogado o direito de subordinar o universo ao ponto de vista dos curandeiros e flibusteiros da sciencia.

No primeiro estudo, que se encontra naquelle livro, o critico limita-se a expôr com clareza a situação das duas correntes de opinião que se tem formado dentro da esphera positivista relativamente ás questões do livre arbitrio e da responsabilidade criminal, e mostra as razões porque sympathisa com uma dellas. Refiro-me á escola anthropologica e á escola sociologica. Com Alimena e Carnevale, Clovis Bevilaqua busca o criterio mais consentaneo da verdade e proximo dos seus estudos de jurista.

« A idéa de crime, diz elle, constitue uma *oppositio contraria* á idéa do direito. Si existe crime é porque existe direito e a idéa subversiva de um é como que a sombra da idéa constructora do outro. Nasceram conjunta e simultaneamente, têm vindo a rolar engalfinhados um ao outro, atravez das idades, transformando-se muitas vezes, em repercussão reciproca, e, si o direito já conseguiu dilatar consideravelmente seu campo de acção, não expulsou da sociedade nem jamais expulsará o elemento desorganisador que ella fermenta. » (1)

Isto posto, declara o jurista que é indispensavel attender ao conhecimento do modo por que o crime tem actuado sobre a organisação social e ao mesmo tempo ao estudo das evoluções biologica e juridica. Para que se possa chegar a resultado categorico e determinar a noção do crime é necessario previamente firmar a noção do direito : por seu lado ter-se-á de examinar como o direito luctou com as tendencias maleficas do homem e por outro em que grau de dependencia, nas

(1) Clovis Bevilaqua, *Criminologia e direito*, 1896, Bahia, pag. 13.

transmutações successivas, se tem mantido as formas criminaes com o idéal traduzido nas formas juridicas.

E' deste criterio que Clovis Bevilaqua parte para estudar a questão da responsabilidade. Como consequencia natural, seu espirito vê-se coagido a repellir as pretensões exageradas, da escola anthropologica, á qual aliás se deve a negação do livre arbitrio, a idéa de defesa social, o estado do delinquente e do delicto e de latitude da prevenção, e profliga a preoccupação dos que, não tendo meditado bastante o seu Spencer, ao que entende com a organisação discreta da sociedade, querem a tratar como si se tivesse diante dos olhos um verdadeiro animal ou um organismo continuo. Lembrarei aqui que a esta semelhante tendencia deve Fausto Cardoso o ter considerado a civilisação uma funcção do crime, paradoxo este, que estaria mui bem collocado num livro humorista de Machado de Assis, mas que deroga da severidade doutrinaria do autor da *Taxinomia social*.

A anthropologia, indo alem do que devia ir, seduziu os espiritos leves e as imaginações intertropicaes. As soluções tornavam-se faceis, e os processos por genericos pareciam dar resultados brilhantes; d'ahi a gana com que a maioria atirou-se a essa escola. Clovis Bevilaqua, porém, não se deixou por muito tempo imbuir dessa illusão, e buscou circumvalal-a. Assim elle não desconhece hoje que ha um «pathos criminogeneo» e contra o qual a pena no maximo dos casos nenhum effeito produzirá, e que com certeza o delinquente tem uma constituição physiologica adequada á eclosão do crime, pelo menos em sua generalidade;» todavia, por isso mesmo que considera os phenomenos psychicos fundamentalmente consonantes com os physiologicos, não pode deixar de attribuir á pena «uma poderosa força modificadora das condições geraes da criminalidade.» Dahi tambem a convicção de que a mesma pena «agindo sobre os individuos, com a continuação de sua acção, produzirá no organismo psychico, na consciencia da

especie, uma saturação dos principios que ella defende. » Outrosim, de tudo isto resulta que a repressão, embora busque directamente o criminoso, alveja por ultimo o grupo social, e attinge por tabella o delicto, que se pretende estirpar, e atacando de frente o individuo, modifica a collectividade, cuja moralidade se vai diuturnamente transformando.

Deste modo vê-se que Clovis Bevilaqua professa em criminologia uma doutrina que nada tem de acanhada, a qual nem recusa valor aos trabalhos anteriores, nem despreza as innovações dos obreiros da ultima hora. Não é simplificando os factos, de sua natureza complexissimos, nem deformando-os por commodidade, que se ha de chegar á verdade; mas o esplendor desta verdade ha de encontrar-se na simplificação do methodo, na precisão do seu emprego, e na paciencia da observação.

« Assim, diz elle, a concepção do crime subordinada á noção mais vasta do direito e esta á da sociedade como a da sociedade se subordina á do universo, os varios ramos do conhecimento humano que procuram determinar as leis que presidem aos phenomenos apparecem nesses departamentos da vida kosmica e social tambem se acham em subordinação correspondente, numa concentração harmonica de espheras, que se envolvem successivamente umas ás outras, do pequeno para o grande, do particular para o geral. » (1)

No que entende em particular com a theoria da responsabilidade as idéas de Clovis Bevilaqua não têm nugas. Com o citadõ Alimena e os escriptores pertencentes á mesma escola elle começa por unir pela synonimia os vocabulos *responsabilidade e imputabilidade*. Não abraçando por terminantes os conceitos de Garofalo, Kraeplin, João Vieira e outros, que, para resolverem as difficuldades postas pelo facto da responsabilidade, acharam mais simples supprimil-o, do que

(1) *Obr. cit.*, pag. 18.

interpretal-o, o professor da Faculdade de Direito do Recife procura cautelosamente supprir a lacuna cavada pela intelligencia humana entre o conceito do livre arbitrio e o da fatalidade das leis psychologicas.

A solução de Fouillée parece-lhe apenas engenhosa, quando diz que o espirito, embora escravisado por aquellas leis, creia a illusão da liberdade, isto é, «formando ella a idéa de liberdade, esta por sua propria força, por sua tendencia a actuar externamente, creia o facto que ella representa, creia a liberdade.» (1)

Todas as tentativas de resurreição do livre arbitrio, tal qual o comprehendia a escola classica, tem falhado, affirma Clovis Bevilaqua. Conforme pondera o illustre Bain, a idéa de liberdade sempre foi desastrosa na explicação theorica da vontade, de onde a todo transe devemos expulsal-a substituindo-a pela noção clara do que se chama aptidão (*ability*), e, quando muito, se deve aceitar a conciliação proposta por Baldwin, psychologo este que, embora reconheça não haver escolha sem motivos, attesta que a determinação nunca é adequadamente representada por nenhum dos motivos presentes, mas confunde-se como deliberação numa synthese de todos esses motivos ou na prelação de uma actividade *sui generis*, sem analogia com a composição das forças physicas. Nestas condições «a escolha livre é, em cada caso, condicionada por seus elementos, mas não é, em caso algum, causada por elles.» (2)

Analysando a *Criminologia* de Garofalo e os principios em que este tratadista faz assentar a sua concepção, acha Clovis Bevilaqua que, como bases de doutrina, a conservação e defeza sociaes, o crime considerado «como offensa dos sentimentos constitutivos da parte fundamental e universal

(1) *Obr. cit.*, pag. 30.

(2) *Obr. cit.*, pag. 31.

do senso moral contemporaneo,» e a reacção penal como correlativo, são de uma clareza maravilhosa. Mas o seu espirito justo não lhe permitte permanecer nessas generalidades. O criterio nú da temibilidade não se lhe apresenta como decisivo. Para elle o problema da responsabilidade continúa imminente a todas estas explicações, e á sua intelligencia impõe-se a necessidade de uma noção mais clara e satisfactoria.

Seduzem-no as explanações de Tarde e Paulhan. O primeiro deduz a responsabilidade da «combinação de dois elementos, a identidade individual e a semelhança social» e o crime da ruptura do vinculo creado por estes habitos, ou da insurreição do agente contra essa dupla solidariedade do individuo comsigo mesmo e com o grupo em que vive e que constitue a sua atmosphera moral.

Clovis Bevilaqua, entretanto, acha ainda assim que «na idéa de responsabilidade existe alguma coisa alem dos dois elementos apontados, e que elles são condições da responsabilidade.» O jurista cearense dil-o qual seja, acompanhando neste ponto a doutrina de Paulhan. Esse elemento complementar da interpretação tardeana, é a volição clara, junto ao conjunto de idéas e sentimentos do sujeito, encadeada á previsão das consequencias do acto praticado. «Si esta coordenação é completa e perfeita, a responsabilidade attinge o seu maximo grau; em caso contrario, diminuirá progressivamente até estinguir-se.» (1)

As consequencias que naturalmente decorrem de semelhante ponto de vista são humanas, fortalecem a justiça, elevam o seu conceito e arrancam o direito penal á brutalidade do systema de eliminações preconisado pelos theoristas amigos das soluções peremptorias.

Pode-se calcular quanto este instrumento de critica nas mãos de Clovis Bevilaqua consegue dulcificar a doutrina e

(1) *Obr. cit.*, pag. 43.

illuminar o espirito dos seus discipulos, inclinando-os ao mesmo tempo para a bondade que transuda de uma sciencia nunca indifferente á fragilidade humana.

No livro, de que vou aqui dando noticia, encontram-se ainda outros estudos de grande valor.

O estudo, por exemplo, sobre a criminalidade no Ceará é um trabalho original e suggestivo, o qual, embora calcado sobre dados estatisticos incompletos, lança grande luz sobre phenomenos ethnicos até hoje despercebidos no Brasil.

Os que se intitulam — *Da concepção do direito como reflectora da concepção do mundo, Sobre a philosophia juridica, Introducção á historia do direito e Formula da evolução juridica,* dão a chave do espirito do autor como philosopho. Nestes eloquentes artigos está resumida a theoria do jurista inspirado no movimento universal. Agnostico da boa escola, evolucionista sem materialismo, Clovis Bevilaqua, cedo convenceu-se, nas paginas de Sumner Maine, Hermann Post e Spencer, de que o direito é um episodio da vida universal e não pode ser comprehendido senão á luz das leis geraes reguladoras dos phenomenos indistinctamente ; que ao jurista philosopho cabe distinguir nos factos, nos costumes, nas leis escriptas o que pertence directamente á actividade humana reflectida, do que nessas leis, nesses costumes, nesses factos se deposita como residuo da acção collectiva da reacção, dos instinctos e de outras influencias mais longinquas ; que finalmente para conhecer com exactidão essa vida juridica e reconstituil-a em beneficio do futuro ou reagir sobre ella por meio de um ideal fundado na verdade e de accordo com as necessidades physicas da especie humana, é indispensavel estudal-a não só nas formas primitivas, que « potencialmente contêm todas as formas tomadas mais tarde pelo direito », mas tambem na comparação dos specimens actuaes, desde o hottentote até a União Americana, a Inglaterra e a Allemanha, sem mesmo esquecer a analyse

das analogias sorprehendidas nas colmeias dos animaes inferiores.

Na faina de concorrer com o seu contingente para essa sociologia geral a que se refere Hermann Post e da qual dependerá a jurisprudencia do futuro, Clovis Bevilaqua reuniu ao livro de que me occupo uma noticia sobre as instituições e costumes juridicos dos indigenas brasileiros ao tempo da conquista, no qual se confirmam ainda uma vez as leis de unidade juridica da natureza humana.

II

Data de 1893 a publicação, em 1ª edição, do *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado* de Clovis Bevilaqua.

Este trabalho faz epoca na vida do jurista cearense, porque, si até então elle mostrara aptidão para as questões philosophicas e literarias, desde o dia daquella publicação tornou publica a sua capacidade para emprehender entre nós obra semelhante á realisada por seu mestre Hermann Post na Allemanha.

Não cabe neste perfil de Clovis Bevilaqua, feito ás pressas, como quem viaja em estrada de ferro, atravez de uma região farta de leivas e propriedades ruraes, dar uma idéa senão perfunctoria daquelle livro interessante, hoje em segunda edição.

Deve-se calcular que o professor de direito, applicando os principios já nossos conhecidos ao estudo da legislação civil do seu paiz, em confronto com a estrangeira, não podia senão fazer progredir a jurisprudencia nacional; e o fez, porquanto, até o seu advento, os trabalhos congeneres no Brasil se tinham limitado á opposição ou conformidade material dos textos.

Clovis Bevilaqua nas suas lições foi mais longe. Procurou a lei de adaptação dos institutos juridicos alienigenas e o segredo da fusão desses institutos com os nossos, isto é, com os de origem portugueza, deformados pelos costumes coloniaes, pelos da escravidão africana e até indigenas. E' assim que elle divide os povos em creadores e imitadores. Creadores são todos aquelles a quem as circumstancias, juntas ao surto nacional, tem permittido manter a tradição e desenvolvel-a por sua conta. A esse phenomeno dá o autor o nome de *idionomia*. A' classe dos imitadores pertencem os que, não tendo a mesma força productora, são obrigados pela superioridade da legislação exotica a admittil-a, eliminando ou modificando profundamente as creações proprias. A esse segundo phenomeno denomina *allotrionomia*.

Evidentemente, por transplantação e imitação, o Brasil juridico pertence ao grupo occidental ou moderno, que, na phrase do jurista cearense, não passa de uma « combinação terciaria de elementos geraes ou universaes, elementos nacionaes ou proprios e elementos estrangeiros ». (1) Rigorosamente o autor devera classificar-nos já como uma combinação quaternaria, attento o espirito novo que invade a legislação americana em opposição ás nacionalidades européas. Seja, porém, como for, Clovis Bevilaqua concretisa estas nações com relação ao Brasil do seguinte modo: elementos vindos do direito romano e vehiculados por toda a legislação do occidente, incluidos nelles não só as tendencias juridicas do grupo ariano e os rudimentos a que obedecem todos os povos da terra; elementos tomados por emprestimo aos povos cultos militantes, principalmente ao francez, no que diz respeito ao direito civil, e, na actualidade, ao americano no que interessa ao direito constitucional: por ultimo os productos da nossa inventiva juridica, ainda timida, mas

(1) Clovis Bevilaqua, *Legislação comparada*, pag. 37.

que, em todo caso, já apresentam alguns pontos de originalidade.

Como exemplo dessa elaboração original Clovis Bevilaqua cita, entre outros, o nosso antigo codigo criminal, organisado por Bernardo Pereira de Vasconcellos, no qual se nos deparam modificações do codigo penal francez, a par de disposições novas, que não acham similares nos codigos anteriores.

No decurso das alludidas lições o professor empenha todos os seus esforços para tornar bem visiveis os casos de formação idionomica do nosso direito patrio; e não se lhe pode senão louvar o trabalho, por sua vez original, difficil e de consequencias valiosissimas para o surto da jurisprudencia nacional, porquanto taes divergencias não são caprichosas; ellas surgem sempre para satisfazer necessidades mal esboçadas; si contrariadas, fazem soffrer o organismo nacional; si afagadas, favorecem o seu progresso. Logo, pois, que os juristas se preoccupem com o phenomeno, e o ajudem a manifestar-se, comprehende-se até que ponto pode chegar o seu crescimento.

Como já fiz ver anteriormente, a cadeira de legislação comparada foi o felicissimo ponto de partida para essa brilhante viagem emprehendida por Clovis Bevilaqua atravez dos institutos juridicos nacionaes.

Disse eu algures que o *Direito da familia*, publicado em 1895, honraria qualquer nação civilisada. Não sou jurista, não tenho competencia, nem estudos especiaes para dizer sobre trabalho tão ponderoso; todavia, auxiliado pela reminiscencia de leituras sobre a materia e pelo residuo dos trabalhos que outr'ora emprehendi no foro, quando advogava, ousarei dar, pelo menos, a impressão que me deixou não só este livro como o *Direito das obrigações*.

Nas palavras iniciaes do *Direito da familia*, diz o autor, que á obra do conselheiro Lafayette solicitara continuamente subsidios para a composição do seu tratado, o qual não

vinha « pedir-lhe meças, porém, simplesmente apresentar uma outra forma de pensamento ». A differença de methodo, não obstante, sem offensa á modestia do joven professor, deu-lhe ensanchas para instituir um trabalho novo.

A parte historica do livro é escripta com estylo e attrae o leitor numa visão nitida da genese da familia. De certo que não encontrará sorprezas quem estiver familiarisado com as construcções de Spencer, Sumner Maine, Fustel de Coulanges, Westermarck, Mac Lennan, Lubbock e outros. Não se trata, porém, de descobrir regiões inexploradas, mas de saber si o professor conseguiu fazer sentir as doutrinas que esposou. Sob este ponto de vista os novos methodos applicados á exegese dos textos do direito patrio sobre a familia, nada deixam a desejar. O nosso direito tornou-se mais claro e as suas deformações muito mais apreciaveis.

Uma coisa notei logo ás primeiras paginas do livro. Clovis Bevilaqua, apezar da complexidade do assumpto, não perdeu a sua natural cautela diante da variedade de opiniões, no que entende com as diversas formas que têm tomado as relações entre os conjuges e os filhos. E' assim que, com Westermarck, o autor do *Direito da familia* não se embarca na phantasia do matriarchado e vae buscar os verdadeiros antecedentes do instituto moderno no eixo da raça humana por onde se seleccionou a cultura que hoje reage sobre os desvios oriundos das nossas raizes animaes. A gynecocracia não devia, pois, assignalar-se na historia da familia senão como uma dessas caprichosas discussões em que foi tão fertil a Escolastica, e que encheram de tão grandes enthusiasmos os *sorbonagros*, cuja psychologia encontramos nas obras do divino Rabelais.

No ponto de vista social, o que mais interessa no livro é a instituição do casamento.

Si é verdade que no estudo da legislação, segundo o methodo historico e comparativo, assumem immensa importancia

as tradições e factos ethnicos, e o meio ambiente, grande reflector e suggestor das acções humanas, não menos certo parece que, tratando-se de um phenomeno dominado pela reflexão, não só na objectiva da consciencia social, mas tambem na da individual, o casamento, como todos os demais institutos juridicos, passa a ter mais ligações com o futuro, com o seu aperfeiçoamento, do que com o passado. Sabemos hoje tanto quanto basta para dirigirmos a nossa acção nas relações da familia, sem violar as leis da natureza; consciente, porém, o homem do que vale, do que pode, certo dos limites que as condições da vida social lhe impõem, resta-lhe conceber o *quod opportet*, que os romanos tão sabiamente applicaram á manutenção do seu organismo politico, mas que na actualidade transfere-se a um campo mais vasto não só interessante ao socego de cada povo, mas tambem ao das nações, para não dizer da humanidade.

Basta este enunciado para ter-se a justificação do casamento civil, tal qual o adoptou a Republica Brasileira.

A legislação anterior, producto hybrido das ligações da Igreja com o Estado, era a anarchia. As excepções creadas por varias leis e aceitas pelo poder ecclesiastico que fazia tamanho cabedal do sacramento inicial, não conseguiam senão desmoralisar o mesmo sacramento. O decreto de 24 de janeiro de 1890, como bem pondera Clovis Bevilaqua, veio pôr termo ás meticulosidades com que até ahi se consentia na intervenção do poder civil nessa materia melindrosissima.

Não cabe aqui occupar-me de todas as partes do livro senão sómente tocar de leve no ponto capital da obra, isto é, no que actualmente mais interessa á opinião em movimento. Quero falar do divorcio.

Sem embargo da extensa curiosidade mental de Clovis Bevilaqua, o seu espirito não se deixou seduzir pelas conquistas da propaganda feminista, nem pela influencia das *spinsters* tão estigmatisadas por Ferrero. O equilibrio da familia

não pode existir sem a equitativa distribuição das funcções conforme os sexos. A affectividade da mulher completa o instincto de commando do homem. Invertidos estes factores, dar-se-ia na familia uma perturbação igual á que se dá na moralidade do individuo, quando entregue a vicios contra a natureza. Degradam-se ambos.

Ha muito tempo que a poesia realisou pelo amor o typo organico do casamento indissoluvel, em que homem e mulher não formam senão um todo harmonico e inseparavel. Homero pintou-nos o casal de Ulysses e Penelope ; o autor do *Sacountala* estasia-nos diante da perfeição de um outro casal ainda mais poetico ; e em cada povo encontrar-se-á a mesma idéa do forte junto ás perfeições do coração procurando realisar-se na poesia. O que a humanidade pretende alcançar em materia de casamento, portanto, já de longo tempo existe formulado. Os legisladores não têm feito nos paizes civilisados senão colimar esse *desideratum*, atravez das difficuldades que as revoluções, as religiões e os interesses politicos oppõem, de vez em quando, a essa pretensão; e, si no actual instante, ha quem perturbe essa tendencia, é isso devido unicamente ao conflicto imminente entre as classes dirigentes e os desclassificados. O casamento livre seria uma bellissima instituição, si o homem se houvesse já convertido em anjo. Infelizmente, porém, a raça humana para progredir e manter os resultados da cultura anterior, não prescinde ainda de um poder coercitivo. O mundo não é ainda um dourado valle de Cachemira, em que a paz haja descido para dispensar-nos de estatutos, tribunaes e soldados que garantam o homem-anjo contra o homem-lobo de Hobbes. Nas ruas e nas estradas ainda vagam bandos de tigres, raposas e chacaes, ferozes, uns, por natureza, outros, por terem fome, aos quaes não se dá de saltarem sobre os mansos, apenas desappareça o policial, que afinal de contas não deixa de ser um chacal *apprivoisé*.

Estas observações, que me foram despertadas pela leitura do *Direito da familia*, conduzem-me naturalmente ás paginas em que Clovis Bevilaqua se occupa do divorcio.

O jurista cearense hesita entre os dois remedios offerecidos pelas legislações modernas para resolver o conflicto matrimonial: a separação perpetua e o divorcio *a vinculo*. No que diz respeito á primeira, elle não dissimula quanto o injusto constrangimento do conjuge innocente e a necessaria contracção de relações illicitas e de filhos extramatrimoniaes deve ser perturbadora da moralidade e da vida social. A solução radical, porém, não o seduz, em these, por lhe parecer um aceno a frequentes desuniões, quando é certo que «a missão do direito cifra-se em canalisar os impulsos humanos para os fins da conservação e do bem estar social que não reduz-se sómente á procreação que postula a necessidade da duração da união sexual humana.» (1)

Forçado, todavia, a escolher um dos dois caminhos, julga preferivel «permittir o divorcio com a maxima parcimonia, em casos graves e taxativamente limitados pela lei, interdizendo-se ao conjuge culpado contrahir novas nupcias.» (2) Esta permissão ainda assim só se deve extender áquelles povos cujas condições de vida o exigirem « de modo inequivoco. » A sensibilidade do philosopho cearense não consentiu que o jurista encarasse esta questão de um ponto de vista decisivo. A respeitabilidade actual da familia brasileira se lhe afigura um embaraço á expansão do principio do divorcio *a vinculo*, e quiçá ameaçada em seu socego por uma innovação talvez prematura e entontecedora.

Não lhe queiramos mal por isso, porque o tempo, com a experiencia, se encarregará de mostrar que, na propria França, aonde a instituição do divorcio tem produzido tantos

(1) Clovis Bevilaqua, *Direito da familia*, p. 357.

(2) *Obr. cit.*, p. 359.

escandalos pelo abuso dessa medida salutar, os continuos requerimentos de divorciados não vêm senão provar o vicio do regimen anterior, e a incoherencia com que se estabeleciam esses vinculos perpetuos sem o cimento das virtudes exigidas para a constituição da familia. O divorcio, pois, naquelle paiz appareceu a tempo de desmascarar a hypocrisia domestica e a base falsa em que os costumes burguezes haviam posto estes negocios de matrimonio — quando se dizia, pela cançoneta cynica da opera bufa, *casar com mulher sem dote era remar contra a maré*. Não ha duvida, conforme affirma o autor do *Direito da familia* que depois do restabelecimento do divorcio em França a duração media dos casamentos dissolvidos não excede de 12 annos; mas não devemos esquecer que aquelles que têm recorrido a este extremo não passam de evadidos do regimen de familia, e que esta nada lucraria em conserval-os arruinando-a por modo muito mais corrosivo, como cancros profundos que só se tornam visiveis pela morte.

Passemos ao *Direito das obrigações*. Este livro, no dizer dos competentes, representa a culminancia do talento juridico de Clovis Bevilaqua, e, segundo esse parecer, é incontestavelmente um livro magnetico. Tratando-se como se trata da parte mais arida e complicada do direito civil, era de esperar que fosse das obras de Clovis Bevilaqua a que encerrasse menos attractivos. Pois deu-se inteiramente o contrario.

O tratado do *Direito das obrigações* prova que uma das mais formidaveis conquistas do espirito moderno foi o methodo da simplificação das idéas e dos resultados da experiencia pela illuminação philosophica. Não ha sciencia, não ha materia de estudo, por difficil que pareça, que não possam ser reduzidas a estados de consciencia nitidos e perfeitamente definidos. A obra prodigiosa da escola evolutiva reside principalmente nisto: no exterminio das hypocrisias universitarias tornando os resultados obtidos pela sciencia accessiveis

ao vulgo. Esta revolução pedagogica, que se pode dizer foi iniciada verdadeiramente por Kant na introducção da sua *Critica da razão pura;* esta revolução é o producto do methodo que consiste em familiarisar o homem com as leis naturaes. Hoje não ha quem ache embaraço em comprehender a physica e a chimica: porque? Porque estas sciencias estão reduzidas aos seus principios philosophicos e quem diz philosophia diz intimidade com os phenomenos logicamente coordenados. Qual a razão porque não se havia de dar o mesmo com as sciencias sociaes e juridicas? Por serem os phenomenos a que ellas se referem mais complexos, mais obscuros? Mas a philosophia justamente opera sobre o cahos das idéas, das noções desconnexas, para dar-lhes eixo, orientação e luz.

A gloria do dia de amanhã será esta: as noções do direito civil ensinadas nas escolas primarias com o mesmo exito com que hoje já se preparam os alumnos nos elementos das sciencias physicas e naturaes. Para este fim trabalham os que como Clovis Bevilaqua transformam o ensino do direito numa continuidade da noção do Universo.

Para quem está habituado a ver no direito, principalmente no direito contractual, um producto do capricho e da convenção, o livro do professor de legislação comparada da Faculdade de Direito do Recife será uma sorpreza. Esta sorpreza irá, porém, desapparecendo á proporção que fôr se adiantando na leitura da obra e verificando em como toda essa construcção, que constitue hoje o que se chama o credito, tem suas raizes no passado, no mais longinquo passado do homem, obedece como instituto a leis inelutaveis, recebeu durante a vicissitude as formas intermedias que vão da semente á arvore florida e que nada nella existente actualmente deixava de ser efflorescencia de rudimentos, confusos, é verdade, mas, nem por isso, menos verdadeiros na sua forma cahotica do que na differenciada pela evolução do conceito juridico e da technica posterior. E verificará que,

si chegamos á comprehensão nitida do que é o phenomeno da obrigação no sentido restricto, isto é, como diz Clovis Bevilaqua, «a relação transitoria do direito que nos constrange a dar, fazer ou não fazer alguma coisa economicamente apreciavel, em proveito de alguem, que, por acto nosso ou de alguem comnosco juridicamente relacionado, ou em virtude da lei, adquiriu o direito de exigir de nós essa acção ou omissão,» foi preciso atravessar muitos seculos e passar por muitas lutas e vicissitudes.

Não é a um acto espontaneo da vontade que o homem deve o vinculo em que reside a base do direito das obrigações. O vinculo estabeleceu-se por força de tendencias de ordem social e psychologica. Como todas as outras relações formativas da contextura da vida humana, o vinculo contractual começou por pressão exterior, imposto pelas primeiras necessidades, vago, talvez sobrenatural, envolvendo o individuo e supplantando-o como quantidade minima no torvelinho das urgencias resultantes do viver collectivo e promiscuo do clan. Este aspecto da vida, porém, devia como todos os outros desenvolver-se buscando attingir as fulgurações da consciencia individual.

A civilisação tem tido essa marcha continua. O homem libertou-se primeiro das fatalidades materiaes, que o jungiam á condição de puro animal; a colmeia humana para logo o absorveu; começou a lucta pela liberdade; e esta não se accentuou emquanto o conceito da dignidade de cada um, como ente responsavel, não poude emergir do globo moral em que a solidariedade do grupo, da tribu, do clan, adquirira cohesão como si fosse uma pessoa. De sorte que aquillo que se faz hoje artificialmente e a que damos o nome de pessoa juridica, precedeu como responsabilidade á pessoa individual. A alma humana tambem tem a sua nebulosa.

A evolução, todavia, desse conceito, no que elle tem de propriamente juridico, pois que os gregos já haviam elaborado

o conceito politico e o artistico, só appareceu, tornando-se palpavel, quando a sabedoria romana, por seus jurisconsultos encarregou-se de formular leis e preceitos de accordo com os factos e pleno conhecimento dos phenomenos positivos. Theoricamente então se soube que o *vinculum juris* obrigacional se distinguia fundamentalmente do direito real. Outrosim, só então se abrigou a personalidade humana das violencias que a titulo de garantia se impunham á pessoa do devedor, cujo patrimonio passou exclusivamente a responder pela execução do promettido.

Para que esta concepção chegasse á perfeição moderna, abstracta e mobil, em que a coacção pessoal se reduz ao minimo, ainda foi preciso o elaborar diuturno dos jurisconsultos influenciados pelas novas doutrinas. No dizer de Cogliolo é verdade que « o vinculo prende duas ou mais pessoas entre si no intuito de *aliquid dare vel facere*, mas não menos certo é que essas pessoas não são sómente aquellas que o contrahiram, mas quaesquer que lhe hajam tomado o lugar, de sorte que as pessoas, entre as quaes existe o vinculo, são genericas, não individuaes e por isso a obrigação vive independente dellas, (1) conceito já muito differente do de Savigny que mantinha fragmentos da personalidade ainda sujeitos ou escravisados á vontade do credor.

Do conceito transacto decorria a prisão por dividas e outros vexames inuteis que por muito tempo vigoravam nas proprias legislações modernas. Ao contrario disto, porém, as tendencias actuaes levam-nos até ao *homestead*, brilhante concepção fundada no principio de que a actividade humana é inviolavel, que a segurança do credito não a deve destruir; e que só na região do crime se pode justificar a sua subita paralysação pelo mandado judicial. Ainda mais, não é só a inviolabilidade da actividade, é tambem a do abrigo

(1) Clovis Bevilaqua, *Direito das obrigações*, p. 7.

indispensavel no seu exercicio e dos instrumentos de trabalho sem os quaes esse exercicio torna-se impossivel.

Não me occuparei aqui do que ha de encantador no livro de Clovis Bevilaqua, quando explica o fundamento philosophico das obrigações, de accordo com Stuart Mill, buscando-o na necessidade em que está a sociedade de supprir a natural tendencia dos homens para a falta de fé e consequente ausencia de confiança mutua. Os caprichos que se referem a este assumpto, bem como aquelles em que o autor trata da evolução dos direitos obrigacionaes, são magistraes e dão o maximo relevo ás investigações de Sumner Maine, Hermann Post e von Ihering.

A parte do livro que se occupa das consequencias da inexecução das obrigações, v. g. penhora, acção de perdas e damnos, fallencia, podia, entretanto, ser mais desenvolvida, e nesse ponto as imperfeições da legislação actual, nos povos ainda os mais cultos, em que a sciencia ainda não conseguiu expungil-a de sobrevivencias medievaes, dos residuos do direito senhorial e de outras, prestava-se a uma critica saluberrima para a qual o espirito philosophico de Clovis Bevilaqua está perfeitamente apparelhado.

E' bem provavel, porém, que o jurista cearense tenha reservado estas considerações para quando vier a tratar especialmente da hypotheca e outros phenomenos juridicos de ordem creditoria, que não se acham incluidos no quadro restricto do livro de que me occupo neste instante.

Bellissimas paginas são as que, explicando o regimen dos contractos, o põem na categoria dos instrumentos, não só de aperfeiçoamento social, mas de pacificação dos interesses. O jurista mostra em como esse regimen, começando pela violencia, hoje não é concebido fóra da troca legal, voluntaria, complementar da actividade de cada um segundo o seu trabalho e da expansão commercial ou livre cooperação,

presidida pela justiça, aliás ainda pouco respeitada por governos militares e gananciosos.

O estudo do que se pode chamar a psychologia do contracto, traduzido nas diversas formas a que o empirismo sujeitou essa expansão da personalidade humana, é feito com carinho e com amor de verdade. Os momentos de elaboração interna ou meramente psychica e os da elaboração externa forneceram assumpto a considerações de tão alto valor e são analysados com tal clareza, que depois de lidos os paragraphos que a esta materia se referem, não é mais licito ignorar o significado preciso das modalidades que a diuturnidade das relações desta natureza tem deixado impressas na legislação.

Descripta a genese do contracto, desde o momento em que se elabora na mente de uma das partes o projecto de proposta até que, convertido em volição, invade a esphera da vontade alheia e se resolve no consentimento desta, ha uma serie de questões implicita e nitidamente reduzidas. Comprehende-se, por exemplo, como e porque o bom senso pratico exigiu a insinuação nos casos de doação. Não existe munificencia onde se dá coacção e para que um acto de tamanha delicadeza possa ser aceito como perfeito, é indispensavel que se estabeleça a preliminar de que o doador não é victima de uma violencia ainda mesmo de ordem moral — uma suggestão maligna. Assim tambem vê-se immediatamente porque o erro essencial vicia qualquer contracto: bem como o dolo — a *calliditas, fallacia, machinatio ad circumveniendum fallendum, decipiendum alterum, adhibita* de Ulpiano, incluindo nessa especie as inhibições produzidas pela obediencia dos hypnotisados, a violencia actual, o exercicio da força moral irresistivel e a simulação em todas as suas formas.

O autor não revela menos perspicuidade quando aprecia a lesão como fundamento da resilição nos contractos. Baseado o preceito na commiseração que os desprotegidos da fortuna e os aguilhoados pela necessidade sempre mereceram dos

legisladores e dos jurisconsultos, pode-se definir, penso eu, a lesão como oriunda do mesmo sentimento de descoordenação que leva o homem ao suicidio. A lesão, pois, é o suicidio do patrimonio, que deixou de ser garantido pela previdencia ou pela integridade social do sujeito. A lei corre em soccorro dos miserandos que foram assim levados a propor ou a aceitar alienações destructoras da propria substancia da vida patrimonial. Flagellos meteorologicos, seccas, epidemias, guerras, perturbações economicas, produzem fatalmente o augmento da esphera dessas transacções lesivas. E não seria equitativo que os contractos realisados dentro dessa atmosphera juridica doentia fossem respeitados, embora só a moral attinja os que auferem lucros em taes momentos; bem como não o é que se deixe de considerar as excepções que nesta especie se reproduzem na vida normal e até se systematisa pelos conhecidos aspectos das casas de prego, rebatedores de ordenados e outras tripotagens exploradoras da miseria social.

Fazendo a historia da legislação concernente, Clovis Bevilaqua, todavia, premune-se contra o sentimentalismo que levou alguns legisladores a exagerações funestas, nas quaes a liberdade de transigir chegou a ser ameaçada e substituida pela repugnante tutela do Estado no commercio, o que constitue um maleficio ainda maior.

A mesma critica poder-se-ia fazer quanto ao modo de encarar os vicios redhibitorios.

Não são menos instructivos os paragraphos que se referem á forma dos contractos. Os debates mais intrincados e em que a metaphysica do direito mais se tem alargado no fôro, são os que nascem da forma desses actos. De ordinario é por onde a má fé das partes e dos patronos costumam falsear a discussão e confundir a razão natural da existencia do acto.

«Ha formas intrinsecas ou visceraes, como bem diz Clovis Bevilaqua, que constituem a parte interna e essencial dos

contractos, como, por exemplo, a vontade das partes; e ha formas extrinsecas, que são as exterioridades que affectam os actos juridicos ao se concretisarem pela celebração ou que devem assumir para serem provados.» (1) A regra é que a existencia da transacção pode ser provada por todo o meio de prova. E' intuitivo, porém, que na cumplicidade do exercicio dessa funcção humana, casos ha em que o legislador deve intervir, prescrevendo a forma previa e substancial de transacção, á qual teriam de sujeitar-se os contractantes, sob pena de não poderem nunca pedir o mandado judicial. Nestas condições, a forma externa «consubstancia-se com o elemento interno, anatomico do contracto, applicando-se em seu pleno vigor a maxima — *forma dat esse rei.*»

O conceito nesta materia é clarissimo; e não existirá rustico, a quem propondo-se a questão não declare peremptoriamente quaes os ajustes em que pela sua natureza e complexidade a escriptura seria indispensavel, aonde, por exemplo, o proprio depoimento dos interessados de boa fé tornar-se-ia duvidoso, vacillante, senão incerto, quanto ao ajustado ou á responsabilidade formidavel e irreparavel firmada pelo acto imporia o solemne apparelhamento previo do direito.

III

Dei em ligeiros traços a feição do livro interessantissimo de Clovis Bevilaqua, sobre o direito das obrigações; resta-me agora falar sobre as suas ultimas publicações: os *Juristas philosophos* e alguns dos ensaios que formam o volume a que este esboço vai servir de prefacio.

Os *Juristas philosophos* são rapidas *silhouettes* feitas sobre os autores, que, na opinião do professor da Faculdade de

(1) *Obr. cit.*, pag. 206.

Direito do Recife assignalam os momentos decisivos da philosophia do direito e das suas transformações como concepção, ou sobre «os nomes typicos, representativos de uma nova forma do pensamento juridico, quando não creadores de uma phase nova da sciencia.»

Trabalho nos moldes predilectos de Clovis Bevilaqua, de illuminação sentida do passado, embora não pretenda os foros de substancial, esse livro constitue uma leitura agradavel e ao mesmo tempo util.

Na introducção o autor faz um lucido bosquejo da historia do direito, da jurisprudencia, desde os precursores gregos até os ultimos germinantes. Tornando saliente, neste percurso, a lucta incessante em que a concepção juridica se deixou envolver, na companhia, ora do idealismo, ora da tendencia opposta, e o papel positivo que os juristas de Roma representaram na constituição desse mundo extraordinario, o historiador mostra como, depois da derruição do imperio, as nações delle oriundas, reconstituiram-no sobre as suas ruinas, os effeitos que sobre esses *membra dejecta* produziu o direito wisigothico, e por ultimo em como a sciencia do seculo XIX, expungindo o direito natural platonisado pelos juristas dos seculos XVII e XVIII, por ultimo estudadas as origens e as relações actuaes do direito por toda a face da terra, conseguiu reunir o passado e o presente num corpo de doutrina, ao mesmo tempo solida, clara e ao accesso de todas as intelligencias pelo seu accordo com as leis da natureza.

Esta viagem atravez da historia e da sciencia é veloz de mais, tem comtudo a vantagem de fornecer ao leitor uma visão de perspectivas largas e a cavalleiro dos valles como essas que se observam correndo pelos visos das montanhas.

O corpo do livro occupa-se com a vida das idéas de dois philosophos juristas antigos, Cicero e Montesquieu, dois contemporaneos, estrangeiros, Ihering e Hermann Post, e dois nacionaes, Tobias Barreto e Sylvio Roméro.

Não inquirirei porque o autor dos escorços limitou a tão poucos nomes a sua collecção, e porque não comprehendeu nella Bacon e Bentham, para não falar em Sumner Maine e outras summidades decisivas no progresso da sciencia juridica e aliás inspiradoras dos trabalhos dos allemães acima citados.

A introducção suppre essa lacuna, e as predilecções justificar-se-ão pelo modo pittoresco no qual os juristas descriptos são postos em fóco no livro de Clovis Bevilaqua.

O perfil de Cicero fez-me saudades de um tempo, em que esse personagem muito me interessou e obrigou-me a assiduas leituras não só das suas obras mas tambem do periodo da historia romana que mais me attrahe ainda hoje. Houve um livro então que me deixou um sabor particular da vida que levavam os homens na cidade eterna. Refiro-me ao livro de Gastão Boissier — *Cicero e seus amigos*. Esta monographia é simplesmente evocativa; e por mais que se tenha lido Mommsen, Baudment, Middleton e Plutarcho, penso que não se pode prescindir desse trabalho para haver uma visão completa do mundo domestico ao tempo em que Cicero andava ás voltas com Pompeu, e com os seus outros contemporaneos. Li as suas cartas e a oração *pro Milone* e logo se me afigurou o pobre orador nas alternativas que constituiram as deliquescencias de sua vida particular e publica, e tambem os raptos de sua eloquencia, o seu amor ao estudo e a sua felicidade diante do caso de Catilina. Só ahi comprehendi o conceito de Plutarcho quando diz que Cicero foi uma criança pela bondade do coração, intelligente para tudo, mas amante de zombarias, quando senhor de si, ao mesmo tempo que pusilanime diante do olhar dos fortes.

E porque Cicero não fora senão um genio literario de caracter feminil supplantado sempre pela popularidade, um como artista impotente perante o applauso das multidões, vivendo dellas e pelo mesmo modo aterrado pela virilidade dos tyrannos, é que o enxergamos hoje, novo, no rigor da

expressão, junto aos rapazes nas reuniões da cortezan Clodia, velho com os proceres que o fulminavam com a autoridade do olhar de Catão, arrojado nas azas da oratoria quando esta se casava com o interesse dos senhores da situação, timido e inhibido até na dicção logo que via a turbulencia dos agitadores; a correr agora ao forum no meio de ovações estrepitosas, hoje triumphante, amanhan sumido, a perorar no Senado como si fosse a propria justiça contra uma conjuração; estarrecido pelo alto predicado de pai da patria que lhe davam, a fugir, sem deliberação, mais logo, ao aceno das armas de Cesar ou de Antonio; e por ultimo a deixar-se matar num resto de assomo de eloquencia; feliz e infeliz, tanto na vida como na morte, retinindo sempre como um instrumento vibratil ao sabor dos caprichos do meio em que vivia.

Podia uma natureza assim organisada ser um philosopho e um jurista no rigor da expressão technica?

Ninguem o affirmará. Cicero era um artista que tudo sabia de quanto se ensinava no seu tempo.

Clovis Bevilaqua assignala a fraqueza congenita do politico e concomitante ausencia dessa audacia e vigor moral indispensaveis para a realisação das grandes reformas do pensamento. Vivendo Cicero, como viveu, no tempo em que «começava a se operar a fusão da civilisação grega com a latina», (1) não fez senão vulgarisar a sciencia e a philosophia resultante dessa fusão, procurando aliás um eccletismo comparavel ao de Cousin. Dilettante, elle poz ao serviço das idéas o seu talento de escriptor e de orador, enfeixando em bellos ramilhetes tudo quanto a philosophia grega casada á jurisprudencia romana offerecia de mais perfumoso na sua epoca. Nesse ponto não teve quem com elle rivalisasse na antiguidade. Esse eccletismo, porém, concorreu para que a sua influencia fosse puramente oratoria. Os jurisconsultos

(1) Clovis Bevilaqua, *Juristas philosophos*, pag. 33.

seus contemporaneos, por isso que nas suas obras não havia um eixo forte, não se impressionaram profundamente com a sua pregação. Si Cicero não tinha convicções profundas como podia evangelisar ? Entre Platão e Aristoteles, a sua doutrina foi sempre fluctuante, si bem que o genio oratorio do primeiro o contivesse em suas malhas quasi sempre.

Encontro citado no estudo de Clovis Bevilaqua um facto que é sufficiente para caracterisar a pouca consistencia do pensamento ciceroneano: é a sua cobardia diante de Carneades, sophista arguto, brilhante, fascinador, falso como Judas, mas energico e que teria sido capaz de virar o mundo, si os romanos não lhe intimassem o silencio.

Para refutar Carneades teria sido preciso empunhar um instrumento de logica decisivo e fundado em factos, usar do que se chama a coragem philosophica e não temer ferir as conveniencias do seu tempo. Cicero não era homem para isto. Assim, pois, recuou no campo doutrinario, buscando esconder-se nos *faux-fuyants* de uma moral deliquescente. E quando o impetuoso philosopho de Cyrene dizia que o direito natural era uma chimera, elle em vez de preencher o vasio aberto pela argumentação do sophista grego no organismo do direito com o desenvolvimento que o empirismo romano dera á profunda concepção de Aristoteles, preferiu accusar essa falha real indicada nas prelecções do dito Carneades como uma armadilha de que todos deviam fugir.

O estudo sobre Montesquieu não é menos interessante do que este. Um timido, mas não glorioso; timido da sua pessoa, mas não de suas idéas.

Clovis Bevilaqua reconhece a justa e poderosissima influencia que este philosopho exerceu e ainda exerce sobre o mundo moderno. Basta lembrar os Estados Unidos e a formação do caracter scientifico dos patriarchas da Independencia e dos autores do *Federalista*. Si é verdade que as suas doutrinas, especialmente no que entende com a acção dos climas

têm soffrido modificações, não é menos certo que não ha hoje quem medite um pouco sobre leis e organisação politica que não sinta em si algum fragmento de Montesquieu. A atmosphera, pelo menos, em que giram as idéas organicas da vida social, foi obra sua: isto é, foi o autor do *Espirito das leis* quem tornou essa atmosphera respiravel.

Os verdadeiros carinhos de Clovis Bevilaqua, porém, voltam-se para os dois philosophos allemães, Rudolf von Ihering e Hermann Post.

Pela leitura dos escriptos relativos a estes juristas vê-se a grande influencia que exerceram no movimento iniciado por Tobias Barreto em Pernambuco e a larga contribuição que deram ao espirito do autor.

E merecem-o, porque incontestavelmente são dois espiritos brilhantes, profundos, e que conseguiram tornar o evolucionismo amavel mostrando em como a sciencia do direito, a que menos devia delle esperar luz, podia subitamente illuminar-se e de facto illuminou-se, tornando-se solidaria com o movimento universal.

Clovis Bevilaqua fez sentir, descrevendo a obra de cada um, em como ambos se completam.

O trabalho mais notavel do primeiro foi tornar palpaveis num estylo magico e percuciente as regras latentes do direito, inconscientemente applicadas, mas que nem por isso exercem menos poder complementando os preceitos expressamente formulados e que ligadas em grupos formam o que o mesmo Ihering chama « a ossatura do direito », isto é, as instituições juridicas.

A belleza do *Espirito do direito romano*, e que o faz essa obra differir, como bem pondera Clovis Bevilaqua, dos outros trabalhos sobre o mesmo assumpto, reside no criterio geral que levou o autor a não ficar na parte somatica do seu assumpto, na estructura anatomica do direito, mas a procurar a vida, o movimento, a dynamica; dahi a nova luz dos seus estudos.

Pode-se affirmar que Ihering fez no direito romano o mesmo que Michelet na historia; evocou a resistencia actual para poder vel-o funccionar e comprehender melhor as relações mortas da machina despedaçada, cujos residuos andam na tradição ou infundidos na legislação dos povos seus herdeiros.

Trabalho desta ordem só podia ser realisado por homem que ao mesmo tempo fosse jurista e dispuzesse de grande imaginação reconstructiva. Ihering estava predestinado para esta missão. Pertencente á mesma familia de temperamento dos Wolf, dos Niebuhr, dos Bunsen, dos Mommsen, elle sentiu-se apto para obra igual, encarou-a e realisou-a numa linguagem nobre, e usando de um estylo que não deixa duvidas sobre a effectividade de suas faculdades imaginativas.

Não ha quem não descubra desde logo os perigos que resultam do contacto com um temperamento desta ordem. E si bem que esse Michelet do direito romano evocando á vida os institutos antigos, os contornasse, jungido aos schemas de uma rigorosa critica scientifica, era inevitavel que o fogo da imaginação e a necessidade de ver tudo por concreto o obrigassem a deter-se nos paineis e a perder a perspectiva de uma nação em marcha.

Esta falta, que, até certo ponto, é compensada pelo vigor do pincel que induz ao erro, notou-a Clovis Bevilaqua, dizendo que Ihering « deixou a morphologia do direito quasi em olvido ». (1)

A Hermann Post, segundo o mesmo Clovis, coube a missão de suppril-a; e suppriu-a adoptando methodo differente, logicamente falando, embora sob a mesma inspiração.

Ihering deduzira do transformismo evolucionista de Darwin e Hæckel o organismo dentro do qual por meio de analyses psychologicas fez agitar-se depois a machina, a engrenagem juridica. Hermann Post se avantajou seguindo o caminho

(1) *Obr. cit.*, pag. 71.

opposto, — o methodo inductivo; e os seus estudos preliminares se realisaram nos mesmos termos pelos quaes já os mestres noutros ramos da sciencia haviam-o conseguido nas linguas, nas religiões, nas literaturas. Acreditava esse lucido professor que, desde o momento em que isto se fizesse, a sciencia juridica perderia a sua aridez e interessaria aos menos cultos.

Na opinião de Clovis Bevilaqua o engenho de Hermann Post não tem rival como resistencia e clareza. As profundas sympathias por este mestre são visiveis; e bem se percebe que o brasileiro delle tem recebido exemplos proficuos, si é que já não tem o direito de succedel-o na região em que o collocaram os seus dotes naturaes e a fatalidade geographica.

Não cabe aqui dizer mais sobre os dois allemães que proporcionaram ao autor do *Direito das obrigações* escrever tão bellas paginas.

A influencia que os dois juristas exerceram no Brasil é affirmada pelos estudos sobre Tobias Barreto e Sylvio Roméro, cujas obras são em grande parte eco intelligente do *Espirito do direito romano*, *Finalidade do Direito*, *Lucta pelo Direito*, *Jurisprudencia ethnologica* e *Fundamentos do direito*.

Clovis Bevilaqua foi iniciado por Tobias Barreto; e si não é hoje um discipulo seu no rigor da palavra, é pelo menos um successor, e, accrescentarei, um mestre, o que não era o autor dos *Dias e Noites*, antes propagandista apaixonado, não duvidarei dizer, genial. No seu trabalho, portanto, muito ha que attribuir á sympathia. Isto, porém, não impede reconhecer que o perfil desse illustre sergipano acha-se magistralmente traçado.

Ruidoso, temperamento de mestiço, pertencente á classe dos grandes ruminantes da imaginação, Tobias Barreto só não causou sensação no continente por ter vivido num circulo de onde o irradiar era impossivel. Conheci-o e, tendo assistido aos seus primeiros triumphos academicos, posso

attestar quanto se tornava absorvente a sua loquela e como a sua imaginação operava vertiginosamente nas massas e nos circulos escolasticos. Tobias poetava, então, no meio patriotico creado pela guerra do Paraguay. Pessoalmente poucas vezes communiquei com o sergipano. Elle pertencia a grupo de anno superior da Faculdade e além disto os cearenses dessa epoca não commungavam muito com bahianos e sergipanos, accrescendo que a *republica* que eu frequentava não se decidira pela poesia condoreira. Em compensação apanhei muitos trechos de conferencias feitas por Tobias nas rodas de estudantes, porque elle as fazia philosophando por toda parte, onde o provocavam, nos cafés, nas calçadas, nos corredores da Academia; e uma vez ouvi-o admirado falar, talvez durante uma hora, sobre arte, philosophia e direito no saguão do theatro Santa Isabel. Está visto que a loquela dirigia-se *soto voce* a um pequeno grupo; mas Tobias Barreto não podia manter por muito tempo este diapasão; passados poucos instantes, a sua voz estrondava e todos ouviam. Foi nesta occasião que pela primeira vez soube que havia um Darwin e um Hæckel. O sergipano lançava as primeiras tarrafadas na pesca dos proselytos.

Que não lhe faltavam qualidades para isto, dil-o Clovis Bevilaqua, o qual attribue-lhe um talento evoluindo atravez de «poderoso vidro de augmento». A sua esthetica era a emoção violenta, irritada, a vasar-se em antitheses furibundas e em imagens hypertrophicas. Na tribuna, um corybante: gesticulação exagerada, frase tumultuosa, expressão physionomica de tragico e de comico ao mesmo tempo. Clovis, com razão, lembra a semelhança que existe entre Tobias e Laurindo Rabello; outrosim, diz-nos que Schopenhauer, quando se animava na conversação, não devia ter sido menos impetuoso, a dar credito ás palavras de Gwiner.

O philosopho emergira do critico como o critico emergira do poeta. O seu espirito educou-se na Allemanha.

Libertando-se de Comte, vemol-o dar fundo na angra do criticismo de Kant e depois varar portos diversos pilotado por Lange, Schopenhauer, Hartmann, Hæckel e Noiré, até crear a sua propria carta de navegação nos mares da metaphysica.

Nos ultimos tempos, e porque o seu talento conquistara-lhe um lugar excepcional entre os lentes da Faculdade de Direito do Recife, inclinou-se para a jurisprudencia, tentando especialisar-se na criminologia. Parece incontestavel que dos seus trabalhos data a regeneração dos estudos juridicos no Brasil. Arrancou os rapazes a Oudot, Taparelli e Bellime e poz o ridiculo no direito natural. E si é verdade que nem sempre a prudencia doutrinaria o acompanhou fazendo-o evitar excessos de escola e antipathias de germanisantes contra a philosophia de Spencer e a sociologia como sciencia geral, pode-se affirmar que ninguem até a sua epoca, nem na comprehensão do movimento do seculo, nem no arrojo das idéas, lhe seria comparavel.

Tobias Barreto não chegou a convir em que se fundisse o naturalismo na historia. *Inde iræ*.

Neste ponto Sylvio Roméro conseguiu nos ultimos tempos aproximar-se mais da verdade.

A progressão sempre crescente do espirito deste philosopho para a doutrina de Spencer tem-lhe proporcionado meios de manter um maior equilibrio entre Kant e as novas applicações do criterio monista.

Clovis Bevilaqua faz-lhe a devida justiça dando-lhe lugar marcante na historia da transformação do pensamento nacional.

Os *Juristas philosophos* são, pois, um dos mais interessantes livros do jurista cearense, em que o estylista, sem perder a gravidade do homem de sciencia, aproveita todos os seus dotes imaginativos para construir a personalidade dos individuos cujo perfil busca traçar.

Estas mesmas qualidades farão a fortuna dos ensaios á ingleza que formam o volume que o leitor vai percorrer.

Destacarei dentre elles como os mais frisantes os que se intitulam: *Finalidade do mundo*, *A lucta das raças* de Gumplowicz, e *Gustavo Le Bon e a Psychologia dos povos*.

No primeiro ensaio o autor estuda a obra philosophica do cearense Faria Brito.

Nesse trabalho Clovis Bevilaqua como em parte alguma dá a medida do seu espirito equitativo.

Faria Brito é um moço de grande talento, que tem luctado pela vida e mais ainda pela philosophia. O autor destas linhas sabe pessoalmente quanto um espirito de nortista tem padecido para surgir do abatimento em que profundas meditações philosophicas o prostraram. Afinal, porém, venceu, e o livro de que se trata é o attestado dessa victoria, na qual o philosopho como Jacob luctou uma noite inteira com o anjo do Senhor. Digo venceu no sentido de que o estudioso cearense chegou a termo de poder exprimir claramente numa obra a sua dissenção com a philosophia determinista.

Faria Brito acredita na finalidade, não á moda de Ihering, quando considera impossivel o movimento da intelligencia sem um objectivo que a attraia. E' rudimentar a idéa de que a volição não se determina sem que antes se tenha aquecido o foco da idéa e que esta se tenha antecipado ao acto ainda como o feixe de capim do asno da legenda. A machina humana não se agita, tanto individualmente, como collectivamente, senão em vista de alguma coisa percebida pelo intellecto como destino; e esse destino, que pode ser remoto ou proximo, conforme se trata de actos que ferem os fundamentos da propria existencia physica e moral, ou de deliberações passageiras, como por exemplo dar uma passada para evitar um mau encontro, levar a mão ao bolço para tirar o relogio, salvo o que é reflexo, esse destino nunca prescinde de um plano. Não é desse feitio a finalidade conforme a entende o autor da obra de que se trata, ou melhor, Faria Brito, considerando a evolução um facto universal, consolida no mesmo

phenomeno a deliberação intelligente humana e o movimento da materia, partindo do principio mathematico de que o movimento implica fim.

Mas, como bem observa Clovis Bevilaqua, essa intrepidez do philosopho cearense resolve-se numa illusão logica. De facto, si Faria Brito conseguisse realisar esta consolidação diante da qual tem esbarrado os mais extraordinarios cerebros do mundo, isto é, mostrar quando e como o movimento se transforma em pensamento, a philosophia teria terminado a sua missão: não haveria mais sobre que philosophar e a humanidade entraria no verdadeiro *Nirvana*, dissipado de uma vez o Incognoscivel.

Vê-se, pois, que não se trata senão de um novo metaphysico da especie pantheista. Isto, porém, não lhe valeu na alma meiga de Clovis Bevilaqua motivos de coleras, como por certo se daria si o critico fosse Sylvio Roméro; antes pelo contrario, o jurista do Recife sente-se bem com o adversario e na propria opposição commove-se diante da obra que combate.

A analyse do notavel livro de Gumplowicz mostra ainda a segurança do criterio de Clovis Bevilaqua.

Os excessos dos darwinistas, ao que parece, não lhe causam grandes enthusiasmos e Gumplowicz é um desses excessivos. Não basta attender ao principio da lucta pela vida. Si elle fosse o unico factor nada mais facil seria do que philosophar. O autor dos estudos de que falo não se deixa illudir por tão faceis soluções.

Quanto ao livro de Gustavo Le Bon, não ha palavras bastante energicas para louvar o bom senso exhibido por Clovis Bevilaqua no respectivo estudo.

Delicado e cortez o critico não recusa ao sociologo francez os elogios que merece a sua obra. Não poupa, porém, doestos ás applicações da doutrina brutal do chauvinismo europeu á America do Sul.

O que ha de horroroso na doutrina de Le Bon, fundada no conceito das raças, é o vallo profundo que elle cava entre umas e outras, a titulo do que elle chama a alma ethnica, substancia incoercivel e indemonstravel, a menos que essa alma não passe de hypothese para a facilidade de suas construcções. Gustavo Le Bon, porém, para dar cohesão á sua theoria precisava dessa alma; sem ella as luctas das raças não podiam ser tão peremptoriamente explicadas como elle as conseguiu explicar. Povos, como nós comprehendemos, penetram-se facilmente; almas ethnicas destroem-se por incompativeis; a superioridade engole a inferioridade; e é assim a historia e assim devemos aceital-a.

Clovis Bevilaqua não aceita essa perfida theoria.

Felizmente para os povos americanos, tão malsinados pela ambição européa, nada disso se tem como verdade; e as *sociologias de encommendas* mal encobrem as intenções funestas das classes dirigentes e dos governos do lado opposto do Atlantico.

No que entende em particular com o Brasil, vê-se da explanação do critico, que o sociologo francez deu até cincadas. Ao mesmo tempo que elle prostrava a innocuidade das formas de governo, o que entre parenthesis não passa de um desproposito, affirmava que o Brasil deveu á tutela monarchica o ter até 1889 se salvado da anarchia congenita dos povos sul-americanos. Que havia de escrever sobre nossa patria, de longe, um estrangeiro que só a conhece pelos livros de Eduardo Prado ou de viajantes naturalistas nem sempre bem informados, quando não unicamente preoccupados com as riquezas da nossa flora e fauna e com a geologia?

Buckle tinha condemnado o homem branco a ser esmagado pelos factores mesologicos tropicaes; esta sentença, porém, fecharia o Brasil á immigração, á exploração. Que fizeram os philosophos dos syndicatos das *Novissimas*

Indias Occidentaes? Provaram que tal theoria estava errada. Que o branco por toda parte vence adaptando a região ás suas necessidades; e que alem disto o Brasil não é todo tropical, possuindo vastas regiões de clima igual ao do sul da Europa. Era, pois, indispensavel demonstrar a incapacidade do mestiço, mas a incapacidade absoluta para ascender ao que mais preza a civilisação—o caracter.

Esta questão todavia não foi ainda estudada. E com certeza pretendendo fazel-o o sociologo francez não metteu nenhuma lança em Africa. Accresce que o Brasil não é só de mestiços: e si estes muito tem concorrido na arte para o seu desenvolvimento, não é menos certo que a raça branca não perdeu aqui os seus foros hereditarios. Os sertões estão cheios de specimens desses antigos portuguezes mais faceis de quebrar do que de torcer. E si fosse só de mestiços, si a mestiçagem pudesse ser a que na historia de S. Paulo ficou celebre pela denominação de mamelucos, então acharíamos tambem um elemento ethnico de energia incomparavel.

Novembro de 1898.

T. A. Araripe Junior

Leicht bei einander wohnen die Gedanken,
Doch hart im Raume ſtoßen ſich die Sachen.

Schiller.

La verità non é, come ammette il sommo Leibniz, la concordanza delle nostre idee colle cose, ma soltanto la conformità dei nostri segni coi loro significati, cioè, la conformità tra le nostre presentazioni ideali e le nostre percezioni reali.

G. Cesca.

Der Menſch iſt nicht geboren, die Probleme der Welt zu löſen, wohl aber zu ſuchen, wo das Problem angeht, und ſich ſodann in der Grenze des Begreiflichen zu halten.

Goethe.

PREFACIO

Reunindo em volumes diversos ensaios, aponctamentos e rascunhos sobre assumptos philosophicos, não tenho illusão alguma sobre o merito e o alcance que possam ter. São simples «Esboços e fragmentos» o que importa dizer: são trabalhos incompletos, porque não houve tempo, nem capacidade nem opportunidade para mais.

Si os publico é porque poderão, apezar da sua fraqueza, assignalar as caracteristicas do pensamento philosophico em nossos dias tal como elle se apresenta atravez das producções dos pensadores brazileiros, e porque, expondo, discutindo, criticando o que outros escreveram, encontro opportunidade para, mais uma vez, affirmar e propagar idéas a cuja orientação se submette o meu espirito.

Recife, Setembro de 1898.

CLOVIS BEVILAQUA

Notas de tangencia pela philosophia

Notas de tangencia pela philosophia

I

Não me parece ocioso volver, uma vez por outra, os olhos sobre esta compendiação do saber, a que, desde os tempos da hegemonia mental da Grecia se chamou philosophia. E, entre nós, com a eliminação das cadeiras de philosophia dos cursos de instrucção secundaria, avulta consideravelmente a opportunidade deste balanço de idéas.

Devo, em tempo, declarar que fiz choro com Sylvio Roméro nas criticas levantadas contra o ensino da philosophia nos lyceus brazileiros, porque, então, se ensinava uma protologia incongrua, a que, por certo, não se poderia applicar o nome de *abracadabra metaphysico*, com que Schopenhauer estigmatisou o systema de Schelling, mas que, incontestavelmente, fizera jus á qualificação

de *tohu-bohu* philosophico, de chaos imprestavel de theorias derrancadas. Mas Sylvio propunha que, ao estudo da philosophia no ensino secundario, se substituisse o da logica, tal como ella foi comprehendida por Mill, Bain, Uberweg (1); e eu desejava que á logica se addicionassem algumas noções geraes sobre o modo de conceber o mechanismo do universo, e, em particular, das sociedades, noções cujo principal valor estava em estabelecerem a connexão unificadora entre todos os ramos de sciencias anteriormente estudadas, e collocarem o estudante em estado de conseguir, por seu proprio esforço, uma solução plausivel dos problemas sociaes e psychicos que se levantam, a cada momento, obstruindo o caminho dos que meditam sobre estas cousas. (2) Queria mais que a psychologia, como sciencia autonoma e distincta que é, constituisse um preparatorio, ao menos para a matricula das escholas juridicas, onde ha tanta necessidade desse estudo, para mais

(1) No opusculo — *A philosophia e o ensino secundario*. Hoje acha-se o citado escripto de Sylvio Roméro nos seus *Novos estudos de literatura contemporanea*, Rio de Janeiro, 1898.

(2) Os *primeiros principios* de Spencer, completados e modificados de accordo com as idéas expostas, podiam servir de base a essa ordem de estudos.

claramente se comprehenderem muitos principios de philosophia do direito e direito criminal.

Nem pareça extranho dizer que a psychologia é uma sciencia propedeutica da philosophia do direito. Não ha por ventura um sentimento juridico acompanhado da acção impulsiva e irradiante do prazer ou da acção depressiva e irritante da dor? Não ha toda uma emotividade que tem por base o direito tal como o sedimentaram, em nossa consciencia individual, a hereditariedade e adaptação civilisadora?

O *Kampf ums Recht* é uma bella variação sobre o thema da irritabilidade legal.

E o conceito do direito, como idéa e força, para falar com Fouillée, e a personalidade juridica não serão, antes de tudo, uns complicados problemas psychologicos?

Quanto ao direito criminal, suas relações com a psychologia são de tal natureza que nós podemos consideral-o um dos modos mais vastos de applicação das theorias psychologicas. As noções do crime, da vontade, da liberdade, da responsabilidade, do dolo, da culpa, da legitima defeza e de todos os phenomenos que derimem, aggravam ou attenuam a criminalidade, isto é, os principios fundamentaes da criminalistica, hão de ser

fornecidos, necessariamente, pela psychologia individual e comparada. E' certo que, neste mister, ella é esclarecida e auxiliada pela anthropologia e pela poliologia, como diria Arthur Orlando, pois que, desses factos, uns são essencialmente sociaes, como o crime, e outros se transformam em factores sociaes, como a vontade.

Com estes accrescimos, a sabia reforma do ensino secundario, que devemos ao sympathico paracleto da revolução de 15 de Novembro, o illustre Benjamin Constant, seria, a meu ver, completa e mais fecunda. Já foi um grande passo, mandar a mocidade preparar-se nos fortes estudos das sciencias physicas e naturaes; seria contentar a todos os desejos completal-os pela forma aponctada. A reforma foi realisada sobre as bases da classificação comteana das sciencias. Mas a essa classificação tem-se justamente censurado a ausencia da psychologia. E, si recusarmos á logica um logar na serie hierarchica das sciencias abstractas, o que não é poncto decidido, é incontestavel o seu valor no preparo e orientação do espirito.(1)

(1) Tracta-se hoje (1898) de crear uma cadeira de historia da philosophia. E' o reconhecimento por parte dos depositarios do poder publico, de que existe a lacuna aponctada neste escripto.

Mas fechemos esta digressão, que já se vae alongando em excesso, e voltemos ao assumpto principal deste escripto, que é o conceito da philosophia, tal como pode ser actualmente comprehendida, e quaes os caracteres proprios a esta disciplina. E si não é intenção minha demorar-me sobre o assumpto capital, seria imperdoavel deter-me em circumloquios, por mais intimamente ligados que se achem com as idéas que fôr expondo.

Comprehendo a philosophia como uma *synthese abstracta que generalisa, unifica e completa a totalidade dos conhecimentos humanos.*

As sciencias empregam processos de analyse, coordenando, classificando, comparando, dividindo os factos de seus dominios respectivos, e, depois, effectuam generalisações, cada uma dentro de suas raias. É a philosophia que reune todas essas generalisações parciaes, formando com ellas um corpo de doutrinas que as unifica e harmonisa.

Até aqui a definição por mim apresentada parecerá que em nada se distingue da de Spencer, quando chama a philosophia *sciencia do mais alto grau de generalidade*. (1)

(1) *Premiers principes*, trad. de Cazelles, Pariz, 1876. pag. 115.

Mas eu me abstenho de dar á philosophia o epitheto de sciencia, porque ella não determina relações entre phenomenos, nem tem um objecto que lhe seja exclusivo e não commum, ao menos n'algum sentido, com as outras sciencias. Neste poncto me approximo certamente mais dos positivistas francezes e allemães que affirmam ser toda philosophia uma *concepção do mundo*, e de Georges Lewes, quando diz que ella — *é a systematisação das concepções fornecidas pela Sciencia*, que é o *episteme epistemon*. (1)

Mas a philosophia limitar-se-á modestamente a compendiar as conclusões das sciencias? Não conterá um elemento activo que reaja sobre as sciencias? Não se extenderá nunca além da totalisação dos conhecimentos experimentaes?

São interrogações que se erguem naturalmente deante da definição de Lewes, e ás quaes o illustre escriptor não attendeu sufficientemente. Era esse um sério motivo para não me satisfazer com ella. E a todas essas interrogações tentei dar uma resposta na definição agora apresentada.

---

(1) *The history of philosophy*, London, 1880, vol. I, pag. XVIII.

Nem cause admiração nem censura o retirar á philosophia o nome de sciencia. Não é siquer novidade um tal modo de pensar, pois Renan já disse: *Ce n'est pas nier la philosophie, c'est l'ennoblir que déclarer qu'elle n'est pas une science, mais le resultat général de toutes les sciences.*

Mas si não é *uma sciencia*, é uma recapitulação ou, antes, um extracto de todas as sciencias que tem isto de original: simplifica, unifica e completa os resultados de todas ellas, sendo menos minuciosa do que qualquer dellas, porém tendo mais amplitude e mais profundeza do que todas reunidas.

II

O caracter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outros conhecimentos, é a *universalidade*.

Abrangendo o mundo em todos os seus aspectos, sem se preoccupar especialmente com as accidentalidades ephemeras e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pela sciencia de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação

entre elles e fazendo surgir a concatenação harmonica do kosmos.

Poderei com exemplos tornar mais lucido este modo de ver.

As sciencias nos dão o conceito do espaço, do tempo, da materia, do movimento, da força, nos convencem de que a materia é indestructivel, o movimento continuo, a força persistente, transformando-se em equivalente, quando parece que se extingue, que o movimento se dirige pelo caminho do menor esforço, não em marcha rectilinea e com um impulso egual, mas por linhas flexuosas e ondulações rythmicas; nos ensinam ainda mais que é do conjuncto desses elementos que surge a evolução, que marcha do geral e homogeneo para o particular e heterogeneo, conforme a lei do polymorphismo por uma differenciação seguida de uma integração, ou, em outros termos, por uma dissolução seguida de uma involução.

Todos estes principios e muitos outros, que formam a trama do pensamento moderno, a philosophia os haure nas sciencias particulares, das quaes elles são, a um tempo, os ultimos resultados e os fundamentos. Mas como nenhuma dellas os pode generalisar ao conjuncto kosmico, em virtude da restricção de seu campo de observação, é

a philosophia que vem operar a unificação destes resultados parciaes, depurando, numa synthese superior a totalidade do saber. Antes de aproveitados pela philosophia, esses principios accentuavam a grande variedade dos grupos de phenomenos em frente a qual o espirito se sente oppresso e impotente. É necessario que uma disciplina universal os abranja a todos, para poder coordenal-os logicamente em um só todo vivo e harmonico. Esta disciplina é a philosophia.

Entretanto a philosophia não é um simples reflexo passivo das sciencias. Além de que encara os phenomenos por um aspecto novo, —o da colligação universal, ella, depois de constituida, impulsiona as sciencias particulares, indica-lhes o verdadeiro methodo, e, por assim dizer, prevê muitas vezes as conclusões a que ellas hão de chegar.

Este caracter de universalidade da philosophia tem sido, mais ou menos, resolutamente affirmado por todos os grandes philosophos. O *synoptikos dialektikos* de Platão, corresponde, como lembrou Morselli, á generalisação ultima de Spencer. A escala do saber, como a comprehendeu Comenius (1)

(1) *A primis et imis, per media, ad ultima et summa, mentes hominum, veluti artificiosa quadam scala, eleventur.*

é a seriação hierarchica do saber que serve de base á philosophia. Rogerio Bacon entendia a *metaphysica como uma sorte de philosophia das sciencias*. Wundt affirmava, não ha muito, que ou a philosophia se tornaria uma doutrina geral das sciencias ou tinha de desapparecer. Podemos dizer desassombradamente que os bons philosophos antigos, excepção de Socrates, os estoicos e Epicuro (não todos os epicuristas), comprehenderam a philosophia como abrangendo a totalidade dos conhecimentos. (1)

(1) Publicado na *Revista do Norte*, (Recife) numero de 30 de Junho de 1891.

Repercussão do pensamento philosophico sobre a mentalidade brazileira

Repercussão do pensamento philosophico sobre a mentalidade brazileira

À memoria de Adolpho Caminha

I

Dizer que o Brazil não contribuiu com uma eschola propria, siquer com um conceito original de vulto, para a desenvolução da philosophia humana, dessa *perenne philosophia* que Leibnitz venerava extremoso, não importa assignalar uma desoladora anomalia da intellectualidade brazileira. O mesmo poder-se-ia dizer da Italia actual apezar de Roberto Ardigô, Cesca, de Dominicis, Angiuli e Caporali. O mesmo poder-se-ia dizer da Russia, apezar de Grote e de outros engenhos de alta valia. Talvez o mesmo seja licito affirmar da America do Norte, embóra

existam alli dignos successores de Emerson, o transcendentalista, de Thoreau, o mystico, de Draper, o egregio pensador cuja individualidade não empallidece deante de Buckle ou Guizot; embóra alli se ergam vultos da estatura de Carus, que imprimiu ao monismo uma orientação particular.

Não é uma desoladora anomalia.

E' uma consequencia inevitavel da nossa actual situação, porque a especulação philosophica presuppõe uma larga e profunda base de meditação nos varios dominios do saber humano, apparecendo ella como uma flôr mysteriosa e dolente dessa vegetação mental, assim como a poesia é a flôr da emotividade. Mas a poesia é flôr que se expande em delicadezas de côr e de perfume, desde que esponcta a haste na superficie do solo, ao passo que a outra, mais lenta e mais severa, pede os cimos altaneiros para desabrochar.

Entretanto, si nada creamos de original no dominio philosophico, reflectiu sempre a nossa mentalidade, mais ou menos intensamente, com firmeza de convicção variavel, as tentativas de interpretação do mundo que a sciencia européa engendra periodicamente, para não falar naquellas que o dilettantismo prodigamente espalha.

São esses echos, essas repercussões do pensamento philosophico sobre a mentalidade brazileira que pretendo agora esboçar. Tentando condensar, em rapido escorço embóra, a somma da nossa actividade psychica neste dominio, não só poder-se-á melhor avaliar o que já conseguimos fazer, como ter-se-ão os elementos para sentenciar sobre nossa aptidão a philosophar.

Comecem as nossas indagações após a independencia politica da nossa patria, porque, segundo já teve occasião de affirmar Sylvio Roméro, « nos tres seculos que nos precederam, nem um só livro, dedicado ás investigações philosophicas, sahiu da penna de um brazileiro. E' mister avançar até ao seculo presente (prosegue o douto historiador litterario) para se deparar com algum producto desta ordem, e neste mesmo, é preciso chegar até aos annos posteriores áquelle que marca-lhe o meiado, para que a coisa seja uma pequena realidade». (1)

Eis a verdade, que, aliás, não exclue a existencia de alguns lettrados a quem, de algum modo, interessassem os problemas metaphysicos ou mesmo as disquisições escholasticas.

(1) *A philosophia no Brazil*, Porto Alegre, 1878.

Comecemos, pois, esta revista com o atormentado seculo que vae desfolhando os seus ultimos annos.

Pois que Portugal não tinha philosophos, era natural que as nossas vistas se voltassem para outros paizes, e dentre elles foi escolhida a França, que tem sido a nossa metropole intellectual, desde longos annos, e que talvez ainda continue no exercicio dessa nobre funcção, apezar das concessões mais francamente feitas agóra á litteratura allemã, á ingleza, e á italiana, para nomear sómente «os povos solares», segundo a pomposa qualificação de Kenckle.

Alvorecera o seculo fluente, mal dominada ainda a commoção renovadora de oitenta e nove, sob os auspicios do sensualismo condilaciano, em suas duas feições: a physiologica inaugurada por Cabanis, o glorioso emulo de Bichat, e a ideologica, a cuja frente estava Destut de Tracy.

Que essas doutrinas echoáram no Brazil, como, egualmente, o materialismo estreito, mas sincero e franco de La Mettrie, é indubitavel, deante das affirmações positivas de Ferreira França e do proprio Monte Alverne. Este não tinha muito cuidado em disfarçar, sob a sotaina, as suas affeições pelo condilacismo; e aquelle fôra, confessadamente,

um sensualista, discipulo de Tracy, ou, quiçá, um materialista á moda do tempo, como tantos outros medicos.

Não obstante, é certo que nem o condilacismo, nem o materialismo deixáram, nessa epocha, um documento para marmorisar a vassalagem que lhes foi franqueada em nossa patria.

Com a reacção politica desenvolvida, em França, contra as idéas da revolução de oitenta e nove, appareceu, naturalmente, uma reacção philosophica (1) em odio ao sensacionalismo e ao materialismo que, com desusado fulgor, haviam rebrilhado até poucos annos antes.

Duas feições apresentou esse movimento reaccionario: a theologica e a espiritualista.

Tivemos no Brazil, e de longa data isso vem, sectarios sinceros do theologismo; mas não se prendem, por certo, á reacção philosophica que teve por chefes Bonald e Joseph de Maistre, nem á que suscitou essa figura singular de padre profundamente abalado pelos frios lufos da descrença, o abbade Lamennais. Nossos philosophos da eschola theologica, tanto os que não passaram de

(1) Lewes,—*The history of philosophy;* Janet et Sailles, —*Histoire de la philosophie.*

simples professores em seminarios ou lyceus quanto os que se aventuráram pelos dominios da imprensa, procedem directamente de S. Thomaz reforçado por Gioberti, Rosmini, Balmes, Ventura de Raulica. Nestas condições se acham o padre Muniz, vibrando golpes contra o eclectismo de Cousin, na sua *Theoria da affirmação pura* (1), e o Dr. José Soriano de Souza, auctor do *Compendio de philosophia*, *da Philosophia elementar*, *da Philosophia do direito*, e de outros trabalhos ainda, uns de feição philosophica, outros juridicos, e outros, finalmente, medico-legaes. Embóra a sua doutrina estivesse distanciada das que, com brilho inexcedivel, têm dominado os espiritos, nestes ultimos tempos, é certo que era um trabalhador infatigavel e um espirito aberto á tolerancia, ao menos no tempo em que o conheci. São titulos de benemerencia que é justo reconhecer-lhe.

Podemos, portanto, affirmar que o theologismo francez do começo deste seculo não teve um echo vibrante e evocativo de productividade em nosso meio intellectual. Principalmente a feição pietista e rancorosa que assumiu com o auctor das *Soirées de Saint-Petersbourg*, não era propria a conquistar

(1) Sylvio Roméro, *op. cit.*

largas sympathias na sociedade brazileira, onde a benevolencia se transforma quasi em apathia, onde raras vezes o zelo, sincero ou pharisaico, obtém manifestações de sectarismo militante.

Mais feliz entre nós foi, por certo, a outra modalidade da reacção philosophica, a do espiritualismo, que surgiu sob a chefia do circumspecto Royer-Collard, e cuja figura mais sympathica e mais saliente é a do preclaro Jouffroy.

Como arma de combate, na difficuldade em que se acharam esses moralistas philosophantes do grupo espiritualista de forjar uma original, lançaram mão da philosophia do *senso commum*, que os escossezes tambem haviam encontrado, pelo orgão de Thomas Reid, como instrumento de combate contra o empirismo de Locke, o idealismo de Berkeley e o scepticismo de Hume, na illusão de que a couraça de bronze desses poderosos espiritos pudesse ser penetrada por tão frageis dardos.

O fundamento da doutrina escosseza está claramente indicado no epitheto de philosophia do senso commum. E' verdade que Dugald Steward, vendo que o seu mestre enveredava para a negação de toda a philosophia, tentou explicar as expressões de

que havia elle usado; é tambem verdade que o arguto W. Hamilton transformou a doutrina escosseza ao contacto fecundo do kantismo ; mas as palavras de Reid são bem claras e toleram difficilmente interpretações ampliativas.

O talento dos chefes da eschola espiritualista, que, si assim apparecia em França como uma transplantação da philosophia escosseza, assumiu incontestavel ascendencia sobre os espiritos, principalmente pelas tenazes ainda que mal seguras e ondeantes investigações metaphysicas de Biran, pela firmeza de methodo de Jouffroy e pela eloquencia litteraria de Cousin.

Mas o espirito irrequieto de Cousin levou-o a saturar-se de outros principios, diversos dos que apostoláram os seus mestres Royer-Colard e Maine de Biran. Dessa immersão em escholas extranhas, resultou um eclectismo inconsistente, tentando conciliar philosophias divergentes, mesclando Platão e Descartes, Hume e Kant, Locke e Scheiling ou Hegel.

Mas uma vantagem, pelo menos, trouxe essa empreza mallograda. Chamou a attenção do vulgo para o idealismo allemão.

Deixemos, porém, que se agitem na Europa os debates interminaveis da metaphysica, da psychologia e da moral, cujo

espectaculo não chamarei o leitor a assistir, e vejamos os echos que, nas adustas e pacatas regiões brazileiras, despertou a eschola espiritualista a que me acabo de referir pela indicação dos seus homens representativos.

Em primeiro logar, apparece-nos o orador sagrado, fr. Monte Alverne.

Por sua educação sacerdotal, devia seu espirito ser chamado ao theologismo; mas o seu *Compendio de philosophia* (1) traduz as dolorosas vacillações de um espirito que se debate entre o sensualismo e o idealismo, e que encontra em Cousin uma revelação consoladora de caracter quasi sobrehumano. Ferreira França, abandonando guias mais seguros, esquecendo os doutrinamentos de Tracy, Bichat e Broussais, veio tambem enfileirar-se entre os espiritualistas, como Gonçalves Magalhães, com os seus *Factos do espirito humano*, e tantos outros.

Parece que foi a philosophia que mais extensas e mais profundas sympathias encontrou na alma brazileira. Uns, no ardor da propaganda, emprehendiam a traducção dos mestres francezes, como aconteceu com

(1) Escripto em 1833, só foi publicado em 1859.

A. P. Figueiredo em relação á *Historia da philosophia*, de Cousin; outros contentaram-se com resumir e infundir, na intelligencia da mocidade estudiosa, compendios de segunda e terceira ordem como o de Genuense. Ainda nestes ultimos annos, quando o espiritualismo adquiria uma orientação nova e fundamentos apparentemente mais solidos, com os esforços liberaes, ainda que infructiferos, de Paul Janet, cujas sympathias pela sciencia são incontestaveis, foi essa a doutrina que empolgou a quasi generalidade dos professores patrios.

Creio que está na psychologia do brazileiro a explicação desse facto.

Em primeiro logar, nos vinha da França a philosophia espiritualista, e as nossas sympathias pelos productos intellectuaes francezes são uma obsessão de que não nos curam nem as picardias asperas do governo francez, nem o conhecimento de expansões litterarias, scientificas e philosophicas em outros paizes, ainda que mais brilhantes. Em segundo logar, é preciso reconhecer que a força do espiritualismo estava para nós, principalmente em sua eloquencia palavrosa tanto do nosso gosto, estava no extenso quinhão que elle abria á imaginação, ao scismar sem freios, falando tão de perto ás

nossas tendencias intellectuaes, mesmo ao nosso lyrismo; estava, finalmente, no abandono das subtilezas e argucias metaphysicas, para as quaes parece que, decididamente, não temos aptidão. Si algum dia pudermos alcançar mais larga e mais significativa producção philosophica, estou convencido de que não emergirá ella dos cimos elevados da metaphysica. Faltam-nos azas para esses vôos.

II

Si o abandono das subtilezas metaphysicas foi uma poderosa razão para que o espiritualismo classico captivasse tão extensas e significativas sympathias entre nós, mais forte foi ella, certamente, para a ascendencia do positivismo, que promettia manter a philosophia num terra á terra bem proprio para interessar as intelligencias pouco atreitas ás contensões prolongadas e ás abstracções elevadas. Accresce que o positivismo, resumindo o conjuncto vastissimo do saber humano em poucos livros, e impondo os preceitos scientificos com o dogmatismo intransigente com que evangelisam as religiões abluindo maculas de heresias,

favoneava a nossa indolencia mental, que prefere os devaneios da imaginação e as facilidades do dogmatismo ás asperezas do estudo e da analyse.

Echoou pela primeira vez no Brazil a philosophia de Augusto Comte com um, pouco vulgarisado, compendio de *mathematicas elementares*, publicado na cidade da Bahia por Antonio Ferrão Muniz de Aragão (1858). O segundo brazileiro que se revelou sectario das mesmas doutrinas foi o Dr. Francisco Brandão Junior que, em 1865, publicou, em um livro de pouco tomo, *A escravatura no Brazil* com appenso relativo á agricultura e colonisação do Maranhão, patria do escriptor.

Essas primeiras manifestações nenhuma influencia exerceram sobre os contemporaneos. E' preciso chegarmos ao anno de 1868, para depararmos com uma adaptação mais vasta e uma expansão mais ousada e mais fecunda das doutrinas de Augusto Comte. E' no Recife que o movimento se inicia agora, impulsionado pelos nomes, hoje vantajosamente conhecidos, de Tobias Barreto e Sylvio Roméro, aos quaes se alliaram outros espiritos vigorosos e sympathicos. (1)

(1) A Historia da implantação do positivismo entre nós se encontra: na *Revista Brazileira* (1878), artigo de Sylvio Roméro sobre a *Prioridade de Pernambuco no movimento*

Em seguida, movimento similhante se opéra no Rio de Janeiro, sob a influencia de alguns professores de mathematicas, entre os quaes obtem preeminencia o illustre e benemerito Benjamin Constant. Ao influxo confessado desses mestres vão apparecendo os sectarios colhidos no seio da mocidade intelligente e estudiosa, como Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Teixeira de Souza e outros. Ao mesmo tempo, o Dr. Pereira Barreto publíca o primeiro volume d'*As tres philosophias*, em 1874, sem, aliás, conseguir despertar a curiosidade do publico.

Ao norte e ao sul do Brazil continuou-se a cultivar a doutrina de Augusto Comte. O ramo heterodoxo foi preferido ao norte, como se pode ver nos trabalhos de Souza Pinto, auctor de um bello estudo — *O Marquez de Pombal*, de Martins Junior, e, em geral, de quasi todos os que aqui, no Recife, escreveram dominados pela orientação positivista. (1)

---

intellectual do Brazil; na *Idéa Nova*, artigo de Martins Junior sobre *A philosophia positiva e seu desenvolvimento no Brazil* (1880); no *Diario de Pernambuco* de 1881, *Uma apreciação geral do movimento positivista no mundo*, por Annibal Falcão; no *Resumo historico do movimento positivista no Brazil*, por Miguel Lemos; na minha *Philosophia positiva no Brazil*.

(1) O mesmo se deu no Ceará, onde os mais cultos como Rocha Lima — *Critica e Litteratura* — e Capistrano de Abreu, vieram de Taine e Buckle para Comte, e deste para Spencer.

O littréismo era uma transacção entre o comtismo e a sciencia independente.

E' pois, natural que aqui, no Brazil, tambem servisse elle para despir os espiritos da farandulagem metaphysica, no que ella tinha de imprestavel, e preparal-os para receber uma philosophia mais ampla e mais genuinamente scientifica ; seja o monismo allemão, seja o evolucionismo spenceriano. Realmente, dentro de poucos annos, o positivismo nos centros litterarios do norte havia cedido o logar a outras escholas philosophicas.

No sul, porém, arraigou-se elle fortemente, preponderando a fórma orthodoxa e religiosa. Arregimentou-se em seita militante, sob a direcção de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, influiu directamente na politica republicana, por intermedio de Benjamin Constant, que era um professor muito estimado pela mocidade militar e que assumiu posição eminente na proclamação e primeira organisação politica da Republica.

Sob essa feição, quando, advindo a Republica, já se não pensava no positivismo, ao norte do paiz, sinão como uma phase do pensamento humano que entrára definitivamente para o dominio do passado, imperava elle no sul com as louçanías dos

rebentos novos e a intransigencia aspera do sectarismo victorioso.

E' facil explicar esta notavel scisão do pensamento philosophico no Brazil. Passado o curto espaço de tempo em que os espiritos se deslumbráram com a rhetorica a um tempo sentimental e palavrosa do espiritualismo francez do começo deste seculo, era imperiosa a necessidade mental de uma outra interpretação do mundo, mais solida e mais em harmonia com os dados da sciencia. Mas o materialismo, ainda combalido, offerecia magro pábulo ás intelligencias, e, sobretudo, se achava em más condições para dar conforto á psychalgia, que começava a operar a consumpção das almas desilludidas. Quando, posteriormente, um impulso de renascimento veio soerguel-o, quando se fizeram sentir os esforços de Büchner, Moleschott, Vogt, na Allemanha, de Asseline, Coudereau, Lefèvre, na França, já o materialismo foi revelando tendencias a assimilar o darwinismo, para, afinal, se incorporar na philosophia geral da sciencia.

Tambem o idealismo de Schelling, Fichte e Hegel, que, na Allemanha, substituira o criticismo kanteano, apezar dos esforços de Schopenhauer, quasi que não echoou no Brazil. Apenas Hegel poude conquistar raras

sympathias, aliás serodias e pouco productivas.

O positivismo, portanto, impunha-se. Mas ao sul do Brazil, no Rio de Janeiro, conquistando mathematicos profissionaes, e dos mestres descendo para os discipulos, o orago da doutrina foi, mui naturalmente, o proprio Augusto Comte, o mathematico, o examinador da Escola Polytechnica em França. Depois os moços, ao menos os dois que se tornaram corypheus, foram tenazes, homens de crenças firmes, propagandistas incansaveis. E nada mais favoravel á expansão de uma doutrina do que o tom de inabalavel convicção com que falam os seus apostolos. (1)

Ao norte, em Pernambuco e nos outros Estados, não foi no envoltorio das mathematicas que se effectuou a importação do positivismo. Foi-lhe vehiculo a litteratura. Um sabio que fosse, ao mesmo tempo, um litterato e um estylista, devia ser o doutrinador dessa mocidade ousada que batia os campos em busca de novos ideaes. Ninguem melhor realisaria essa figura quasi ideal do que o bom Littré, tão erudito conhecedor

(1) De Miguel Lemos pode ser aponctado como o melhor livro — *Louis de Camoens* e de Teixeira Mendes, o estudo sobre *Benjamin Constant*.

da litteratura antiga e moderna quanto abalisado cultor da biologia, tão arguto nas escavações e analyses da philologia quanto admiravel em tracejar as paginas brilhantes de *La science au point de vue philosophique* e da *Litterature et histoire*. Depois Tobias fez-se mestre em Pernambuco, assim como Benjamin Constant o era anteriormente, no Rio de Janeiro, e Tobias pouco se demorou com os positivistas; cedo os abandonou para engolphar-se na sciencia e na philosophia da Allemanha, as quaes se volviam para Kant, depois de consorciadas sob o influxo de Helmholtz e outros espiritos selectos.

Vê-se, portanto, que não foram circumstancias inteiramente fortuitas que determinaram a divergencia assignalada na mentalidade brazileira em frente ao positivismo. Foram a acção do meio social, e, mais particularmente, a dos directores mentaes que imprimiram direcção diversa ao movimento. No Recife, surgiu elle do seio de uma eschola juridica, dentre litteratos; no Rio de Janeiro, appareceu numa eschola de engenharia, entre mathematicos. Aqui, no centro nortista, a Biblia eram os livros de Littré, em breve trocados pelos de Hæckel, Spencer, Schopenhauer, Hartmann, Noiré;

lá o livro por excellencia continúa a ser o *Curso* de Comte, quando não o seu *Catecismo*. Continúa a ser, apezar de abandonado na Europa, onde mal se ouve ainda a voz, bem eloquente aliás, de Lafitte, e muito menos ainda a de Robinet ou de Lagarrigues. E' que, para os outros, o positivismo foi uma philosophia prompta a transformar-se aos embates da critica fecundada pela sciencia independente, emquanto que, para os comtistas orthodoxos, elle é uma religião perante a qual não tem poder a dialectica, e para a qual uma transacção poderia acarretar a morte. E as religiões, passado o momento da iniciação, constituem-se poderosas forças esterilisantes das mais bellas intelligencias, porque não se resignam a evoluir nem a ceder o dominio das consciencias.

III

Não foi muito prolongada a dominação da philosophia positiva nos cimos da mentalidade humana. Ferida pela scisão de S. Mill e Émile Littré, desvirtuada pelo proprio Augusto Comte, quando se apoderou dos moldes catholicos em decadencia,

para produzir o *fâcheux pastiche* bem conhecido, a philosophia positiva cedeu a outras correntes, mais modernas e mais vigorosas, o que possuia de mais exacto e mais resistente, e foi enrodilhar-se num circulo muito restricto de pensadores, de mais em mais distanciados pelo desdobramento scientifico.

Ha muitos philosophos e scientistas que ainda acceitam a denominação de positivistas, mormente na Italia, mas que não têm por evangelho os livros de Comte. São quasi sempre francos sectarios do monismo evolucionista, que tomam por guia, mas não por impeccavel pontifice, ora Spencer, ora Ardigô. Outros ha que proclamam bem alto as suas sympathias por Augusto Comte, e acreditando, como Charles Adam em sua *Philosophie en France*, que o caminho indicado pelo philosopho francez é aquelle que conduz á melhor solução dos problemas da sciencia, da moral e da religião, comtudo se não deixam arrastar pelas tyranias do systema e recusam o nome de positivistas.

E' que o espirito humano sentiu que a doutrina comteana lhe restringia o campo visual, e ousou repetir com Ernest Rénan : *Dès qu'une doctrine me barre l'horizon, je la*

déclare fausse; je veux l'infini seul pour perspective. (1)

Para substituir o positivismo, emergiram do vasto pélago da consciencia humana diversas doutrinas que se presumiam todas fortemente saturadas do espirito scientifico da epocha, e se acreditavam todas fadadas a empunhar, sem partilha, o sceptro offuscante do dominio intellectual.

O materialismo,—renascendo, expandiu-se em floração momentanea, para ser logo incorporado a outras doutrinas, quando se não resignou a vegetar modestamente por entre o balsêdo espesso da medianía.

Esta nova phase ephemera do materialismo não foi extranha aos pensadores brazileiros, e deixou de sua acção um bello documento nas *Funcções do cerebro*, de Guedes Cabral (Bahia, 1876), livro que resgata sua falta de originalidade, pela ousadia do pensamento e clareza da dicção. Admiravel esta ultima qualidade em um joven que ainda não havia concluído seu curso

(1) *Avenir de la science*, 1894, pag. 39. Entretanto, Rénan, como Hippolyte Taine, sem ser positivista, acceitou da philosophia positiva muitas das suas vistas e muitos dos seus conceitos.

academico, quando escreveu a sua dissertação. (1)

O kantismo foi tambem restaurado com a queda fragorosa do hegelianismo, cujo desapparecimento Haym suppunha coincidir com o traspasso da philosophia. Através de Schopenhauer e Hartmann, o kantismo allia-se ao materialismo darwinico de Hæckel e desse fecundo connubio resulta o monismo philosophico de Noiré, que, afinal, se me afigura o ultimo reducto da metaphysica germanica. A seu lado, desenvolveu-se o criticismo néo-kanteano, em que se mantêm mais puras as tradições do maximo philosopho, o solitario de Koenigsberg. Na Allemanha, dominou essa corrente, empolgando a direcção do ensino philosophico; na França, encontrou elle em Renouvier e Pillon representantes mais fieis do que o fôra Hamilton na Inglaterra.

O kantismo em sua feição nova, abeberado do pessimismo tentador de Schopenhauer, condimentado pelo idealismo sceptico de Lange e Hume, e combinado com o

(1) Não deixa de causar extranheza que o sympathico escriptor brazileiro confunda varias vezes a eschola positiva, que elle conhecia necessariamente pelo "diccionario corrente" de Littré e Robin, com a doutrina materialista de que é sectario através de Büchner e Moleschott.

transformismo darwinico pelos esforços de Noiré, teve no Brazil quem lhe consagrasse a elevada potencia do seu engenho e as vibrações, muitas vezes asperas, do seu temperamento de luctador. Foi Tobias Barreto, cujo merecimento como renovador da sciencia juridica entre nós, não deve atabafar o seu valor como ensaísta philosophante dos mais conspicuos. (1)

Em torno de Tobias congregáram-se muitos moços de talento, e sobre muitos outros incidiu, ardorosa, a sua influencia, embóra nem todos tomassem por dogmas inatacaveis as affirmações do mestre. Lembro: Arthur Orlando, cuja superioridade intellectual scintillou na *Philocritica* (Recife, 1886) e se tem depurado no estudo e no trabalho; João Bandeira; Fausto Cardoso, auctor da *Introducção ao cosmos do direito e da moral*, onde, aliás, o mecanismo de Hæckel é preferido; (2) Alcedo Marrocos, que se tem circumscripto mais ao jornalismo, e varios outros.

---

(1) Vejam-se os *Estudos allemães* e os *Estudos de direito*, edição de Laemmert, e, com especialidade, os extraordinarios capitulos que trazem por titulo: *Variações antisociologicas*; *Evolução emocional e mental do homem*; *Recordação de Kant*.

(2) Posteriormente publicou o mesmo escriptor a *Taxinomia social*, inspirada na mesma corrente de idéas.

Discipulo tambem de Tobias se pode chamar Farias Britto, o sympathico escriptor da *Finalidade do mundo* (Ceará, 1895), pois que similhantes, sinão as mesmas, são as suas sympathias intellectuaes, pois que Lange foi o mestre preferido do moço cearense como do pensador sergipano. Não é, por certo, azado o momento para fazer a critica do meritorio estudo de Farias Britto. (1) Apanho os aspectos de uma phase do pensamento brazileiro, como um paisagista que traceja o escarabocho de uma nesga de terreno vista de relance na andadura rapida de uma excursão em linha ferrea. Não faço um estudo demorado deante de cada vulto erguido ao lado do caminho por onde vou seguindo. Mas não quero passar além deixando de assignalar a tonalidade religiosa que vibra na *Finalidade do mundo* com as tendencias de um mysticismo que já se faz sentir em Lange, mas que se tem accentuado consideravelmente em outros escriptores modernos. Não é a religião de Spencer que parece uma superfetação anglicana em seu bello systema philosophico, assim como os deuses ataraxicos de Epicuro

(1) Veja-se adeante, o que vae escripto, em particular sobre a *Finalidade do mundo*.

o eram em satisfacção ao anthropomorphismo grego. E' uma idealisação mystica, apparecendo, quasi sempre, como floração espontanea do idealismo que não tem segura fé nos methodos scientificos; é um appello á religião pelos que se não resignam com a sinceridade do agnosticismo. Por isso é que Farias Britto remata o seu interessante livro por uma imprevista mistura da philosophia naturalista dos hellenos, o evolucionismo de nossos dias, a religião e a poesia. Antes appellar simplesmente para a poesia idealista, para Schiller, como fez Lange.

Si o monismo philosophico, que, aliás, antes parece uma conciliação frustrada entre o dualismo e o monismo, si o monismo philosophico echoou tão largamente no Brazil, não mais restricta foi a acção do monismo mechanicista de Hæckel, o portentoso escriptor da *Historia natural da creação*. Citei Fausto Cardoso, ainda a pouco, e poderia ter citado muitos outros que aqui arvoráram o egregio naturalista de Jena em philosopho representativo da excelsa cultura hodierna.

Ultimamente, ainda o monismo religioso, segundo o expõe Carus, na America do Norte, deparou sympathias brazileiras. Prova irrecusavel disso encontro em artigos de franca adhesão a essa doutrina, editados

por França Pereira na *Revista Contemporanea* (Recife, 1895).

Julgo, porém, acima de qualquer contestação o asserto de que o monismo evolucionista, a ultima, a mais elevada e a mais satisfactoria expressão do pensamento philosophico, terá, em breve, agremiado a grande maioria dos pensadores patrios, movimento que já se operou no velho mundo, apezar da resistencia de outras escholas subsistentes, e das academias que, ali, são, no caustico dizer de Mantegazza, *le vere necropole delle produzione intellectuale*. Já são seguramente extensas as sympathias que lhe consagram os brazileiros.

A synthese ousada, que emprehendeu Spencer, traduz bellamente essa grandiosa concepção do mundo, cujas pilastras mais fortes são a observação e a inducção scientificas, e cujas mais vultuosas conclusões se concretisam na evolução, como principio geral, e no agnosticismo, como reconhecimento da fraqueza de nossos instrumentos de investigação.

Mas não creio que Spencer tenha ainda pronunciado a ultima palavra a respeito. Sobretudo, muito me custa acceitar o papel que elle reserva, em seu systema, para a religião. Mesmo o grande philosopho inglez,

na resposta que deu aos ultimos ataques de Salisbury e Balfour contra o espirito scientifico, já não tem sobre a religião aquelles mesmos conceitos que lhe escapáram por occasião da contenda com o positivista Harrison.

E' actualmente, no Brazil, Sylvio Roméro, o mais eminente representante do monismo evolucionista. Tendo adoptado a doutrina de Comte, quando ella encontrou os primeiros echos de sympathia em Pernambuco (1869), tentando conciliar o littréismo com o transformismo de Darwin, em 1878, quando publicou a sua *Philosophia no Brazil*, inclinando-se para a philosophia ingleza com o insigne Buckle, vemol-o, nos ultimos annos, um franco, ainda que independente, sectario do evolucionismo spenceriano. Sua erudição philosophica é vastissima; sem par no Brazil actual, julgo poder affirmar. No livro *Doutrina contra doutrina* (Rio, 1894, 1.ª ed., e 1895, 2ª ed.) ha capitulos verdadeiramente magistraes, como critica e como exposição doutrinaria, superiormente pensados e brilhantemente escriptos. Tambem de subido valor philosophico é o livro do mesmo auctor intitulado *Ensaios de philosophia do direito*.

No primeiro, a critica alveja exclusivamente o positivismo, que é vigorosamente

zurzido; no segundo, a discussão abre-se larga sobre varias escholas philosophicas, afim de melhor explicar as suas preferencias pelo naturalismo evolucionista.

Eis, em rapida synthese, as repercussões mais fortes que sobre a mentalidade brazileira accordou o pensamento philosophico. Si nos movimentos systalticos operados por esse tracto da nossa evolução mental, não nos feriu a vista a radiante apparição de uma poderosa originalidade, forçoso é reconhecer que não nos temos conservado extranhos ás indagações philosophicas, e, mais, que alguns escriptores brazileiros, dos mais estimaveis, têm feito da philosophia uma grata e nobre occupação mental. (1)

---

(1) Foi publicado este escripto em a *Nova Revista*, Rio de Janeiro, 1896, numeros de Janeiro, Fevereiro e Março.

Sobre Friedrich Nietzsche, que Stein, de Berne, chamou o ultimo renovo da eschola cynica, mas em quem Rudolf Steiner, de Weimar, apenas viu um *Kämpfer gegen seine Zeit*, cuja concepção do homem superior pareceu genial a muitos, e simplesmente tresloucada a outros, nada se disse, porque sua philosophia individualistica nenhum echo de sympathia, amortecido embóra, accordou entre nós, a não ser que por tal se tomem referencias insignificantes para a historia do pensamento nacional.

A Philosophia Positiva no Brazil

A Philosophia Positiva no Brazil (1)

E' bom variar de ponto de vista, e ouvir o rumor que se levanta de todos os lados.

E. RÉNAN (*Discurso na recepção de Pasteur*).

(Á minha mulher, á memoria de João Freitas, a Martins Junior).

INTRODUCÇÃO

MEU PONCTO DE VISTA PHILOSOPHICO

A *duvida!* Eis a primeira palavra que me cae da penna ao começar este capitulo. Assim, no alto de uma primeira pagina, ella toma a alegria marcial e rubra de flammula a tremular no topo de uma lança.—E' uma divisa.—

(1) Este opusculo sobre a philosophia positiva no Brazil appareceu, no Recife, em 1883. Reeditando-o agóra, quinze annos depois, mantenho todas as minhas affirmações, e não sinto necessidade de fazer alterações nem accrescimos. Apparece o trabalho como foi escripto por mim, ao deixar a

E quem nunca sentiu a esfusiarem-lhe pelo cerebro as lufas cruamente devastadoras? E' ella o grande factor da constante marcha ascensional da civilisação,—ou, criticismo philosophico, solape os systemas decrepitos, as concepções poentas, ou, satyra mordaz, exponha á risota publica os ridiculos do tempo.

Hoje tornou-se universal. Está em tudo e por toda a parte. E' a caracteristica da actualidade, Bom symptoma esse, penso; indica que a evolutilidade do espirito humano se manifesta em todo seu vigor, que a epocha das infallibilidades já nos fica para traz, que os systemas definitivos fechados a toda innovação, judaicamente segregados da communhão geral, tornáram-se planta exotica, um phenomeno de teratologia mental.

Quando mais amplamente derramarem sobre nós torrentes de admiração as pasmosas construcções de que tem sido capaz o espirito humano e as engenhosas explicações inventadas para dar conta do valor funccional dessa capacidade, deixemos sobre

---

vida escholar, e como appareceu pela primeira vez em publico. Addicionei-lhe apenas as poucas e ligeiras notas numeradas por lettras, onde se fazia necessario nomear mais algum livro apparecido ou indicar algum facto realisado depois da publicação do meu opusculo.

o fervor de nosso enthusiasmo cahir uma fria gotta de duvida.

As mais bellas theorias, os mais vastos systemas, o atomismo de Democrito, o positivismo religioso de Comte, o animismo e a sobrevivencia de Tylor, o darwinismo, como a hypothese nebular de Kant e Laplace, como a conservação e transformação das forças, não serão, como pergunta Soury, "sublimes ficções" esplendidos poemas infinitamente mais bellos do que a Iliada, a Divina comedia, o Paradise lost? Que sabemos nós?

O espirito critico é o agente reformador e transformador das creações philosophicas, que lhes vae sempre podando o imprestavel, aponctando as lacunas, impedindo-lhes a degenerescencia em allucinações nevropathicas, finalmente substituindo-as por melhores.

Desde que a critica inutilisa, a fortes camarteladas, uma concepção qualquer do mundo, uma interpretação da natureza, surge uma nova theoria mais consentanea com o espirito da epocha, aproveitando as novas descobertas, e sobre ellas fundando principios novos, mas conservando as verdades adquiridas anteriormente, e assim vae a humanidade caminhando, sem nunca poder alcançar o termino da viagem, e assim se

vão succedendo as formulas e os systemas, sempre se corrigindo uns aos outros, sem jamais concluirem o quadro que a tantos seculos esboçam.

Não é preciso ir além da era actual e do que ha nella de firmado na experiencia e na observação ou, pelo menos, nutrindo essa pretenção. Quanta theoria aberta em flor á tona do pensamento hodierno, desde Lamark a Hæckel, de Bichat a Virchow? Na lucta pela vida foi succumbindo o que não tinha consistencia, se atrophiando o inutil, e os ultimos vindos semeáram em campo já preparado, mas não conseguiram estabelecer a unidade do pensamento humano, quero dizer, um accordo de principios geraes e dominantes.

Pondo de parte certos systemas pouco expraiados ou em breve desconceituados, o seculo actual viu nascer duas grandes escholas philosophicas :—o monismo e o positivismo, com suas diversas nuanças.

O segundo, quando assomou em scena, proclamou-se depositario unico e exclusivo da verdade. De facto era-o até aquelle tempo. Mas a sciencia não descançou, e, como toda a evolução é uma differenciação, dessa base, depois de assimiladas a theoria da descendencia e da selecção, e a longa

tradição materialista, brotou o monismo, isto é, a concepção unitaria e mechanica do mundo.

Entretanto nem o positivismo se retirou completamente da arena, nem o monismo agremiou todos os grandes espiritos. Alguns representantes da sciencia imparcial, inimiga de formulas preestabelecidas, que espartilham o pensamento, recusam-lhe plena adhesão, embóra acceitem-lhe os fundamentos.

Ao "genio audacioso" de Hæckel com seu *impavidi progrediamur* oppõe-se o "genio reflectido" de Dubois — Reymond com seu *ignorabimus*.

Leia-se tambem este trecho de Siciliani em sua *Psychogenia moderna*: "Mesmo para quem não acceita sem reserva as doutrinas de Darwin, o transformismo, principalmente sob a forma severamente mechanica e monistica a que o elevou E. Hæckel, apresenta-se como um edificio colossal. Edificio de dois andares entretanto — consintam-nos a comparação. Um pavimento terreo, muito solido, massiço, de pedra viva, mas o andar superior feito de alvenaria ligeira, mesmo de madeira e correndo perigo de desmoronar-se á prima lufada de vento". (1)

(1) *Psychogénie moderne*, trad. de A. Herzen, Paris, 1880, pag. 101.

Onde a verdade ?

Certos principios superiores sempre sobrenadáram na lucta effervescente das escholas e são o sedimento que, stratificado em tantas camadas quantas fôrem as grandes eras da philosophia, forma o alicerce, construido pelas gerações que vão passando, para nelles erguerem suas construcções as gerações vindas depois. Não ha negal-o : a interpretação positiva da natureza é hoje preponderante.

Ninguem mais se preoccupa com a origem ultima, nem com a finalidade das cousas; o relativismo de nossos conhecimentos está definitivamente estabelecido. Ninguem hoje satisfaz-se com uma explicação mais ou menos engenhosa que o subjectivismo engendre ; exige-se uma demonstração realista, objectiva, ou que, pelo menos, nos pareça tal. Mas qual é o potente espirito que a tem na dextra, como um fulgido sol, a illuminar os fundos mysterios que se enroscam em torno da phenomenalidade, desde o infinitamente grande até o infinitamente pequeno, do mundo inorganico até á vida superorganica das sociedades humanas ?

Ao positivismo lançam-lhe em rosto seu emperramento systematico, accusam-n'o de oppor barreiras ao progresso scientifico,

exprobram-lhe a pretenção absurda de julgar-se a phase conclusiva do desenvolvimento philosophico.

Este, pelo orgam de seus discipulos mais progressivos, (1) considera o evolucionismo monistico como um neo-positivismo, diz-lhe que no terreno da sciencia « nada tem a oppor á theoria mechanica do calor, aos bellos estudos sobre a transformação e equivalencia das forças, aos principios simplificadores da thermo-chimica, da bio-chimica » etc., mas distingue entre sciencia e philosophia, e, no campo desta ultima, concede ás construcções de Spencer um valor egual á hypothese mechanica de Descartes, por exemplo, considera sua classificação das sciencias como « um puro empirismo que

(1) Fala-se do grupo schismatico. E' outra a posição do grupo religioso. A synthese subjectiva para elle é a unica possivel; os assombrosos trabalhos da sciencia moderna são *falsa sciencia*. Pode-se ver o que affirmo na obrinha do Dr. Robinet — *Philosophia positiva* e em diversos artigos da *Revista Occidental*.

Não estou muito disposto a crer que tenha razão a eschola do Sr. Laffitte; entendo, porém, que lhe está destinada uma alta missão. — Com o depuramento dos sentimentos altruistas, com o desenvolvimento da religião do dever, com sua moral toda de amor e dedicação, contribuirá poderosamente para o abrandamento da rijeza bronzea que a sciencia vae dando á alma humana, como uma couraça impermeavel á voz do sentimento.

não tem na devida conta o erro subjectivo, a equação psychologica, que classifica as sciencias como ellas parecem ser, mas não como ellas de facto são. » « Nossos adversarios, continua o escriptor que me vae guiando nesta defeza do positivismo, esquecem que só os systemas convencidos de contradicção com os dados da experiencia abandonam a scena historica, deixando o terreno livre a concepções mais em harmonias com a realidade tal como nos é gradualmente revelada pela sciencia; mas, quando, passo a passo, e com toda prudencia, se acompanha a experiencia, sem nunca tentar ultrapassal-a, é evidente a impossibilidade de cahir-se em desaccordo com ella. » (1)

Para mostrar em que terreno se empenha o momentoso debate, e dar a conhecer as armas dos contendores, o que ahi fica é mais que sufficiente, creio. Para que lado penderá a balança do futuro? E' o que falta indagar.

A philosophia positiva, considerada debaixo do poncto de vista largo e comprehensivo, nós podemos prendel-a a essa gloriosa tradição scientifica que a eschola

(1) Roberty — *La Sociologie*, Paris, 1881, — *Conclusion*, n. 5: *Monisme et Positivisme*, pag. 216 e segs.

materialista se orgulha de apresentar como a linhagem augusta dos seus precursores e seus mestres na posição e resolução dos complicados problemas da natureza, que tantos seculos de sacrificio e devotamento têm custado. O primeiro homem que, aplacadas as necessidades mais rudes, conseguiu crear uma certa somma de bem estar relativo, poude encarar de frente o mundo e tentou interpretal-o, esse deu o primeiro passo na longa estrada da sciencia, esse foi o mais antigo propulsor do desenvolvimento cultural da intelligencia humana. Desde esse obscuro e esquecido batalhador, passando pelas kosmogonias d'Asia occidental, pela philosophia grega, pela eschola de Alexandria, tão fecunda em noções positivas, apezar de seus sonhos idealistas no terreno superior das especulações de sciencia geral, até os ultimos emprehendimentos dos sabios modernos para reduzirem os phenomenos, que se levantam incomprehendidos de cada canto do universo, a modalidades dynamicas da materia, a humanidade tem accumulado os elementos da philosophia positiva, que é a philosophia da sciencia, que não pode ser a creação de um cerebro unico, que não será jamais, para as intelligencias, um leito de Procusto.

Repito ainda uma vez o dito de S. Mill: (1) « o positivismo não é uma creação exclusiva de M. Comte, porém uma simples adhesão ás tradições dos grandes espiritos scientificos, cujas descobertas fizeram da raça humana o que ella é actualmente. »

Tomando por guia o auctor citado, Lewes, Littré, etc., poderia enumerar aqui, um a um, todos os predecessores directos de Comte, mas não ha mister. O que deve ficar assentado é que esse vasto pensador lançou as primeiras, mas seguras, bases systematicas da philosophia scientifica sobre esteios erguidos por outros. Na propria sociologia, cuja constituição e positivação preparou, seu trabalho não foi independente de concurso extranho.

Parvo será suppor que este modo de vêr, aliás já muito conhecido, amesquinha o altanado vulto do philosopho francez. (2) Philosopho é aquelle que tem a faculdade eminentemente vantajosa de synthetisar os sentimentos e as aspirações de uma epocha, que pode condensar, enfeixar e methodisar

---

(1) *Aug. Comte and Positivism*, by John S. Mill, second edition — London, 1866, pag. 9.

(2) No *Catechisme positiviste*, prefacio, vem com toda honestidade reconhecida essa collaboração.

os conhecimentos e os principios que existem vagos e indefinidos, ou andam dispersos, desassociados, pelas consciencias individuaes.

E' elle a alma de seu tempo, o espelho em que se reflectem todos os anhelos, o poncto convergente de todos os raios luminosos.

A collectividade humana amontoou os instrumentos e os dados de que elle se serve, mas tambem de que só elle se sabe servir, é preciso accrescentar. Comte possuiu essas fecundas e vivificadoras qualidades. Sua physionomia pode ser debuchada assim : — uma perseverança inquebrantavel que nunca se desmentiu atravez das vicissitudes de uma vida precaria e laboriosa, que, no centro do ruidoso Paris, o exilou do mundo para dedical-o todo á sua obra n'uma contensão de espirito nunca afrouxada durante doze annos, perseverança e contensão que, no pensar de Littré, são o que ha de mais bello na historia dos homens devotados aos grandes pensamentos, mas que não deixáram de ter uma influencia nociva sobre o espirito do grande constructor.

Sua prodigiosa systematisação teve o poder de, condensando os principios esparsos e a meio occultos entre as nebulosidades

metaphysicas, incitar ao trabalho no terreno da experiencia e da observação, varrer para longe as pieguices romanticas e os tresvarios do transcendentalismo, mudar o poncto de vista commum das sciencias pela unificação philosophica de suas ultimas conclusões, emfim tornar a philosophia não uma sciencia independente e puramente especulativa, mas « como que a alma de toda a sciencia humana » segundo uma boa phrase de Büchner.

Não infirmam a verdade do que avanço certas vistas de detalhe em desharmonia com as averiguações da observação posterior.

Exemplos: contemporaneo de Young e Fresnel, nunca perdeu occasião para chamar o desprezo sobre a hypothese do ether (Huxley); só enxergou na soberania do povo o lado negativo (Littré); não soube ver que o protestantismo foi um poderoso movel para a cultura intellectual de cada individuo (Mill); condemnou injustificavelmente as investigações minuciosas, a astronomia estellar, a economia politica, a psychologia, etc.

Tenham razão muito embóra todas essas censuras, tenha ainda razão Theophilo Braga (1)

---

(1) *Traços geraes de philosophia positiva*, Lisboa, 1877, cap. V, pag. 202 e segs.

propondo para base da sociologia o principio da população em substituição ao facto historico da auctoridade em suas saliencias de poder temporal e espiritual, a construcção de Comte conserva-se firme, inabalavel, seu valor como philosopho nada soffre.

O cunho principal do seu caracter sobre as suas construcções é o açodamento nas generalisações não raro prematuras.

O que era, a principio, uma condição de disciplina mental tornou-se uma prisão. O primeiro protesto digno contra esse estado de espirito reflectindo-se fortemente sobre uma concepção do mundo foi o partido de Mill, Littré, etc. Foi esse positivismo schismatico que encetou a conciliação entre o comtismo e a parte da philosophia scientifica extranha ao systema.

Essa operação assimiladora, esse acto de intuscepção mental já vai bem encaminhado apezar de todas as circumstancias adversas. Pensar assim não é annullar o littréismo, é dizer que sua missão nimiamente transitoria já está cumprida. Para o mais que falta, elle é impotente, me parece.

Uma observação que salta aos olhos de todos que querem ver, está ahi a provar a verdade de meu asserto: — ao passo que entre os monistas estão os mais altos

espiritos, os directores intellectuaes da humanidade contemporanea, o positivismo heterodoxo, morto Littré e reduzido a completo silencio em assumptos philosophicos o grande Robin, não conta em seu seio pensadores que se possam vantajosamente oppor aos próceres do evolucionismo. Isso é symptoma evidente de decadencia da eschola, comprehende-se.

Para substituil-o ahi está ainda com todos os deslumbramentos da novidade a philosophia de Spencer que, ao mesmo tempo, é um desdobramento do positivismo de Comte e uma systematisação das theorias progenistas e unitarias, que é um positivismo adaptado ás theorias de Darwin, procurando « os principios unos no mundo da natureza e do espirito, e visando á demonstração de uma dependencia natural e regular entre todos os phenomenos do universo. »

Seu campo é mais vasto, sua comprehensão de certos factos mais em conformidade com a interpretação scientifica vigente. Certas vistas particulares de Comte fôram abandonadas, mas, em compensação, novos modos de ver appareceram, que os competentes não julgam de todo puros de erro.

Sua classificação dos conhecimentos humanos, sua theoria sobre o desenvolvimento

das idéas religiosas, sua tentativa de conciliação entre a religião e a sciencia, entre outros, são ponctos em que o illustre philosopho inglez, apezar da vastidão de seu saber e da fortaleza de sua argumentação, ainda não conseguiu chamar á conversão, nem calar as rebeldias da critica.

Não longe da hora actual por certo surgirá uma nova synthese. Os elementos estão se amontoando para esse fim. Por agóra predomina o elemento dissolvente da critica. Virá mais tarde o elemento constructor, visto como o desenvolvimento do espirito collectivo, da mesma forma que o do individual, é sempre um trabalho de organisação penoso e demorado, segundo um principio hoje vulgarisado.

Comprehendo o momento scientifico actual assim: o metro do positivismo já é pequeno para conter a sciencia moderna que se agita á procura de um novo apoio. Este será encontrado em uma synthese que conservará o que houver de definitivo na construcção de Comte e transformará ou substituirá o que as condições do tempo tornáram lacunoso ou falso.

Na revista, que ahi fica, andei muito pelos cimos. Não se me queira censurar por isso. Em assumptos desta natureza é

bom sempre ter em vista as palavras de Emerson: "Quando a natureza tem alguma obra a fazer, cria um genio que a possa executar. Acompanhae os grandes homens e vereis o que a epocha ambiciona. E' o meio mais seguro."

Por traz da fluctuação mental de nosso tempo, occulta-se uma forte aspiração para a unanimidade scientifica.

Ha, porém, duas forças diversas, na intensidade e no genero, que impedem o estabelecimento de uma generalisação de accordo com essa tendencia notada:—1.ª a duvida, oriunda do atraso de certas sciencias, da persistencia de certos detritos metaphysicos em alguns ramos de conhecimentos, da difficuldade de encontrar documentos irrecusaveis em alguns departamentos scientificos, etc.;—2.ª o elemento discordante das nacionalidades e dos individuos.

E' incontestavel a reacção das tradições e do clima sobre a mentalidade dos povos, acção que altamente auxilia o processo natural de differenciação e integração resultante do encendramento selectivo.

E' da convergencia dessas forças que nasce isso a que se chama espirito nacional, é della que brota a caracteristica das nações. Em todas as modalidades das mani-

festações sentimentaes e intellectuaes, vê-se transparecer a influição desse facto — nas artes, nos costumes, na sciencia, na religião.

Todo o mundo sabe hoje que a raça e o meio actuam directamente sobre o sensorio do artista; que a arte grega, a divinisação da belleza plastica, não se confunde com as demais florescencias do sentimento esthetico; que na epocha de Vinci, de Miguel Angelo, de Andréa del Sarto, etc., a pintura tem por seu verdadeiro ideal "retratar uma mulher e um homem nus" segundo a phrase frisante de Cellini; e que "a grande vida das coisas inanimadas", a paisagem, os campos, os costumes, e o homem real, o burguez, o camponio, são os assumptos da eschola flamenga (Taine).

E' menos commum fazer applicação dessa critica naturalista aos productos scientificos. No emtanto é bem verdade o que diz o auctor do *Breviario da historia do materialismo*: "certas philosophias como certas escholas litterarias não podem nascer em tal raça ou debaixo de tal clima, antes ou depois de tal epocha". (1)

E' verdade que as nações não são organismos que tenham uma existencia separada

(1) Jules Soury.

e independente; são membros da familia humana adstrictos á lei da mutualidade; porém as idéas que pairam no animo de todos em uma determinada epocha, formando o espirito do tempo, ao infiltrarem-se na intellectualidade dos povos, tomam-lhe fatalmente as feições peculiares que lhes emprestam as idiosyncrasias nacionaes.

Não quero insistir neste assumpto, porque não é nenhuma novidade o que estou affirmando. Mas si é certo que entre os diversos povos existem differenças palpaveis a se reflectirem nas artes, nos costumes, no governo, porque não enxergal-as no terreno scientifico ?

Olhe-se para a Inglaterra. Ella foi sempre a terra classica da psychologia. Suas tradições psychologicas vêm de longe, deixando sulco profundo no intellecto inglez, dando-lhe uma tonalidade particular, depurando e consolidando-lhe certas qualidades mentaes. E' a patria de Locke e Berkeley, Hume, Reid, Mill, Bain, Maudsley, Spencer, Morell, etc. Littré escreveu: "no modo positivo de philosophar, o estado actual do pensamento offerece duas maneiras, uma procedendo da psychologia positiva ou ingleza, outra do grupo das sciencias que Comte dispoz em ordem hierarchica".

E' uma observação profunda essa, que penetra até o cerne da questão, explicando a divergencia que lavra entre os philosophos dos dois paizes.

O mesmo facto é constatado por Theophilo Braga nas palavras que transcrevo: "Na civilisação ingleza, uma grande tendencia para converter as abstracções em factos concretos fez com que a velha metaphysica, que se conservou mais tempo n'Allemanha, se dissolvesse espontaneamente; e de todas essas entidades e personificações o que ficou? Apenas o facto psychologico em toda sua realidade".

Si agóra o alvo de nossas observações fôr uma outra nação oriunda do mesmo tronco, ainda assim veremos que o aspecto geral de suas inclinações predilectas é totalmente diverso.

O traço notavel do caracter allemão são as especialidades, os detalhes micrographicos, a monotypia, segundo a classificação de Wechniakoff. Por outro lado, o transcendentalismo e o pantheismo ahi encontráram nos espiritos terreno proprio, alastráram, afundáram raizes.

Hoje a pujança da intelligencia tedesca já abriu novos caminhos e marcha á testa do movimento scientifico, mas as tendencias

acima aponctadas deixáram um residuo que se tráe atravez da largueza e positividade modernas.

Não é menos certo que as individualidades possam imprimir um certo cunho automorphico em suas generalisações, dar mesmo uma certa direcção ao espirito da sciencia embóra limitada e ephemeramente. E' a historia de todos os philosophos que fizeram eschola.

Quando, abatidas as fronteiras das nações, extinctos os odios de raça, mortas as ambições dynasticas e o egoismo dos povos, quando a sympathia e o altruismo derruirem esse ultimo reducto da barbaria — o *chauvinismo*, quando fôr uma realidade effectiva, si algum dia o fôr, a grande federação sonhada pelo philosopho de Kœnisberg ; a sciencia já extreme dos preconceitos que a desfeiam, marchará mais desassombrada; as nacionalidades trabalharão segundo a lei da divergencia dos esforços, isto é, cada uma desenvolverá suas aptidões proprias, aprofundando suas especialidades; e os espiritos de primeira grandeza que possuirem em alta dose a faculdade generalisadora irão, com esses elementos, e, segundo creio, sobre as bases coordenadas por Comte, levantando os muros do grande edificio da concepção

positiva do universo, construindo esses indispensaveis repousos mentaes conforme a feliz expressão de Robin.

Os seculos passados desbraváram e aplainára o terreno; parece que o trabalho do actual foi principalmente collocar os alicerces; aos vindouros caberá a porção mais brilhante e talvez menos difficil dessa faina.

Cada um, na altura de sua capacidade, deve esforçar-se por que o nosso tempo cumpra vantajosamente seu destino, como o passado já cumpriu o seu.

Tambem, obcecado pelo fanatismo dos systemas exclusivos, não devemos apresentar-nos sempre rouvinhosos e intolerantes perante os que não commungam comnosco nas mesmas idéas e principios. Ninguem ainda tirou privilegio para dizer a verdade ao mundo.

Todos têm direito de apresentar o fructo de suas lucubrações e de suas experiencias. O que fôr falso ha de succumbir na lucta pela vida, e, por sobre as ruinas das eschólas e da queda das tentativas falhas, se levantará o magestoso vulto da verdade.

CAPITULO I

Agóra posso abordar de frente o meu assumpto. O leitor já passou pelos olhos as paginas anteriores onde vêm sinceramente, embóra rudemente e ás pressas, expendidas algumas idéas preliminares, indispensaveis, creio, para a boa comprehensão do pensamento que gerou este escripto, e que por sobre todo elle paira com as azas longamente abertas. Está, pois, habilitado a seguir commigo, através dos meandros obscuros que soe descrever, na historia mental de um povo, o desdobramento de uma crença ou de uma idéa. Embóra se distanceie de mim no modo de conceber as coisas e os factos, conhece os motivos de minha interpretação divergente.

Só assim nos entenderiamos bem. Olhamos ambos de um poncto, e, fatalmente, veremos a mesma paisagem; livre a cada um aprecial-a como quizer e puder. O mundo é assim. Uns adoram os cataclismas violentos, que açoitam o espaço, entenebrecem o céo e estrangulam o oceano que se estorce

convulso; outros enternecem-se com as perspectivas florianescas, bucolicamente decoradas de campos choviscados de flores, fontes murmurosas e castellos arruinados, por onde trepam verduras escarninhas.

A intuição philosophica, que encontrou sua primeira systematisação no cerebro vasto e fecundo de Aug. Comte, já não fulge sómente nas altas summidades dos espiritos de elite; ao menos em seus principios mais geraes anda hoje rasteirinha pelos baixos dominios do grande publico. E' preciso, porém, não deslembrarmos que os logares communs de agóra, em outros tempos fôram considerados ousadias temerarias a que só se aventuravam os bons talentos devorados pelo anceio de saber, de avançar; e, nesse pensamento, devemos perguntar á historia, quando pela primeira vez appareceu, entre nós, uma repercussão da philosophia positiva, em que estado encontrou ella os espiritos e como se propagou.

Huxley, o grande naturalista inglez, em sua popularissima obra *Man's place in nature*, tem uma pittoresca imagem para caracterisar o progresso que é original e felicissima. Compara o espirito humano a uma lagarta. Desde que o volume do pequeno animal cresce a poncto de não se conter

mais no involucro primitivo, este rompe-se, dando logar a um novo. Assim o espirito humano. E a casca que veste este grande lepidóptero são as modalidades da concepção do mundo. Aproveitando a lembrança do afamado zoologista, direi que é preciso conhecer-se o momento historico em que a intelligencia brazileira, por ter engrossado seus cabedaes sufficientemente, teve de abrir a primeira fenda no tegumento theologico-metaphysico, e partirmos desse facto inicial até os ultimos desenvolvimentos e proliferações da disciplina mental que, em tão boa hora, veio arrancar-nos de nosso pesado limbo.

Esse trabalho já tem sido parcialmente tentado, mas sempre com largueza e intenção diversas. Em 1878, o Dr. Sylvio Roméro publicou sua *Philosophia no Brazil*, onde vêm criteriosamente estudados alguns dos factores do movimento philosophico-scientifico que procuro agóra historiar. Em outros de seus livros multiplicam-se as referencias ao momento genesiaco, mas é, principalmente, num artigo inserto na *Revista Brazileira*, sob o titulo — *Prioridade de Pernambuco no movimento intellectual do Brazil*, que o nosso illustrado critico relata como alguns moços fizeram seu *coup d'essai* para tentar alguma

coisa de serio no terreno da philosophia, que não era mais, na Europa, a pseudo-sciencia das baboseiras inanes, das estafadas tautologias, mas sim a concepção do mundo tal como resulta das conclusões alcançadas pelas diversas sciencias.

Martins Junior, em 1880, deu á estampa, na *Idéa Nova*, um bom artigo que visava alvo identico. E' intitulado — *A philosophia positiva e seu desenvolvimento no Brazil*.

Devo citar tambem um trabalho, mais extenso que o precedente, devido á penna de Annibal Falcão. Vem como introducção a uma circular de Laffite publicada no *Diario de Pernambuco* (Outubro de 1881) e procura dar uma "*apreciação geral do movimento positivista no mundo e particularmente dos progressos da religião demonstrada no Brazil*".

Egualmente muito me ha de servir, no que respeita á propaganda do positivismo religioso, a brochura do Sr. Miguel Lemos —*Resumo historico do movimento positivista no Brazil*.

Poderia emfim augmentar esta nomenclatura com a citação de um pequeno folheto em que eu e Martins Junior consignámos alguns factos no fito de aponctar

a corrente das novas idéas na academia do Recife desde 1868 até 1880. (1)

Nada disso, porém, se confunde com o que neste momento tenho em vista. Os trabalhos mencionados são documentos, e alguns valiosissimos, de que lancei mão, completando uns com os outros e com o que tiver estudado particularmente e pessoalmente observado. Nada mais. O caracter fragmentario, que a todos cabe, distingue-os essencialmente deste livro que pretende, sobre tudo, ter uma feição comprehensiva e generalisadora.

Feita esta declaração, que tanto a honestidade literaria, quanto o proprio reconhecimento estão a reclamar instantemente, proseguirei.

E' no anno de 1858 que vamos encontrar a primeira adhesão brazileira ás doutrinas de Augusto Comte, em Antonio Ferrão Moniz de Aragão. (2) Era intenção do professor bahiano publicar um tractado elementar de mathematicas «apropriado, segundo declara elle mesmo, a servir de disciplina

---

(1) *Stereographo.* — Estudo de critica genetica, Recife, 1882.

(2) *Elementos de mathematica*, Bahia, 1858. Typ. de E. Pedrosa.

intellectual e, ao mesmo tempo, para apresentar um quadro completo, ainda que condensado, das idéas fundamentaes da sciencia e dos resultados os mais importantes pelas suas applicações, servindo assim de introducção ao estudo geral das sciencias positivas.» Só veio á luz, porém, o primeiro volume, que o auctor precedeu de uma introducção, onde vem um esboço da *lei dos tres estados* e da *classificação hierarchica das sciencias*, com algumas modificações. A biologia, por exemplo, é subdividida em *phytobiologia* e *zoobiologia*, tendo a primeira por objecto a organisação e as manifestações de vida dos vegetaes e a segunda occupando-se com os animaes. Tambem a sociologia soffre a divisão em sociologia propriamente dita e *teleologia* ou sciencia dos fins, em substituição á moral.

Diz o Sr. Lemos que o resto da obra, em nada, denuncia um positivista. Parece-me que, mesmo onde expõe a doutrina de Comte, nosso mais antigo positivista não revela ter bem assimilado o pensamento do mestre, para medir-lhe o alcance scientifico e social. Não sei si me afastarei muito da verdade, dizendo que o mathematico bahiano se limitou a ler o *Traité philosophique d'astronomie populaire*, e o que ha em Comte

de exclusivamente dedicado á primeira sciencia de sua classificação. (1)

Em todo o caso, merece aqui nestas paginas desambiciosas e extremes de preconceitos, uma consignação honorifica quem, pelo menos, foi um homem capaz de arcar contra o seu meio atarracado e ignorante, quem, pelo menos, foi a alma brazileira em que a philosophia do seculo accordou a primeira vibração conhecida, segundo os dados que tem sido possivel colher até hoje. Realça ainda mais o seu valor esta consideração: —ao mesmo tempo que elle arrancava, dos modestos prelos da Bahia, um livro que havia de passar desconhecido pela maioria de seus coevos, mas que reflectia um raio, ao menos da scienca moderna, um seu compatricio titular e celebre, com applauso geral publicava os *Factos do espirito humano*, repetindo velharias abandonadas, depois de ter ouvido

(1) Ha do mesmo auctor uma *Classificação das sciencias e artes*. (Bahia, 1878), para servir de introducção ou exposição de motivos ao catalogo da bibliotheca publica da Bahia. E' um farto volume de 540 paginas com um appendice de 56, onde realmente se revela uma bem dilatada erudição. Creio em vista desse documento, embóra muito posterior, que tem razão o Dr. Sodré de Aragão, quando me affirma ser o conhecimento que Ferrão Moniz tinha dos trabalhos de Comte mais extenso do que eu suppunha.

Jouffroy em Paris, depois de ter podido ser testemunha da grande transformação do pensamento moderno.

Um acaso fez-me conhecer em 1880, o livro de Moniz Aragão. Bem pode ser que ahi pelo papelorio depreciado das livrarias, tenha andado longo tempo ignorada alguma producção mais alevantada e profunda que, depois, foi cahir nas mãos irreverentes de qualquer taverneiro soez, para embrulhar victualhas compradas a vintem, escapando assim tristemente a admiração e ao reconhecimento dos posteros... Bem pode ser que, no pó obscuro da multidão innominada, esteja, para sempre, perdida a lembrança dessa cabeça atrevida, si é que ella jamais existiu... Perante a historia, porém, só vale quem poude influir, em qualquer sentido, de um modo apreciavel. O mais desfaz-se, evapora-se, é não existente.

O segundo nome, que o investigador depara, é o do Dr. Francisco Antonio Brandão Junior, que, em 1865, na cidade de Bruxellas, publicou *A escravatura no Brazil*, seguida de um artigo sobre a agricultura e colonisação do Maranhão.

Miguel Lemos, que o cita, diz que «este opusculo ficou profundamente ignorado do publico brazileiro.» Motivos para tal

resultado havia-os em abundancia, quer subjectivos, isto é, por parte do publico avesso aos assumptos philosophicos, quer objectivos, isto é, por parte do livro que não prima pelo estylo, nem pela novidade de vistas, nem pela minuciosidade da narrativa. Além disso, consta-me que o auctor retirou a obra da circulação.

O que é certo é que as duas manifestações indicadas não tiveram a minima influencia sobre os contemporaneos. Devem ser consideradas como o *proto-positivismo* brazileiro. Indicam apenas que andavam dispersas pelo espaço as sementes da nova doutrina, á procura de um vehiculo para ser inhalada pelos espiritos. A elaboração se fazia no subsolo, surdamente, imperceptivelmente; mas em breve explodiu n'uma floração luxuriante.

Não foi na capital do imperio, (1) para onde parece que a nossa organisação politica solicita as forças vivas da nação, não foi no circulo brilhante, onde mais larga se ostentou a expansão dos delirios romanticos, onde mais altamente himpou-se a parolagem esteril e ruidosa, que echoou o primeiro grito de alarma; mas bem longe

(1) Escrevia-se isto em 1884, cumpre ter em vista.

dahi no centro provinciano, onde mais cedo accordou o sentimento de patria, onde mais cedo desenvolveu-se a alma da nação a formar-se, —em Pernambuco.

Tobias Barreto de Menezes, um talento que tem a vastidão precisa para ser, ao mesmo tempo, grande poeta, grande critico e grande jurista, foi quem tocou rebate, annunciando a boa nova (*Regeneração—1868 e Correio Pernambucano—1869*). (1)

No anno seguinte Sylvio Roméro, tornado hoje um dos vultos proeminentes, um dos espiritos mais desabusadamente emancipados da geração actual, continuou affoutamente, incançavelmente, a obra iniciada.

Consultando os jornaes da epocha, vê-se que a nota nelles predominante ainda é a rhetorica estafada e palavrosa, o romantismo na politica e na literatura. Nesse meio, comprehende-se o acervo de malsinações de que foi alvo o intemerato escriptor. (2)

---

(1) Sobre o caminho, nessa epocha, trilhado pelos revolucionarios do Recife consulte-se o artigo citado de Sylvio, *Prioridade de Pernambuco no movimento intellectual brazileiro.*

(2) A pouco tempo cessou a diatribe. Hoje os dois corypheus da chamada eschola teuto-sergipana, tendo brilhantemente conquistado um logar no magisterio publico, impuzeram silencio aos ultimos gritadores, e no circulo de paz

Em breve, porém, appareceram os companheiros e, todos reunidos, contribuiram vigorosamente para avolumar-se a corrente, que começára a trabalhar as intelligencias sadias do imperio sul-americano. Entre os periodicos de então pode-se ainda hoje observar o sulco luminoso que vinha descrevendo, em sua marcha, a nova orientação do pensamento. Basta que sejam lembrados a — *Crença* (*1870*), o *Americano*, o *Movimento* (1872) o *Trabalho* (*1873*), onde se exerciam pennas como as de Souza Pinto, Franklin Tavora, Celso de Magalhães, Rangel de S. Paio, Lages Junior, etc., onde os ultimos progressos da sciencia encontravam sempre uma repercussão vibrante, enthusiastica.

O ardor literario do Recife continuou, mais ou menos, até 1875 que foi, na academia, de uma exuberancia jornalistica das mais notaveis; depois houve como que um exgottamento de forças, um silencio morno de desanimo, raro, interrompido pelo grito de alerta de um ou de outro combatente. E', porém, para notar que, mesmo em 75,

---

que lhes traçou o talento, não sem muito esforço, vão cultivando a sciencia européa, porém com sympathias bem pronunciadas pela philosophia que soube crear o forte espirito tedesco.

os representantes das idéas adeantadas não eram já para rivalizar com seus irmãos de 73, em preparação, em vigor de estylo, em arrojo, em abnegação.

Notarei, entre elles, Jeronymo Moniz, que nos deixou a conhecida peça literaria —*Palestra scientifica*, e que foi um dos primeiros discipulos que teve Spencer, entre nós. Nessa fecundidade já transparecia decadencia, e o Recife, precursor do movimento scientifico, que tanta vez tinha visto applicadas as doutrinas de Comte e Darwin, recebeu depois, de outros centros, essas mesmas idéas, como novidades, e só depois dessa importação de segunda mão, é que se restabeleceu o nivel intellectual.

A boa quadra, porém, voltou, e o Recife de novo presenciou a effervescencia de outr'ora, em que sobresáem fortes cabeças, entre as quaes me basta lembrar a de Izidoro Martins Junior, poeta, jornalista e critico da força dos melhores. As bôas producções sobem á tona e algumas dellas de merito como os *Estudos allemães*, a *Poesia scientifica* e o *Marquez de Pombal*.

Não é occasião agóra de occupar-me com as primeiras, pois seus assumptos não se enquadram no plano deste opusculo. No emtanto este meu esforço historico seria

lacunoso, si passasse pela ultima,—o *Marquez de Pombal* de Souza Pinto, sem consagrar-lhe algumas linhas, que só ambicionam reconhecer o merecimento e adornar-se com a exacção possivel. O livro, depois de uma introducção em que estabelece o fundamento altamente religioso dos centenarios, sem comtudo prender-se a uma liturgia nova, passa a apreciar as condições especiaes que determináram a decadencia portugueza, e tornáram opportuna a dictadura do celebre estadista, deixando cair, como que de passagem, alguns traços biographicos, para pôr em relevo o papel de eminente politico constructor. Um reparo se lhe pode fazer:—ha muita parcimonia na parte puramente biographica. Mais larga, mais firme, concorreria ella para bem se avaliar da influencia de um caracter sobre a governação de um paiz. Bem conhecido o homem com seu temperamento e educação, melhor se comprehenderia sua acção como estadista. Sei que o fito da obra era diverso, mas esse elemento, me parece, era indispensavel.

Apezar disso, porém, o *Marquez de Pombal* é um magnifico estudo synthetico, egual no plano e na execução ao *Luiz de Camões* do Sr. M. Lemos.

Assim formou-se este circulo literario que é unico em todo o norte e onde se trabalha, si não com tanto ruido quanto no sul, ao menos com egual talento e vontade. (1)

Essas intermittencias de luz e sombra, essas ondulações do pensamento são quiçá o rythmo do movimento, de que nos falam Spencer e Tyndall, applicado ás forças mentaes.

Não é meu intento fazer o historico do movimento intellectual de Pernambuco. Esse trabalho já se acha feito em outro logar. Quero apenas deixar firmado este principio: —as idéas novas e sãs que, espalhadas pelo imperio, produziram o prurido, a agitação febril, que, ha dez annos, sacodem cada vez

---

(1) Vá, de passagem, mais uma ligeira noticia rememorativa de emprehendimentos que devem ser lembrados num livro como este. Além dos periodicos citados, trazem tambem exarados os principios fundamentaes da philosophia positiva alguns artigos na *Revista academica de direito e lettras*, *Lucta*, *Revista de Pernambuco*, *Ensaio Juridico*, *Seculo*, *Revista academica*, *Democrata*, *Idéa Nova* (onde trabalháram Martins, Clodoaldo e Orlando) e *Escalpello*. O Dr. Aprigio Guimarães, em diversos estudos, mostrou-se sectario de Spencer. E já hoje a academia do Recife não vela a face, tomada de sancto terror, ao ouvir certos principios hereticos da sciencia contemporanea, depois que entráram para o corpo docente alguns espiritos educados nas idéas modernas.

mais fortemente, o espirito brazileiro, tiveram aqui seu primeiro enlace. Retomo a these do Dr. Sylvio Roméro. Apenas preciso additar uma observação, que parece de alcance para a psychologia social das duas grandes secções em que é costume dividir o Brazil. No Recife preponderou sempre o ramo positivista dissidente que vae se transformando no monismo allemão por intermedio do neo-positivismo inglez de Spencer; emquanto que, ao sul, sempre a balança pendeu mais para o lado orthodoxo. Aqui appareceram as primeiras adhesões apreciaveis do positivismo adaptado ás exigencias do tempo; no sul esponctáram as primeiras adhesões á religião da humanidade systematisada.

Tem-se feito observar que a apparição de nossos trabalhos scientificos começou a tornar-se notavel de 1873 em deante. O facto é verdadeiro e fere a attenção. « Então, diz Sylvio Roméro (1), na ordem politico-social agitava-se a questão religiosa e publicava-se a *Igreja e o Estado* por Saldanha

---

(1) *Revista Brazileira*, 2.ª epocha, tom. I, pagina 434 — Poesia popular no Brazil.

Marinho, Celso de Magalhães, publicou nesse mesmo anno, seus importantes artigos sobre a *Poesia popular brazileira*; Pereira Barretto, o primeiro volume das *Tres philosophias*, em 1874 e o segundo em 1877 ; Couto de Magalhães, a *Região* e *Raças Selvagens* do Brazil em 1874 e o *Selvagem*, em 75 ; Araujo Ribeiro, o *Fim da creação*, 1874; Tobias Barreto, os *Ensaios de philosophia e critica*, em 1875 ; Guedes Cabral, as *Funcções do cerebro*, em 1876, Barbosa Rodrigues e Baptista Caetano, os *Ensaios de sciencia*, no mesmo anno ; Miguel Lemos, os *Pequenos ensaios positivistas*, em 1877, e José Antonio de Freitas, o *Lyrismo Brazileiro*, na mesma data. Inauguráram-se, então, os cursos scientificos do museu, e começáram a apparecer os seus archivos e os annaes da Bibliotheca Nacional. »

Deve ser egualmente lembrada a *Ethnologia selvagem*, do auctor a quem tomamos esta citação.

E' desse tempo, no Ceará, a creação da FRATERNIDADE, o jornal de maior cabedal scientifico que, até então, se publicára n'aquella provincia, inauguraram-se as conferencias da *Eschola Popular*, e manifestou-se um gosto bem pronunciado pelos estudos serios de philosophia e critica, que fez os espiritos

mais valentes, unirem seus esforços, n'uma sympathia mutua, e agremiarem-se no que se chamou então *academia franceza*, cujos representantes eram Rocha Lima, França Leite, Mello, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Pompeu Filho, João Lopes, etc. (1)

Assim em S. Paulo, Rio Grande do Sul, na Bahia, no Maranhão, o ideal moderno foi se infiltrando no seio das populações e

---

(1) Desse grupo de fortes, alguns vão conquistando um logar saliente na literatura nacional. E' o caso de Capistrano de Abreu e Araripe Junior. Dentre todos, porém, o mais moço e mais ousado emmudeceu para sempre, deixando-nos um volume posthumo, sob o titulo de *Critica e Litteratura*.

Rocha Lima começára um apaixonado de Vacherot, mas, depois, com a leitura de Taine e Buckle, seu espirito preparou-se para receber de braços abertos o positivismo de Comte, que elle, afinal, ia refazendo e completando com as theorias de Spencer. Todos os artigos do livro acima citado, impressionam pela profundeza com que são tractados os assumptos, pela revelação que fazem de uma illustração excepcional, de uma vastidão e de uma energia de espirito não communs. Sobre todos, no emtanto, avultam a apreciação de *Senhora*, romance de Alencar, e as analyses á *Legenda de um Pariá*, drama do Dr. Filgueiras Sobrinho, e á *Morte de D. João*, poema de Junqueiro, onde ha uma repercussão fiel e intelligente da critica de Taine.

Morto aos 27 annos, em 1878, o que delle ficou mal traduz o que elle foi. Eu, porém, subscrevo as palavras do prefaciador da *Critica e Litteratura*: « A sua obra genuina, aquella pela qual merece um logar de honra nos fastos nacionaes, é a moderna geração do Ceará, forte, corajosa, viril. »

creando corajosos e abnegados paladinos. Assim por toda a parte.

Parallelamente com o desdobramento da evolução scientifica, se ia operando a accentuação definitiva do ideal republicano, que foi-nos sempre uma das mais ardentes aspirações desde que, atravez do passado regimen colonial, começou a constituição organica de nossa nacionalidade; que sempre surgiu flammejante e cheio de bondade, por occasião dos grandes abalos sociaes, trazendo consolação ás almas sonhadoras. Agóra, abandonando as nebulosidades metaphysicas, vae caminho dos mais reconditos penetraes do coração popular e de mais em mais se avoluma e revigora.

Afigura-se-me decisiva essa epocha na transformação de nossa mentalidade, e não deve passar desapercebida para quem quer que estude a historia da civilisação no Brazil. E' o marco milliario que attesta o lançamento das primeiras bases do regimen scientifico no solo brazileiro.

De então para cá, a grande sciencia européa começou a cahir mais francamente sobre nós. Basta confrontar o que tem produzido, nestes ultimos dez annos, o Brazil literario com as eclosões mais brilhantes que já pertencem á historia. Nos fastos do

pensamento brazileiro, destacam-se duas epochas de luxuriante effervescencia; — a segunda metade do seculo XVIII até começo do actual, e a porção deste preenchida pelo romantismo. Da primeira podem ser citados, além dos poetas da grande eschola mineira de um lyrismo vivaz e nitido: — Conceição Velloso, o celebre auctor da *Flora fluminense*, Arruda Camara, Rodrigues Ferreira, Silva Feijó, Vieira Couto, Ferreira da Camara, Coelho Seabra, Villela Barbosa, Moraes e Silva, o lexicographo, Hippolyto da Costa, o jornalista do *Correio braziliense*, e, maior que todos, José Bonifacio, o grande estadista da independencia. Seria tolo desconhecer o valor desses homens illustres, mas, me parece, o que se tem feito nestes dez annos dá-nos direito de pensar que a quadra agóra installada conseguirá mais em favor do progresso scientifico do que o conseguiram esses benemeritos curiosos dos velhos tempos. O mesmo se pode affirmar em relação aos romanticos mais proeminentes cujos nomes excusado é lembrar por muito conhecidos.

A eschola mineira deu o maior luzimento a nosso lyrismo caracteristico; o romantismo afastou-nos dos velhos moldes, deu-nos mais vivacidade ao estylo e lançou as bases do romance nacional; agóra é a critica o novo

rebento que nasce, e é a sciencia que se nacionalisa, isto é, se preoccupa com o que é particularmente nosso. As origens ethnicas do brazileiro, nossa botanica, as transformações linguisticas por que nosso povo vae fazendo passar a lingua portugueza, as tradições e poesia populares, os derradeiros selvagens que ainda povôam o interior de algumas provincias, tudo vae sendo objecto de estudo consciencioso e tenaz. O valor do portuguez americano, como povo, vae assim sendo determinado. Dahi uma comprehensão mais exacta de sua funcção historica no valor geral do desenvolvimento humano e uma orientação mais intelligente de nossa actividade. E' um trabalho identico ao que no seculo passado, emprehenderam Lessing e Gœthe, combatendo a influencia franceza, indicando, aos obcecados, o manancial fecundo donde corria a inspiração genuinamente nacional. E sabe-se esse germen quão prolifico tem sido em consequencias beneficas.

E' tempo agóra de estudarmos outra face do assumpto.

Já hoje ninguem ignora, e quasi todos admittem, as verdades fundamentaes do transformismo. Entre ellas sobresáe a que dá como resultante do conflicto vital a

divisão do trabalho ou dos officios, sob cuja poderosa acção brota a divergencia dos caracteres ou polymorphismo.

Não se tome o leitor de nenhum susto e venha commigo applicar o principio darwinista á collectividade humana.

As agglomerações de homens, a que se dá o nome de nação, assediadas por todos os lados, umas pelas outras, n'um circulo ferreo que ininterruptamente diminue de raio, precisam de um territorio seu, onde vivam e onde trabalhem, onde se nutram e onde se desenvolvam; mais ainda, são forçadas a crear na industria, nas artes, na sciencia, alguma coisa de proprio que as desassimilhe, que as separe reciprocamente, e nessa especialisação crescente dos agrupamentos parciaes, das nações, se vae executando para o grande todo, a humanidade, a passagem constante do homogeneo, segundo a lei do progresso formulada por Spencer. (1) A nação, que não tem em si a seiva necessaria para crear sua originalidade, está exposta a uma lucta mais tenaz, porque tem

(1) Já Gœthe em seu tempo dizia: "Quanto mais imperfeito é um ser, mais suas partes constitutivas são analogas entre si e similhantes ao todo. Quanto mais perfeito é, mais suas partes são dissimilhantes".

de disputar com outras, n'um duello de morte, todos os seus elementos de vida.

Não é possivel, no estoso mar, profundo e soluçante, da sociedade humana, a existencia de organismos que participem do caracter indeciso de certos animaes pelagicos, que são translucidos e completamente analogos, na côr, ao meio que os circumvole. Não ha nação incolor que viva, pode-se dizer affoutamente. Será um typo intimamente minado por uma consumpção que o irá estiolando lentamente, mas seguramente, será um organismo atacado de uma ankylose geral, que lhe irá progressiva e inexoravelmente tirando o movimento a todas as articulações, até tornal-o materia inerte, sujeita sómente aos estragos da dissolução.

Forçosamente todas as nações procuram uma especialisação que lhes garanta um viver menos precario e lhes distribua um papel no desenvolvimento do progresso humano.

Esse caminhar para a dispersão lhes é imposto pelas necessidades naturaes da vida, sendo de notar que as variedades, produzidas por um typo fundamental commum, se desenvolvem tanto mais facilmente quanto mais distinctas se tornam. «Si, em um mesmo canto da terra, numerosas variedades de uma

especie vivem juntamente, as formas extremas, as mais divergentes, poderão mais facilmente coexistir do que as formas medias, obrigadas a luctar com cada uma das formas extremas.» Este pequeno trecho de exposição da theoria darwiniana pedi-o á *Historia da creação* de Hæckel (1) que, apezar de Dubois-Reymond, nunca poderá ser tida como um romance. Transportando essa lei para a ordem de considerações de que ora me occupo, direi: dessa necessidade inilludivel, que é uma condição existencial, uma fatalidade inevitavel, nasce a accentuação dos typos e das caracteristicas dos diversos povos.

Não quero dar á theoria advogada maior grau de credibilidade do que ella comporta; parece-me, no emtanto, que ella traz muita luz para o espirito indagador se aventurar no labyrintho inextricavel dos phenomenos sociaes. E' preciso tambem, antes de mais, ponderar que não se lhe deve mimosear com o caracter de exclusivista. Devem alargar-se-lhe os termos e não restringil-os, porque se tracta aqui sómente de preponderancia. Por uma nação se avantajar, em um ramo de industria ou de sciencia, não estão

(1) Pag. 241 da trad. franceza de Letourneau, Paris, 1874.

as outras inhibidas de, nesse terreno, tambem exercerem-se, mas sim o farão em menor escala e com menos brilho.

Lancem-se os olhos para a familia humana espalhada pela superficie habitavel do planeta tellurico. Ha todos os graus de civilisação, desde a selvageria miseravel do famelico australiano, do bochiman pusilamine e cruel, do negrito, do botocudo, até as ramificações mais elevadas da arvore social,— o europeu com os seus descendentes. Pois bem, mesmo entre os selvagens, não ha duas nações similhantes em absoluto. Os costumes dos vedahs, por exemplo, não se confundem com os costumes dos adamantinos, embóra o tom geral da similhança que ha no viver de todas essas populações retardadas.

A dissimilhança cresce na proporção que se vae subindo em adeantamento. Não é que as raças humanas não possuam todas uma organisação cerebral moldada pelo mesmo typo, com o mesmo mechanismo motor e os mesmos sentidos; mas é que as faculdades diversa e desegualmente desenvolvidas vão sendo transmittidas pela hereditariedade, segundo são adquiridas e aperfeiçoadas, de maneira a ir-se constante e progressivamente accentuando as aptidões de cada povo, de cada nação.

A lei da differenciação morphologica começa a plantar as primeiras sementes de nossa individualidade futura, desde o momento em que os tres factores principaes da colonisação deste pedaço d'America se fusionáram, bastante para originarem um novo typo ethnico.

E' facto esse que sem grande custo se pode verificar contemplando diversas faces das que apresenta nossa evolução social.

Previno, antes de tudo, que não é intenção minha fazer agóra um estudo de embryologia social. Por mais que a novidade o brosle de seducções arrastadoras, força é deixal-o de parte nesta occasião. Baste-me, portanto, atirar neste canto de livro, que ha de nascer e morrer n'um canto de provincia, algumas idéas esgarçadas, despretenciosas e muito geraes sobre o assumpto.

1.º O facto mais longinquo que o historiador encontra, para attestar que no bloco indeciso da colonia portugueza d'America já se iam rasgando os primeiros contornos da futura nacionalidade, é a expulsão dos invasores protestantes pelos esforços isolados dos aguerridos pernambucanos. Depois a nacionalidade em via de formação se foi affirmando, de onde em onde, no longo decurso da historia colonial, com esses holocaustos

sanguentos que formam a religião do patriotismo de todos nós: — a revolta e o assassinio legal de Filippe dos Santos (1720); a inconfidencia mineira; o 6 de Março de 1817, etc. Em seguida vieram: o franqueamento dos portos brazileiros, em 1808, que consolidou a organisação nacional; a elevação do Brazil a reino, em 1815, que tornou para sempre impossiveis as pretenções recolonisadoras da metropole; e o 7 de Setembro que vem a ser isto: — um principe ambicioso feito instrumento nas mãos de estadista habil e amante da patria. De 1822 a 1831 completou-se a integração nacional pela expulsão das ultimas tropas portuguezas e desannexação da Cisplatina. Segue-se a regencia. Ahi o que nos fere a vista, ao primeiro relancear de olhos, é uma successão ininterrupta de disturbios, sedições, pequenas revoltas e até serios levantamentos. Durante esse lapso de tempo circumvolvia o paiz uma quente atmosphera de agitação revolucionaria. Como que a nação inquieta revolvia-se em busca da orientação, que devia imprimir á sua politica, e das bases onde repousar as construcções futuras; como que elaborava o caracter com que devia apresentar-se na grande obra da civilisação humana. Então ficou provada a nossa incapacidade militar,

que as guerras com o Rozas, com o Estado Oriental e com o Paraguay vieram depois confirmar, e o paiz foi concentrando suas vistas para o interior e comprehendendo que o industrialismo era-lhe imposto pela civilisação e pelas disposições naturaes de seus filhos.

Infelizmente o segundo reinado, com seu systema corruptor e deprimente, veio desvirtuar todos os elementos de progresso, trazer á alma da nação o indifferentismo e a estagnação, o que é simplesmente o primeiro passo para a decadencia. No emtanto me parece que as condições naturaes e sociaes do Brazil hão de determinar-lhe, no futuro, uma vasta federação, cuja politica seja de paz para o exterior, de incremento ás fontes naturaes de engrandecimento e progresso.

Alicerce para uma grande nação nós possuimos, vê-se, o que nos falta é energia no povo para arredar de seu caminho os homens que tudo sacrificam a seus interesses pessoaes, e ao governo perspicacia para comprehender as necessidades do paiz e seus elementos de vida.

2.º O primeiro problema que um paiz nascente tem a resolver, que lhe bate ás portas com o imperio e a inflexibilidade da

fome, que não transige nem conhece paliativos — é o problema economico. Sua primeira e mais urgente necessidade é prover a propria subsistencia, porque, «em toda parte a constituição do orgam precede o apparecimento da funcção».

Acompanhemos o desenvolvimento organico da nação brazileira desde o primeiro seculo da colonisação, desde o seu *blastema*, desde o seu *plasson* até nossos dias, e veremos que, para satisfazer ás exigencias quer do estomago quer da vaidade, ella tem sempre recorrido ao largo seio fecundo da terra, á pujança inexgottavel da natureza americana.

Nos primeiros seculos da colonia, tentou-se o assucar; no seculo XVIII, a febre da ambição arrastou os povoadores do paiz para os serros onde esquivos se occultavam os diamantes de scintillas agudas e as fulvas palhetas de ouro nativo; depois foi em tão grandes proporções explorado o café que o Brazil se tornou o *cafesal do mundo*, segundo uma phrase de Oliveira Martins. E, em todas as epochas, o principal operario foi o negro barbaramente arrancado aos areiaes d'Africa; excepção talvez sómente da especulação do algodão e da borracha, onde a contribuição da raça negra foi e é minima.

Mas é preciso notar que essas industrias são, como a do fumo, de influencia secundaria.

Tudo isso é exterior, tudo isso não tem cunho nacional, tudo isso dá á nossa patria um aspecto colonial, confessemos. Si, porém, examinarmos, com attenção mais detida, essas experiencias especulativas quasi sempre descaminhadas pela gana do lucro, si despirmos o facto da materialidade confusa e grosseira que o enroupa e olharmos o principio intimo que o move, veremos isto: —as gerações, que se têm successivamente revezado no desbravamento desta porção d'America, reconheceram empiricamente que sua riqueza estava em seu solo, no cultivo de suas terras fertilissimas.

Uma outra industria que nos parece de muita influencia sobre a formação do caracter brazileiro é a creação de gados. Nella se têm sempre empregado os mestiços semibarbaros do interior e não as populações extrangeiras. Isso dá-lhe uma feição mais permanente e mais nacional. E' ainda uma prova do que acima avanço.

3.º Volvamos os olhos para outro lado.

Contemplemos o desenvolvimento pesado e lento da intelligencia brazileira. Uma aspiração bem pronunciada para sua autonomia,

aspiração que se revelou franca e vigorosa nas grandes eclosões de vitalidade (eschola mineira e romantismo), é o que sobresáe á primeira vista.

O facto indicado não é mais do que a procura de uma especialidade propria, a tendencia para a differenciação do pensamento nacional. Em poesia já o brazileiro encontrou sua forma propria, aquella em que melhor transfunde a psychologia nacional: — o lyrismo (1). O romance brazileiro, a despeito de algumas tentativas dignas de nota, ainda não se definiu completamente; apenas se vae condensando e orientando agóra nas mãos de artistas habeis, depois do impulso inicial de José de Alencar. Porém o filão da mina está encontrado e certo ha de ser vantajosamente explorado no futuro, como presentemente o vae sendo por Franklin Tavora, Inglez de Souza, Aluizio, etc.

Falta-nos sómente o departamento scientifico.

Este ultimo decennio chofrou-nos sobre elle por intermedio do positivismo. Eis ahi a immensa divida que contrahimos com a philosophia de Comte. Foi ella a energia

(1) Vide Sylvio Roméro — *Introducção á Historia da Litteratura Brazileira.*

primeira, o *nisus formativus* desse movimento que veio arrancar-nos disso que Chenier chamava *volupté sage et pensive et muette*, e mostrar a inanidade de umas quantas frandulagens bulhentas, com que a metaphysica costumava illudir nossa curiosidade scientifica. Nella retemperamos as energias mentaes e, munidos do criterio são, que ella tem para comprehender as diversas ordens de phenomenos, os homens mais cultos fôram pondo-se em contacto immediato com a sciencia européa, arroteando o inculto e iriçado terreno do que se pode, não sem temeridade, chamar sciencia brazileira. Anteriormente a philosophia brazileira representada pelos Mont'Alverne, Eduardo França, Patricio Muniz, etc. andava muito arredia dos progressos consummados no velho mundo e, para levantal-a desse abatimento, nos parece, nenhum systema melhor do que o positivismo; porque só elle podia oppor uma organisação firme e acabada á organisação catholica que se dissolvia.

Hoje, muitos, já desprendidos do espirito de eschola, vão caminho de coisas mais novas, alargando o ambito de sua mentalidade; outros nos azoinam os ouvidos com objurgatorias injustas ao comtismo, mas, não obstante, força é confessar-lhe os meritos, e

em relação a nós, devemos reconhecer sua funcção na evolução do pensamento brazileiro e sua influencia permanente em todos os actos de nossa vida intellectual.

E' visivel a transformação operada. A sciencia em tudo penetrou; na critica com Sylvio Roméro, no direito com Tobias Barreto, na historia com Capistrano de Abreu, na poesia com Martins Junior, emfim em todos os ramos de conhecimentos que cultivamos.

Si não fizemos mais e coisa de mais vulto, não foi por vicio immanente á philosophia positiva, mas em consequencia de condições ethnicas e economicas que nos são desfavoraveis.

Provarei. — 1.° O portuguez, de que promanamos principalmente, segundo traços deixados na historia, é dotado, em alta dose, de coragem e nobreza com seu *pendant* de grossa vaidade e fofa arrogancia que, em dadas occasiões, transformam as bôas qualidades em apathia comatosa, em quietismo podre. Assim é que depois dos rasgos inexcediveis de ousadia aventureira pelos *mares nunca d'antes navegados*, precipita-se no dominio degradante de Castella. E' trabalhador, mas nelle sempre predominou a sensibilidade. Assim é que o pequeno reino tem

tido poetas de estalão a se medirem com os maiores, mas nunca viu fecundado em suas entranhas um sabio de primeira ordem. A caracteristica do genio peninsular parece ser o heroismo no arrojo dos commettimentos, na dedicação, em tudo, penso, em desaccordo com Buckle, que lhe dá como caracteristica a *reverencia* e com Oliveira Martins (*Civilisação Iberica*), que julga ser a independencia. Posta esta base no cadinho de uma natureza exuberante, e juntando-lhe o que podemos herdar do indio e do negro, temos em resultado isto: uma sobranceria que despreza certa ordem de trabalho por grosseiro ou ignobil; falta de perseverança para um trabalho continuado e longo; ardentia de imaginação, dando largo campo ás manifestações da poesia. Somma: incapacidade scientifica.

2.º Já é um logar commum a affirmação de que antes de dar uma certa base estavel á sua riqueza, não pode uma nação culturar-se intellectualmente. O Brazil ainda não alcançou esse estado. Quasi que só produz café para trocar por todos os productos de que ha necessidade, e "economicamente, como escreve O. Martins (1), a idéa de

(1) *O Brazil e as colonias.*

nação liga-se á de um organismo que tem no conjuncto de suas producções, o indispensavel para a sua subsistencia, e que permuta as sobras com as sobras das demais nações".

E' preciso que resolvamos primeiro o embaraço economico para depois podermos aventurar-nos seguramente no convulso mar das idéas, para que possamos ser contados por alguma coisa na formação da mentalidade do seculo.

Nosso estado economico, inclinando todas as forças vivas da nação para o lado material da existencia, não nos permitte ainda as largas expansões da idealidade. O que de energias pode distrahir-se desse intuito, demandado pelas influencias ethnicas e mesologicas, se dirige para o mundo da poesia. Eis porque, nos annaes de nossa literatura, não fulgem muitas intelligencias *à large envergure*.

As condições ethnicas fazem com que nós só possamos valer alguma coisa pela pujança de nossa lyrica; as condições economicas mal nos permittem esse respiradouro. Consequencia: — nullidade scientifica.

Agora subimos mais alto a ver a luz que se irradia dos grandes fócos da civilisação

européa e é natural que continuemos a subir mais e mais, porém, mesmo no futuro, quando estiver formado o genuino brazileiro, e completamente constituida a nação pela estabilidade da riqueza, mesmo então, nossa literatura será principalmente poesia. Em sciencia andaremos sempre arrimados ao bastão alheio.

Em nossas mattas virgens as plantas sarmentosas formam bellissimas lianas que se abraçam ás grandes arvores frondentes, se estiram em longos espreguiçamentos de serpente, se debruçam, caindo em chuva de flores e verdura. Mas, esses compridos ramos flexiveis, que nascem no adito das florestas, onde mal se insinúa uma restea de luz, não se podem elevar ás altas regiões para se embriagarem de sol e operarem sua chlorophyllação, sem o auxilio das arvores mais robustas.

Em sciencia procederemos dessa mesma maneira; temos o mesmo defeito ingenito.

Fecharei este capitulo expendendo algumas idéas sobre as causas intimas que determináram a transformação de 1870 na qual o positivismo entrou como director mental.

Poucas palavras. O espirito nacional sendo despertado em sua morosa evolução pela guerra com o Paraguay, houve um levantamento geral nas consciencias e uma esplendida floração lyrica. Cessada a guerra, as intelligencias já não podiam voltar á estagnação, ardiam por avançar. O choque as arrancára do entorpecimento e lhes trouxera o amor da agitação e da lucta. Atiráram-se, então, por novos caminhos, e, dahi, resultou essa eclosão que, começada alguns annos antes, se accentuou em 1870, e vae augmentando continuadamente, sinão com a força e pujança que eram para desejar, ao menos de um modo que nutre bôas esperanças de um futuro melhor.

A primeira consequencia vantajosa que trouxe a nova direcção dos espiritos foi a questão religiosa.

Em geral se entende que a rixa entre o poder temporal e o espiritual foi que nos abriu os olhos, foi a causa efficiente da transmutação mental que fez baixar o credito do theologismo. Esse modo de ver gerou-se do facto exterior superficialmente observado, consistente na maior ousadia dos espiritos em abordarem os assumptos religiosos, para discutil-os, da mais larga franqueza na externação das idéas, depois

do famoso processo dos bispos do Pará e Olinda. Anteriormente, raros eram os atrevidos que confessavam publicamente sua falta de confiança nos responsos e ladainhas; posteriormente, porém, ao conflicto religioso a indifferença do povo ficou patenteada e a incredulidade perdeu os escrupulos timoratos. Concluiu-se então: — a lucta religiosa trouxe a liberdade do pensamento.

Engano. A evolução de uma sociedade nunca dependeu da maior ou menor caturrice dos individuos.

A lucta, empenhada entre o espirito theologico, acaudilhado por D. Macedo e Fr. Vital e o espirito metaphysico, foi uma consequencia e não uma causa; a desavença entre o Estado e a Igreja foi um caso fortuito que, quando muito, precipitou a marcha dos acontecimentos. E' preciso não se ter uma comprehensão scientifica dos factos historicos para admittir-se que um evento de grande alcance se opere pelo mero influxo dos individuos.

A meu ver a questão religiosa exprime isto: a metaphysica que vinha de longa data minando sua rival, a theologia, no momento em que poude contar com um novo alliado, o espirito scientifico, feriu batalha campal,

batalha que ainda perdura, mas onde as perdas da theologia são visivelmente mais sensiveis.

Além da razão sociologica de momento, outras ha que coadjuvam a vencedora.

O brazileiro é naturalmente superficial. O acido dos grandes sentimentos faz nelle erosão pouco notavel. Emquanto a sentimento religioso, nunca o teve profundo ou, para falar com a linguagem graphica de Tobias Barreto, melhor dissera: « nossa religiosidade é mais epidermica do que visceral. »

Somos uma nação moderna, sem tradições dos velhos tempos em que a crença dava o braço á cavallaria e fazia heróes. Os portuguezes, para aqui transportados, tinham mais urgentes necessidades em que occupar o tempo e abandonáram aos Jesuitas os cuidados do espiritual.

Estes, no sonho de fundar um imperio para a ordem, agremiáram os indios e a elles dispensáram todos os desvelos. Os indios, além de terem deixado poucos residuos de seu genio e tradições para a constituição de nosso caracter, sabe-se quão á flor da terra tinham as raizes da crença.

Nestas condições, onde o terreno para enraizar uma grande convicção religiosa

capaz de resistir á acção destruidora do tempo?

O que nós temos, por herança portugueza, é uma veneração aos factos consagrados, respeito submisso á auctoridade constituida. Mas, si apparece algum iconoclasta nossas sympathias são todas por elle e deixamos nosso primitivo modo de pensar com uma facilidade toda latina, como quem despe um vestido imprestavel, já fóra da moda. Mostramos assim a verdade daquelle verso de Ovidio:

Et documenta damus quâ simus origine nati...

Depois da questão religiosa tudo tem marchado no sentido de mais nos avisinharmos dos grandes centros cultos, apezar da inaptidão dos brazileiros para os estudos mais serios, e que exigem constancia e afinco no trabalho.

CAPITULO II

Mostrei, nas paginas do capitulo anterior a marcha e desenvolvimento da eschola positivista ao norte do imperio, assim como fiz notar sua tendencia a transformar-se em evolucionismo, substituindo Comte por Hæckel e Spencer.

E' chegada agora a vez do sul.

Não se espere de mim que vá colher tudo que ha produzido a imprensa do sul, para dar um *compte rendu* detalhado e completo. Limitar-me-hei ao indispensavel, ao que baste para accentuar o valor das producções e para dellas arrancar a direcção que seguem ou promettem seguir os espiritos.

No Rio de Janeiro a chamma da crença era alimentada, quasi exclusivamente, por alguns professores de mathematica entre os quaes cita-se o illustre Sr. Dr. Benjamin Constant, mas a voz desses apostolos não echoava fóra das naves do impenetrado tabernaculo, parece.

Assim é que o apparecimento, em 1874, do primeiro volume d'*As tres philosophias* do

Dr. Pereira Barretto não poude agremiar as attenções esquivosas, quasi que passou desapercebido.

Mas o fogo estava ateado e ia lavrando sob as cinzas.

Alguns moços, ao *influxo confessado* do exemplo que davam os mestres, iniciáram uma propaganda mais efficaz do que quantas até então tinham sido feitas, porque mais enthusiasta, mais prompta, porque activada pela exaltação dominadora, pelo ardor communicativo que sóe ter a juventude. Entre esses moços estavam Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Teixeira de Souza, etc., cujos esforços ahi estão na *Idéa*, *Rebate*, *Crença*, *Chronica do Imperio*, *Pequenos ensaios positivistas* (titulo com que em 1877 o Sr. Miguel Lemos publicou uma collecção de artigos seus), na these inaugural do Sr. Dr. Teixeira de Souza, sobre a *influencia das experiencias physiologicas nos progressos da medicina pratica*.

Este era o grupo dos dissidentes, dos littréistas, trabalhadores, ousados, mas que surgiram e desappareceram com a brevidade dos ephemeros.

Os primeiros positivistas da côrte foram orthodoxos e em breve absorveram os hereticos com a creação de uma sociedade

positivista (1° de Abril de 1876), onde todos se congraçáram, esquecidas as discordancias que os dividiam. (1)

Antes de passar adeante é bom deixar firmada uma observação. Emquanto no Recife as grandes idéas partiam dos alumnos da faculdade de direito, para incendiarem o povo, no Rio ellas desciam da tribuna do mestre ou eram trazidas por quem as fôra beber no extrangeiro. Exalça o valor dos luctadores do norte essa distincção, creio.

Em 1876, o Dr. Barretto dá á estampa o segundo volume d'*As tres philosophias* e o Dr. Ribeiro Mendonça em sua these — *Da nutrição*, — mostra-se um fervente adepto da eschola positivista. (2)

Já por essa epocha iam rebentando, á flor do vulgo, as generalidades da nova

(1) Foi esta a primeira sociedade positivista que existiu no Brazil, ao que parece. A ausencia de cohesão nos principios tornou-a incapaz de actuar vantajosamente sobre o espirito da população. Fôram seus socios fundadores Oliveira Guimarães, Benjamin Constant, Alvaro de Oliveira, Ribeiro Mendonça, Oscar de Araujo, T. Mendes e Miguel Lemos. — *Resumo Hist.*, pag. 10.

(2) E' tambem auctor dos *Aponctamentos para a historia do fetichismo*, um livrinho sem grande fundo de erudição e sem o menor interesse para o estudo de selvagem e povo brazileiros, como era de esperar em um trabalho, como este. Superior lhe é sem duvida, como producção nacional, o *Fetichismo religioso e politico* de João Freitas.

doutrina, fornecendo á rhetorica jornalistica umas phrases novas, de torneio e sabor exquisitos, iriçadas de termos retumbantes, com que se conquistava credito perante o juizo aboleimado do baixo publico.

Foram, então, as ultimas batalhas do littréismo. Dahi em deante, fôram-se bandeando, uns para a orthodoxia, outros perdendo a cor da eschola pela adaptação franca e desprevenida das idéas modernas, outros filiando-se ás doutrinas de Spencer ou Hæckel (1), e o littréismo ficou sem representantes, pode-se dizer.

O anno de 1878 só conta de notavel, no movimento positivista do Rio, a accentuação religiosa da sociedade positivista, apezar de que, ainda sob essa transformação, continuou a improductividade primitiva. Só depois da conversão dos Srs. Miguel Lemos e Teixeira Mendes é que a *Politica* de Comte começou a ser divulgada com o impetuoso afan que traduz a principal saliencia do energico caracter literario dos dois illustres corypheus do positivismo religioso no Brazil.

Em 1880, o pequeno, mas corajoso, pugillo de positivistas do Rio de Janeiro deu

(1) Aponctarei os trabalhos ultimos do Dr. Souza Bandeira, como um bom especimen dessa tendencia.

um attestado de sua vida e pujança, solemnisando o tricentenario do grande epico portuguez, cuja glorificação civica fazia, ness'hora, perpassar pelo mundo civilisado um fremito de nobre commoção, um forte abalo nos sentimentos veneradores. (1)

O Sr. Lemos, que estava em Paris, propoz a Laffitte a idéa de fazer, na séde do positivismo, uma apreciação oral do cantor dos *Lusiadas*. Não foi possivel o desempenho da tarefa tal como fôra projectada, mas o estudo sobre Camões foi publicado na *Revue occidentale* e posteriormente em volume separado.

Ha no prefacio do livro um periodo que o resume todo: «Je me suis, dans cette étude, efforcé, de réunir sous la présidence de Camões, qui les domine tous, les types portugais placés par Auguste Comte dans son *Calendrier* ou *Système de commemoration universelle*.» Só o marquez de Pombal foi exceptuado, porque já pertence ao periodo da decadencia portugueza, a cujo despenhar elle quiz oppor a barreira de sua capacidade politica excepcional. E' uma synthese

(1) A festa foi planejada e executada de um modo notavelmente intelligente e não commum. Vid. Annibal Falcão —*Apreciação do movimento geral do Positivismo, etc.* e T. Mendes—*Culto positivista*.

da evolução da nacionalidade portugueza, a traços largos, mas seguros, desde a sua formação até o momento historico em que fulgurou o tragico vulto de Albuquerque, acompanhada da biographia do poeta-guerreiro, e de uma analyse de sua obra.

Direi alguma coisa sobre a biographia de Luiz de Camões. O auctor a traz envolta nos nevoeiros da tradição, sempre romanescamente deturpada por umas refulgencias de grandiosidade, com que a phantasia thurifica os vultos que ella ama ou admira, remodelando-lhes o aspecto, com emprestimos de perfeições inexistentes, ou transfigurações idealisadas de qualidades communs, reaes, humanas.

Assim é que se compraz em nos falar de entrevistas furtivas, com que o poeta minorava o pungir de suas magoas e se forrava dos agrores de sua precaria condição, ao voltar do desterro d'Africa, quando se diz que, por esse tempo, Catharina de Athaide já era esposa de Ruy Borges, e esposa recatada, como se pode inferir de sua conhecida resposta ás repetidas indagações de frei João do Rosario. (1)

(1) Consultem-se as interessantes notas biographicas de Camillo Castello Branco, prologando o poema de Garrett.

Assim é que, com toda segurança, affirma a constancia amorosa do poeta, esquecendo as Dinamenes, as Luiza Borbora, e, sobre tudo, aquelles sinceros versos:

> No tempo que de amor viver soia
> Em varias flammas variavelmente ardia

Poderia continuar neste caminho; mas com que proveito? Tracto, neste momento, de dar noticia de um livro e não de fazer-lhe uma rigorosa analyse. E' preciso, no emtanto, ainda accrescentar, para que se possa, com justeza, aquilatal-o, que esta segunda parte é firmada nas opiniões do Visconde de Juromenha e Th. Braga, e que, egualmente com a terceira, não é portadora de nenhuma novidade.

O que sobresáe no *Camões* é o estudo synthetico dos *antecedentes historicos*. Ahi está o alto valor do livro e a revelação da capacidade do auctor.

Fechado este parenthesis, que já vae tomando muita extensão, reato o curso de minha narrativa.

Com a volta do auctor do *Camões*, começa o periodo aureo da religião demonstrada no Brazil. Em torno do companheiro que chegava de Paris, tendo recebido de Laffitte o sacramento da destinação ao

sacerdocio e o titulo de director provisorio da orthodoxia brazileira, agrupáram-se todos, dando um impulso mais vigoroso e decisivo á propaganda, creando o *Centro Positivista*, celebrando centenarios, abrindo cursos, realizando conferencias e finalmente intervindo nos negocios publicos pela critica aos actos do governo, como aconteceu na questão dos *coolis*, e emancipação de nossos compatriotas de origem africana; como se viu com o surgir do celebre projecto ultra-pedantocratico que queria opulentar-nos com uma universidade. (1)

Depois a propaganda extendeu-se até S. Paulo, onde se formou um pequeno grupo. Na lendaria Paulicéa, que tem sido a preparadora de tantos engenhos fecundos, antes que a visitasse o Sr. Miguel Lemos, já o positivismo havia agremiado as melhores intelligencias. Não falando de P. Barretto, R. Mendonça, Mendonça Furtado, e França

---

(1) Add. de 1898: — Foi depois da proclamação da Republica, e pela complacencia de Benjamin Constant que os positivistas influiram mais poderosamente sobre a vida politica do Brazil. Contra essa influencia, por julgal-a nociva, appareceram muitos protestos, salientando-se dentre elles, o livro de Sylvio Roméro — *Doutrina contra doutrina*. Do ponto de vista catholico, recordo a critica do Dr. José Faustino,— *Positivismo ás claras* (Ceará, 1897).

Leite, etc., que seguiam as pegádas de Laffite, deixaram um nome acatado, nos fastos da eschola de direito do sul, os redactores da *Evolução* e do *Federalista* — Assis Brazil, Alcides Lima, Pereira da Costa, Julio de Castilhos e alguns mais.

A acção do Sr. Lemos foi apenas no sentido de desviar algumas intelligencias de certo brilho, mas de firmeza incontestavel.

Repercutiu tambem em Pernambuco um echo sympathico á doutrina que ufana assentára sua tenda de guerra na capital do imperio. Annibal Falcão convertido á fé da doutrina regeneradora, como é costume dizer, realisou uma conferencia sobre Danton e outra sobre Comte, traçou um historico do movimento positivista no mundo e principalmente da fé demonstrada no Brazil, escreveu uns artigos sobre ensino obrigatorio, etc., etc. Os crentes, porém, não appareceram. As tradições litterarias do Recife tornam-no improprio para a acceitação do positivismo mystico.

No Ceará, o Dr. Belfort Teixeira escreveu, no *Sobralense*, uma longa serie de artigos em que dava uma idéa geral do positivismo religioso, em estylo singelo e castigado; mas não conseguiu augmentar o numero dos confrades.

Eis ahi aponctado o essencial para se poder avaliar da latitude e força do comtismo puro, entre nós.

Todos que temos amor ás grandes convicções, não podemos retirar nossas sympathias e admiração a esse punhado de teimosos infatigaveis, de apaixonados inflexiveis, que affrontáram corajosamente a acção enervante do meio social, luctáram contra todos, não recuando mesmo deante do ridiculo, com que lhes quizeram inutilisar os nobres tentamens, sempre consumidos pela pyrexia de uma crença profunda, a absorver-lhes todas as energias num devotamento fanatico.

Todos que desejamos d'alma o engrandecimento intellectual e moral da patria, todos que esperamos, num futuro melhor, o levantamento de seu prestigio perante o mundo culto, havemos de applaudir sinceramente tanto labor e tanta dedicação, que pelo menos, tem o merito do incitamento. E não é pequeno serviço esse, para um povo a que o clima prodigalizou indolencia e molleza.

Ultimamente, por um excesso de zelo desligáram-se da direcção espiritual do centro parisiense. O chefe fluminense, fiel á injuncção moral que manda viver ás claras,

expoz pela imprensa as razões (1) que motiváram a separação.

As iras agora voltam-se contra Laffitte, a quem se argue de insufficiente, como se voltáram contra Littré, como se voltarão contra todos que não conseguirem, por um esforço de maceração espiritual, ter uma submissão silenciosa de ovelha.

E' convicção minha que as divisões e subdivisões de seita, as apurações extremadas de doutrina se irão succedendo (como acontece sempre que a decadencia mina um systema ou uma crença), até que todos se convencerão afinal de que uma paixão senil, despertando a influencia, até então emmudecida, de Saint-Simon, transviou o genio de Comte, fel-o um dos atacados "por esta molestia universal inoculada no seculo XIX por Jean Jacques, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand, aggravada pela concordata, explorada pela reacção metaphysica e religiosa; que não poupou um Lamennais, nem um Enfantin, nem um Fourier, que infectou os homens de estado, os poetas, os romancistas, as classes dirigentes e as massas

(1) Publicadas no *Jornal do Commercio*, a *Folha do Norte* as transcreveu em seu n. 129 de 21 de Setembro do anno passado (1883).

revolucionarias", segundo se expressa André Lefèvre. (1)

E a selecção natural, que tambem é uma lei do mundo intellectual, completará a depuração do positivismo, fazendo a intelligencia moderna concluir a assimilação do que nelle houver de estavel e definitivo e rejeitar, por uma vez, o falso ou lacunoso, de novo affirmo, pois o phenomeno da nutrição, caracterisado pelo movimento duplo e continuo de assimilação e desassimilação, de absorpção e secreção, assim como é uma propriedade dos corpos organisados, é tambem uma lei vital da intelligencia quer individual quer collectiva. A' insaciavel curiosidade mental do homem apresentam-se as materias alimenticias, trazendo, indistinctamente, principios uteis, inuteis e mesmo nocivos. Depois de feita a ingestão é que o organismo absorve o que lhe serve e rejeita, pelo acto physico da exosmose, o imprestavel. E' assim que muito systema fica irremissivelmente desconceituado. E nunca, é preciso dizer-se, se engana esse insigne chimico — a intelligencia collectiva; quando muito, será algumas vezes retardatario.

---

(1) *Renaissance du Matérialisme*, pag. 113, Paris,—1881).

Nessa operação, a philosophia de Comte só perderá certos detalhes e accessorios, e então virá a comprehensão de que ella é como devera ser, simplesmente um methodo, e, como tal, resiste a toda prova.

Dos trabalhos publicados pelo centro positivista brazileiro merecem especial menção a *Universidade* e *Patria brazileira* do Sr. Teixeira Mendes e a *Formula da civilisação brazileira* de Annibal Falcão. (1) E' base desta escolha uma consideração unica:—os trabalhos aponctados discutem assumptos de interesse muito palpitante em relação ao desenvolvimento organico e intellectual de nossa nacionalidade.

O primeiro occupa-se de uma questão que tem sido o cachopo fatal, onde tem ido esbarrondar chatamente o tino administrativo de nossos politicos, a pedra de toque

---

(1) Hoje, 1898, é preciso accrescentar que as publicações do apostolado positivista no Brazil tem continuado, formando uma consideravel collecção de folhetos e livros, em que abundam as traducções, as soluções praticas e tudo quanto interessa á propaganda. Entre as traducções merece especial menção a do *Catecismo positivista* de Augusto Comte, por Miguel Lemos, e, entre as obras originaes, o ensaio biographico de *Benjamin Constant*, por Teixeira Mendes.

que melhor tem revelado a alta incapacidade de nossos homens para dirigirem um paiz, e palpar-lhe as necessidades urgentes, as que mais alto clamam.

E' uma pequena brochura motivada por um triste projecto que felizmente caducou. Neste poncto os positivistas estavam de accordo com todos os espiritos menos mazorras deste magico paiz das phantasmagorias apparatosas.

O motivo occasional passou, porém ainda subsistem as condições mentaes que o crearam. Por isso, não passou a opportunidade do livro, e não é descabido que aqui fiquem consignadas suas idéas matrizes. Reduzem-se ás seguintes:—a reorganisação do ensino é uma necessidade indeclinavel no momento evolutivo que atravessa o Brazil; o governo, porém, não pode fazer uma reforma arbitraria, porque limites naturaes restringem a intervenção humana nos acontecimentos politicos; o ensino da primeira edade é preciso ser dado na familia, para que bem longe se lance pela vida do homem a salutar influencia feminina; o ensino publico propriamente dito «deve conduzir não só á demonstração dos preconceitos contrahidos na infancia, mas tambem dos costumes e leis do paiz»; o governo não pode subsidiar

uma doutrina não acceita unanimemente, porque não tem competencia para apreciar qual, dentre todas, é a depositaria da verdade.

Estabelecidos e desenvolvidos estes principios, as conclusões brotam espontaneamente.

Eis o que é a *Universidade*. Acrescente-se ainda:—um estylo sempre terso e energico e uma boa argumentação.

A *Formula da civilisação brazileira* e a *Patria brazileira* se me afiguram de mais valor, de mais folego.

Ambos os trabalhos versam sobre o mesmo assumpto e completam-se mutuamente.

O primeiro immerge na funda escuridade de nossa historia colonial e vae sentir o primeiro pulsar da patria atravez das obcecações dos odios e dos preconceitos. «Terminada a lucta hollandeza, o Brazil tinha já reunido os elementos de uma verdadeira patria, de sorte que poderiamos conceber sua emancipação politica desde logo, si, por um lado, não devesse ser simultaneo o impulso de desaggregação do systema colonial americano, e si, por outro lado, a immensa extensão do paiz não houvera disposto desegualmente as condições locaes, sendo

preciso uniformisal-as previamente para que tivesse um verdadeiro caracter de união nacional a nova patria que se formava.» (1)

E' esta a primeira affirmação do estudo de Annibal Falcão. Perfeitamente exacta e justa é ella. De feito a expulsão dos batavos devida á heroica tenacidade dos naturaes, essa bellissima pagina de historia em que eu não sei o que mais admire, si os rasgos de indomito valor guerreiro, si a inabalavel constancia nunca esmaecida deante dos golpes da fortuna adversa, a *Iliada pernambucana*, no dizer de um escriptor extrangeiro, foi, incontestavelmente, o primeiro acto de affirmação da nacionalidade brazileira. Ahi estão as tres raças pelejando lado a lado, disputando unidas o solo que hão de unidas habitar. Ahi os pernambucanos, expulsando os invasores hollandezes sem auxilio da metropole, deixáram altamente demonstrado que já podiam luctar pela vida independentemente de pupilagem, que já haviam creado azas, e não lhes era difficil voar livremente pelo azul.

O colonato, no emtanto, foi se tornando de dia em dia mais antipathico, «não pelo

(1) *Diario de Pernambuco*, ns. 46 á 50 do anno passado (1883).

despotismo espiritual, escreve o Sr. T. Mendes, mas pela subordinação pratica. O Brazil, continúa elle, se convertera em uma mina que aos reinóes se afigurara inexgottavel.» E, então, appareceu, na scena historica, o movimento separatista que tomou forma real em 1822.

Eis ahi a interpretação positiva da historia brazileira que Annibal Falcão resume na seguinte formula: «prolongamento da civilisação iberica á que cada vez mais se assimilarão, até a reunificação total, os indios e os negros importados ou os seus descendentes.»

De pleno accordo em tudo, acredito, entretanto, que as condições mesologicas actuam poderosamente sobre os povos e que á historia é indispensavel essa base. A geographia do paiz, a constituição de seu solo, seu clima, sua flora e sua fauna, etc. são elementos exigiveis para quem procura comprehender a civilisação e o destino futuro de uma nação.

Eis ahi a parte lacunosa de theoria positivista, a meu ver.

Essa theoria eu não a tomo como novidade. Basta haver lido os trabalhos de Sylvio Roméro, de Pereira Barretto, o *Brazil e as colonias* de O. Martins, etc.

para não se encontrar ahi nenhuma surpresa. Mas, força é convir, ninguem havia ainda feito uma systematisação assim acabada e segura. O que havia estava disperso e indeciso.

A historia do Brazil ainda não achou quem a escrevesse, pois não se pode pomposamente decorar com esse nome a simples exposição de factos crus, sem critica e sem philosophia. E é isso que nós temos tido até hoje.

A historia é a *sociedade considerada no tempo*, segundo uma phrase muito conhecida e muito justa de Emilio Littré. E' preciso, pois, ao historiador não desprender um grupo de individuos, que habitam uma região qualquer, do conjuncto geral da sociedade humana. As nações, como os individuos, não poderão ser bem comprehendidas, si as estudarmos isoladamente. Para citar ainda o erudito investigador francez em cuja auctoridade me firmei, o historiador necessita «reconhecer, de um lado, que os phenomenos sociaes se succedem de um modo que nada tem de arbitrario e, de outro, determinar a lei dessa successão.» (1)

---

(1) *Fragments de philosophie positive et sociologie contemporaine*, Paris, 1876.

Os positivistas brazileiros, assim como alguns outros um tanto alongados já da philosophia de Comte, vão tornando essas idéas familiares com o uso consciencioso que dellas fazem. E' serviço esse que nunca se louvará demais.

Não foi sem ferir serios combates que a philosophia positiva conquistou seu direito de cidade neste pedaço da America. Desde que o fecundo systema ensaiou seu primeiro elance, com os innovadores do Recife, até agora, os anathemas, os exorcismos da carolice pretenciosa, a par das criticas rispidas e não raro absurdas de certos espiritos que se inculcam de livres, cahiram-lhe por cima em bátega formidavel. Ainda mais, a malsinação pequenina, a objurgatoria descortez, o improperio têm vindo, em nome da ignorancia e das antiqualhas, fazer-lhe esgares, levantando a baixa poeira da chacota.

Mas só devem deter a marcha do historiador sisudo as expansões da sinceridade, os rubros apaixonamentos das almas convictas. Passarei, pois, adeante. Certos productos da intelligencia, que tresandam á garotagem, é bom que fiquem, para sempre, atufados no esquecimento.

Na marcha que a philosophia positiva descreveu entre nós, não houve, propriamente, uma grande polemica aturada e seria, uma lucta entre athletas vigorosos, que para a liça entrassem sob o peso de suas melhores armas.

Nada disso.

A discussão, por exemplo, travada entre o litterato fluminense Carlos de Laet e os comtistas brazileiros, não é para ser lembrada, porque o debate se empenhou num terreno muito estreito onde perdeu, de todo, o sainete do interesse geral, unico estalão por onde podem se aferir os productos intellectuaes desse genero. Por occasião do Sr. Dr. Castro Lopes propor uma reforma ao kalendario gregoriano, o Sr. Teixeira Mendes, em nome do positivismo, veio á imprensa contradictal-o. Não é essa, porém, uma polemica genuinamente philosophica. O Dr. Souza Pinto, refutando uns dizeres do deputado geral Amaro Bezerra, e o Dr. França Leite, batendo-se com o *Monitor Catholico*, escreveram tambem duas series de artigos de combate.

O tiroteio mais memoravel, porém, foi o havido em S. Paulo, estando, de um lado, o ministro protestante Nash Morton e, do outro, o Dr. Luiz Pereira Barretto.

A questão agitou-se a proposito do apparecimento do primeiro volume (1) da *Bibliotheca util*, fundada pelo intelligente livreiro Abilio Marques:—*Do espirito positivo* por Aug. Comte, traducção de Ribeiro Mendonça.

O Sr. Nash Morton, querendo oppor um paradeiro á divulgação crescente dos principios anti-theologicos, sahiu a campo abroquelado por Huxley, Spencer, Virchow, etc., concentrando suas forças para este unico objectivo:—o denegrimento das obras e da pessoa de Comte. Acceitou o repto o Dr. Pereira Barretto e escreveu um bom numero de luminosos artigos, que depois formáram o precioso livro — *Positivismo e theologia*.

E' o Dr. Pereira Barretto incontestavelmente o rebento mais vultuoso do positivismo no Brazil. Inscreveu seu nome entre os mais distinctos homens de lettras deste paiz, desde a publicação dos dois primeiros volumes das *Tres philosophias*. Esse trabalho, ainda hoje por concluir, mira sómente á vulgarisação da doutrina de Comte, pois que as idéas centraes, sobre que gira, fôram

(1) Desta bibliotheca publicáram-se apenas cinco volumes, dos quaes tres tinham feição positivista, e eram, além do citado no texto, a *Educação* por F. Leite e *Soluções positivistas da politica brazileira* por P. Barretto.

pedidas aos próceres da eschola em França. Ha, no emtanto, uma boa somma de idéas fecundas e originaes semeadas aqui e além pelos livros, toda vez que o auctor volta os olhos para a patria.

Dois exemplos bastam para esteiar o que acabo de dizer.

Nossa historia, pensa o distincto medico paulistano, «começa de hontem: é a sua primeira pagina a emancipação do ventre proletario; a questão clerical a segunda e a guerra com o Paraguay o seu sombrio discurso preliminar.» Isto é da mais rigorosa exactidão, si tivermos em vista a pesada vida politica que arrastamos depois que nos venderam a independencia.

A caracterisação de nossos partidos é egualmente apreciavel pela segurança dos traços e fidelidade no daguerreotypo. Certo, o leitor se alegrará de ler commigo essa passagem donde emerge lucida a verdade, vestida num estylo colorido, vivaz e incisivo.

Eil-a:

«Ambicionar avidamente o poder; conquistal-o; perdel-o; retomal-o; fazer leis, quando a sciencia não as faz, mas sim as descobre; tecer louvores eternos a uma Constituição fossilea; remendar, e traçar circulos na areia, como o paisano do Danubio,

não é por certo *conservar*; é simplesmente sorprender a boa fé da nação.

Por outro lado, indignar-se, insurgir-se contra os retrogrados, amaldiçoar tudo quanto nos legou o passado, fazer fogo de pelotão sobre os aulicos da monarchia, para, no dia seguinte, ir deitar-se aos pés do mesmo amo, não é por certo *progredir*, é confessar-se impotente, é tão sómente deixar transluzir o despeito.»

Dos males que nos canceram a existencia, do abatimento ruim que nos estraga, não crê que tenha toda a culpa o atrazado governo, que nos legáram; irrita-o, tambem, a immobilidade do povo ignorante e fanatico e enxerga ahi um potente auxiliar aos desmandos da politica. Um governo honesto, diz elle, deve «limitar sua acção á estricta observancia da marcha da opinião nas camadas mais cultas da sociedade, a sanccionar com firmeza a tendencia preponderante indicada pela fria observação dos factos.

.....

«Esperar que um povo ignorante e fanatisado nos dê suas sympathias, quando se tracta dos interesses da outra vida, não é só uma utopia, é uma exorbitancia de psychologia. O povo não se move porque está com Fr. Caetano e não comnosco.»

Não desejo multiplicar citações, portanto aqui lhes ponho termo, enviando o leitor para a *Carta dos Srs. Senadores Jobim e Godoy* e *Uma palavra aos politicos*, no primeiro volume; *Prefacio* e *Aos legistas*, no segundo.

Nestas primeiras apresentações ao publico, o Dr. Barretto se mostrava filiado ao grupo que se inclina sob a suprema direcção de Pierre Laffitte.

Nas producções subsequentes se revela já liberto das deprimentes injuncções systematicas, o que lhe valeu uma excommunhão formal por crime de heresia.

Hoje não occulta sua veneração e sympathia pela patria de Gœthe, mas no prefacio da *Philosophia metaphysica* encontra-se o trecho seguinte: «A Allemanha é hoje, militarmente, a primeira potencia européa: entretanto, politicamente, ainda é hoje um dos paizes mais retardatarios da Europa, e *ainda muito lhe falta para collocar-se na altura da França do seculo XVIII.* A vista de um exemplo desta magnitude, torna-se de uma evidencia deslumbrante que a grandeza politica de uma nação jamais precede, mas sempre segue a sua grandeza intellectual.»

No livro *Positivismo* e *theologia* admitte a distincção trazida por Mill entre as conclusões da philosophia e as da politica positiva;

não decide francamente entre Comte e Littré nem entre positivismo, materialismo e darwinismo; comprehende e sente a poesia e assento real que tem a creação da religião da humanidade, mas como o poderia comprehender e sentir um materialista, um Z. Moindron, que assim se expressa, a respeito: « O culto da humanidade, representada por seus grandes homens, é o que póde haver de mais legitimo sob o poncto de vista do espirito e do coração e ao mesmo tempo mais salutar, moral e intellectualmente. »

No pequeno volume das *Soluções positivas da politica brazileira*, estuda duas questões que muito nos têm preoccupado e que affectam os mais vitaes interesses do paiz — a elegibilidade dos acatholicos e a grande naturalisação. Em sua linguagem sempre energica e bem trajada, desnudou algumas de nossas miserias, mas, apezar da epigraphe — *ordem e progresso*, aquillo é tanto positivismo como outra qualquer philosophia adeantada. O que, com toda certeza, não pode ser é comtismo orthodoxo.

Tudo isso o poz para sempre fóra do regaço do mestre impeccavel.

Para manifestar minha opinião individual, prefiro-o assim, com a intelligencia aberta a todas as irradiações da luz.

Uma certa propensão para o mysticismo e um certo sainete isoterico foram sempre as notas antipathicas do positivismo. « O genero humano, é preciso repetir com Luiz Büchner, em geral, não se quer deixar instruir por systemas, porque não foi creado pela natureza segundo um systema, e uma lucta continua das opiniões, das tendencias e das disposições, parece ser um elemento de vida. » (1)

De passagem embóra, tenho tocado em todos os centros literarios que mais brilho actualmente ostentam, excepção sómente do Rio Grande do Sul.

Nessa provincia a influencia de Comte foi minima. Não conheço um só trabalho, de valor, d'aquella procedencia, que se tenha exclusivamente inspirado na philosophia positiva. Mesmo alguns moços, que de S. Paulo já leváram sua preparação philosophica, não são positivistas genuinos. Não o é Assis Brazil nem Leal Ferreira nem outros. (2)

---

(1) *Science et Nature*, trad. de A. Delondre, art. — Les positivistes ou une nouvelle religion, vol. 1.°

(2) No emtanto, pela influencia de Julio de Castilhos, um eminente homem de governo, é hoje, com a Republica, o Estado onde a acção do positivismo mais vigorosamente se tem feito sentir sobre a organisação politica.

A corrente de immigração tem estabelecido uma communicação directa entre a Allemanha e o Rio Grande, de maneira que um reflexo fortissimo de civilisação germanica assoberba o elemento latino.

Depois de tudo isso se me perguntará: além de suas fecundas applicações á historia patria e um nobre exemplo de coragem e dedicação, qual o serviço que a orthodoxia positivista em particular nos prestou? Só vejo este: contribuiu para que se enxergasse o caracter transicional do littréismo, fazendo as intelligencias emancipadas atirar de si os grilhões do systema, e se aventurar em novos mares.

Effeito real e positivo em prol do adeantamento do paiz não vejo outro, até o momento actual.

Si mais largamente avassalasse elle os animos, bem ao envez de nos ser favoravel, talvez nos fosse nocivo seu advento. A antipathia, que vota ás sciencias recentemente constituidas e aos ultimos resultados a que chegaram certos ramos do saber humano, pesariam muito em um paiz atrazado, que mal ensaia o primeiro vôo em coisa que não seja poesia ou romance.

Antes de fechar o livro, ainda algumas phrases.

Delle, eu bem sei, não reçuma o doce e suave attractivo que, como um perfume cheio de mysticismo e vagos scismares, se evola do pó da vetustez e silenciosa quietude a que a transitoriedade humana reduz os grandes vultos e os acontecimentos que assombram. Não. Para produzil-o não foi preciso pallescer a fronte fitando a bronzea face muda da esphinge do passado, solicitando-lhe a indicação da obscura filiação dos factos, procurando em textos carcomidos, em velhas chronicas disparatadas, a lucida visão de uma era gloriosa. Não. Este meu trabalho é ou, pelo menos, procurou ser um auxiliar para a reconstrucção de um periodo, aliás muito curto, da literatura brazileira contemporanea. Em suas paginas, não flammeja o estudo de uma brilhante superioridade que ponha o leitor em contacto com essa nevrose, — o genio.

Portanto não conseguirá superexcitar a curiosidade dos que procuram, em assumptos historicos, o romantico e o cavalheiresco que, incontestavelmente, tanto poetisam, adornam e desfastiam as narrações.

E' verdade que vultos a todos os respeitos sympathicos e engenhosos de fina tempera, neste opusculo têm entrada, pois não foi pequena a messe de talentos que

entre nós fez o positivismo. Mas uma só producção de longo folego, a se impor com uma ostentação deslumbradora de força e de trabalho, uma só, não se levanta.

O attractivo deste trabalho, si é que elle o tem, está nisto: — expõe a genese de uma transformação mental que ainda está por concluir-se, quero dizer, por accentuar-se.

Perante a fria indifferença da natureza que desconhece a medida de nossos systemas e quão fraco é o vôo de nossos pensamentos, e perante a marcha do tempo, que os não poupa, a despeito dos duros labores que possam ter custado, nossas concepções philosophicas, tão vacillantes e tão ephemeras, não valem a condensação de uma nebulosa, mas, ainda assim, não são para desprezar-se essas nobres tentativas nem tão pouco a implantação dellas em terrenos safaros ou estereis que não as podem crear. E este é o nosso caso.

Si porque o positivismo não inspirou, no Brazil, um Blanville, um Buckle, um Littré (e são muitos os systemas que podem ter esse orgulho?) não é motivo para o abandonarmos ao esquecimento.

Si eu consegui, pois, enfeixar neste volume as indicações precisas para orientar o

historiador que, mais tarde, estudar a literatura do Brazil no seculo XIX, estou pago de todas as canceiras que isto me custou. Não tive outro intuito com a publicação deste pequeno volume.

Si esse *desideratum* foi realisado, decidirá quem me ler. Convicto asseguro, no emtanto, que não foi de todo embalde o meu labor.

Talvez me tenha demorado pouco deante de algum centro literario ou de alguma obra.

Talvez tambem um outro auctor positivista não fosse por mim contemplado, mas, estou certo, nada se perdeu com isso, pois esses deslembrados não traziam, envolta nas paginas de suas publicações, coisa de monta, cujo desconhecimento fosse muito para lastimar. Assim, o Sr. Miguel Feitosa, em 1878, deu á estampa uma brochurinha offerecida á S. M. Imperial, e intitulada os *Tres estados*, que vem a ser puramente uma collecção de trechos de Littré e Comte, parcamente commentados. Sem aventurar nenhum juizo, neste momento, sobre a capacidade do escriptor fluminense, posso dizer que não é grande falta para quem escreve um esboço da historia da philosophia positiva no Brazil, deixar em silencio seu folheto,

como todos os que revelem a mesma diminuta summa de esforço pessoal.

O Sr. Feitosa dispõe, entretanto, de uma boa dicção. Apenas faltou-lhe, talvez, vontade.

E' provavel ainda, e por egual motivo, que não mencionasse algum núcleo com feição positivista. Mesmo nesta cidade, existiu uma sociedade positivista que se filiava ao grupo dissidente. Teve, porém, uma existencia ephemera. Além das discussões ordinarias, nas poucas vezes que se reuniu, só conseguiu realisar duas conferencias publicas, de cujo desempenho fôram incumbidos Martins Junior e o escrevinhador destas linhas. E foi tudo o que fez.

Não são essas deficiencias propositaes que me preoccupam. Receio unicamente ter, por ignorancia, rasgado em meu trabalho alguma mais grave lacuna.

Pode ser que alguem se lembre de censurar-me, porque nestas paginas se consideram sempre as obras sem se trazer o estudo dos individuos. Desde Sainte-Beuve que é costume estudar-se o auctor em seus escriptos, assignalarem-se os traços que o temperamento e o meio imprimem na obra examinada. " O que mais interessa em um livro, ensina Ed. Sherer, é o escriptor, o

mysterio da personalidade, o espectaculo da natureza creadora".

Tudo isso é certo, é muito certo. Mas tambem me parece que taes principios só podem ser plenamente applicaveis, em uma obra original ou de folego, coisa que não encontrei, já o disse, em toda a marcha do positivismo neste imperio.

Sua influencia, sobre a desenvolução da mentalidade brazileira, passou tão depressa, tão velozmente, que não teve tempo para inspirar a creação de uma obra larga e duradoura, uma obra que se alevantasse soberana no meio de nossa pequenez. Os melhores espiritos, que o receberam avidos, anciosos, no primeiro momento, já o abandonáram de todo como guia, ou, com rarissimas excepções, já não lhe dedicam uma fé ardente, absoluta, que não empanna a nuvem de uma duvida siquer.

Na poesia inspirou uma producção verdadeiramente notavel, mas que ficou isolada: — as *Visões de hoje*.

Innegavelmente é uma emoção agradabilissima para um Lange, um Assézat ou um Soury, varrer de sobre os La Mettrie a poeira ignobil da calumnia, e mostral-o grande e nobre aos olhos do mundo. Para mim, pela exiguidade visivel do que valho,

a emoção seria muito mais intensa. Porém eu não tive de rectificar nenhum engano de apreciação nem de restabelecer a verdade sobre o merecimento de nenhum escriptor. Minha tarefa consistiu simplesmente em narrar, com brevidade, acontecimentos que não são para assombrar.

Não disvirtuei o meu assumpto para emprestar-lhe refulgencias que elle de si não possuia. Expuz com toda lealdade, com toda isempção de espirito possivel, o que vi ou, si querem, o que julguei ver.

Si o resultado final fôr desconsolador para quem julgava encontrar, na condensação do que fez e suggeriu o positivismo em nosso paiz, alguma coisa de extraordinario. direi:—o que existe é o que poude existir,

Os outros, os que estão na brecha, se esforcem mais, procurem fazer melhor, agóra que as irradiações da sciencia vigente penetram mais vivamente as nossas cabeças.

Emilio Littré

Emilio Littré (1)

I

Quando vemos um Otto Beckmann, o celebre discipulo de Virchow, entregar-se inteira, exclusiva, devotadamente, ao minucioso estudo de pathologia renal, a ponto

(1) São trechos da conferencia por mim realisada, em nome da *Sociedade positivista do Recife*, isto que agóra publico. Agóra que o nome do grande homem tem sido tão cruelmente atacado, creio que a publicação destas paginas sinceras é simplesmente o pagamento de uma divida a quem me abriu a intelligencia á comprehensão moderna do mundo, e, por longo tempo, foi meu guia intellectual.

O littréismo passou, mas a sua acção sobre a humana intelligencia não será esquecida.

A conferencia que aqui vae publicada teve sua realisação em 1882, quando eu cursava ainda o meu quinto anno juridico. Sirva essa circumstancia para attenuar rigores á critica.

de deixar-se matar por uma phtisica pulmonar aos vinte e oito annos de edade; um Anquetil Du-Perron seguir para a Asia alistado no exercito, affrontando os rigores do clima, do meio kosmico e os rigores da posição precaria que elle mesmo se havia creado; um Augusto Comte todo absorvido por sua vocação philosophica, concentrando em sua concepção todas as energias intellectuaes de que é dotado, não se distrahindo com emprezas extranhas ou accessorias, não transigindo nunca com o quer que fosse que pudesse prejudicar a completa e inteira realisação de sua obra; quando de nossa pequenez e obscuridade nos animamos a observal-os e a observar-lhes a vida, onde a tonalidade do grandioso sôa com a latitude e o predominio de nota fundamental, dois sentimentos poderosos e convergentes nos dominam, nos subjugam e nos forçam a prosternar-nos deante delles, a confessar publica e solemnemente, a veneração que lhes dedicamos.—Um é o sentimento de admiração, espontaneo e irresistivel, que nos alarga o espirito e o coração, fazendo-nos comprehender a acção benefica que esses grandes homens imprimiram á sciencia de sua epocha; o outro é o sentimento de gratidão, puro e nobre, que nos

motiva uma satisfacção moral das mais salutares.

O investigador profundo, o paciente sabio Emilio Littré, que foi grande e bom, desperta em nós, os da *Sociedade Positivista do Recife*, essa mesma dualidade de sentimento.

II

. . . . . .

Maximiano Paulo Emilio Littré nasceu no dia 1º de Fevereiro de 1801 e morreu no dia 2 de Junho do anno passado, pelas 10 horas da manhã.

Todos estaes lembrados de como a imprensa clerical levantou-se inteira, alvorotada em impeto devoto, n'um transbordamento de alegria beata, para proclamar, ao mundo, que um *atheu*, na hora extrema, ao transpor os terriveis umbraes do supremo incognoscivel, ao sentir que lhe invadia o corpo, o anniquilamento final, vacillára, desfallecera e voltára o espirito para a crença religiosa, pedindo-lhe o sancto balsamo do consolo e da esperança que a sciencia já não lhe podia mais fornecer, naquella emergencia solemne e decisiva. Quando os jornaes desta cidade reproduziram a noticia

dessa pretendida conversão, eu e alguns amigos lembramo-nos de levantar um protesto que foi escripto mas não chegou a ser publicado, e que trazia, além da minha assignatura, as de Izidoro Martins Junior, Arthur Orlando, Feliciano Gomes e Pereira Simões. Era concebido na forma seguinte :

« Assoalhou a imprensa desta cidade que Littré, o grande philosopho positivista, o successor e reformador de A. Comte, havia-se retractado ao morrer, das sãs doutrinas que pregára durante a vida.

E' preciso não deixar que por mais tempo corra essa noticia sem o mais leve reparo.

Si nos calassemos, poderiam suppor que acreditavamos na fabula inventada, poderiam suppor que, esmagados, não tinhamos que oppor á inexoravel evidencia dos factos. Por isso erguemos bem alto o nosso protesto... Não, não acreditamos.

Para nós essa pretendida conversão é simplesmente impossivel. Vamos dizer porque.

Para elle a alma era o conjuncto das faculdades intellectuaes e moraes consideradas em sua unidade, faculdades resultantes das funcções encephalicas, segundo o actual dogma scientifico que diz não haver força ou propriedade sem materia nem materia

sem força ou propriedade, ignorando, entretanto, a razão pela qual a sensibilidade e a intelligencia se manifestam na substancia nervosa.

Para elle a morte não era mais do que a cessação definitiva das funcções organicas, determinada por uma ruptura fundamental do equilibrio estabelecido entre os dois elementos constitutivos da nutrição: — a assimilação e a desassimilação.

Não tendo, pois, necessidade de um elemento superior e espiritual para explicar os phenomenos da vida, para que se baptisaria elle?

Mas no momento supremo, com a visinhança da morte, vacillaria seu forte espirito que nunca teve desfallecimentos, que jámais tergiversou?

Não o cremos.

Littré, filho de um pae incredulo, nunca foi siquer baptisado. Não estava, pois, no caso de, com o enfraquecimento das faculdades intellectuaes, retroceder ás velhas crenças mysticas que sua razão esclarecida houvesse lançado para longe.

O homem, como as sociedades, segue fatalmente, no desenvolvimento de seu espirito, a marcha ascensional que lhe traçou Comte na lei dos tres estados.

Pode acontecer que um individuo não passe do primeiro ou do segundo estado; pode mesmo acontecer que os tres subsistam no mesmo individuo; mas, de um estado superior voltar para um inferior, é impossivel, sem um desarranjo cerebral.

Littré attingira ao grau mais elevado do desenvolvimento humano. Nessa altura o espirito é imperturbavelmente calmo e sereno. Não podia, portanto, em pleno dominio da razão, desdizer-se do que affirmára durante tão largos annos.

O caso de Littré não é o de um exaltado inimigo do theologismo que, no momento critico do abandono da existencia, quando todas as paixões se esfriam e calam, tivesse de arrepender-se dos excessos a que fôra levado por um enthusiasmo irreflectido. Não, Littré olhava para as religiões como sociologista. Nem as amava com fervor do crente nem as atacava com o ardor do incredulo metaphysico.

Ambos esses têm um poncto de vista subjectivo, e Littré tinha o poncto de vista objectivo da sciencia social. Como positivista, elle tinha para com as religiões, assim como para com todos os phenomenos sociaes, o mesmo sentimento que tem o chimico para os phenomenos

chimicos, o biologo para os phenomenos da vida.

Por isso estamos convencidos de que o padre Huvelin baptisou um cadaver. Si a pretendida conversão fosse um facto, o padre teria procurado uma testemunha insuspeita para attestal-o, porque a mais acanhada previsão havia de mostrar-lhe que o facto seria posto em duvida.

Não acreditamos, pois, que Littré renegasse de suas crenças, fique entendido de uma vez para sempre. Não, não acreditamos.

Parece que o mestre presentia essa triste historia, inventada ao pé de seu cadaver, quando escreveu aquelle seu artigo — *Pour la dernière fois*. Aquillo foi seu testamento philosophico, sua ultima palavra e uma prevenção para duvidas futuras.

Porém acceitemos por um momento a conversão *in extremis*. Qual o resultado moral que dahi promana? Nenhum. Para que a conversão de Littré tivesse o resultado a que miram os clericaes era preciso, ao menos, que elle sobrevivesse e solemnemente renegasse quanto havia anteriormente dito e ensinado. E, ainda assim, isso não influiria sobre nós, os seus discipulos, de forma a considerarmos erro o que delle tivessemos apprendido.

Sabem nesse caso o que fariamos? Lastimariamos o mestre por sua infelicidade, considerariamos o facto como uma crise mental, um caso pathologico, e iriamos continuar a apprender com quem corajosamente continuasse a obra por elle iniciada. Elle proprio nos deu um exemplo desse modo de proceder, quando repelliu as ultimas doutrinas de Comte.

Ainda assim, vê-se, nada ganhou a causa do clericalismo.

Para nós o cura de Saint Sulpice, a quem Voltaire pedia que o deixasse morrer em paz; o abbade Lamennais, obtendo do arcebispo de Paris uma ordem para ser casado catholicamente, Aug. Comte atacado de uma alienação mental; e o padre Huvelin baptisando Littré, já sem voz para protestar, representam o fanatismo religioso que, reconhecendo-se impotente para sustentar, dignamente, lucta séria, no campo das idéas, com homens cheios de vida e força, vae sorrateiramente introduzir-se no lar domestico, á procura de um facil triumpho (ainda assim nem sempre adquirido), no leito dos doentes e dos moribundos. Nada mais.

Com o que fica dicto está firmado o nosso solemne protesto contra essa fabula

com que se quer ultrajar a memoria daquelle que foi, no dizer de Mme. Pièrreclos, um sancto que não acreditava em Deus. »

Mas façamos silencio sobre esse triste acontecimento.

III

Lastimo não me ser possivel nesta occasião traçar uma biographia completa, para bem saliente tornar o vulto desse grande homem que, além de uma cerebração vigorosa, de uma organisação literaria das mais valentes, possuia um dos caracteres mais puros e uma bondade extrema, que o fazia sorrir para sua mulher e para sua filha que iam á missa. Esqueceria minha insufficiencia, esqueceria a nimia escabrosidade do assumpto, esqueceria tudo ; porém, por melhores que sejam meus desejos, elles têm de ceder deante de uma difficuldade insuperavel que, em sua simplicidade, se impõe com a brutal intransigencia, com a inexorabilidade cega dos factos — a falta de tempo.

Todos sabeis com Henry Maudsley as difficeis questões a que uma biographia procura responder. « Qual foi a força de caracter de tal homem? Qual a das circumstancias?

Como as combateu elle? Como ellas o affectaram? Que resultou dessa lucta para as condições particulares da evolução do individuo?» Ainda mais, eu teria indeclinavel obrigação de estudar a genealogia do biographado, seu meio familiar propriamente dicto, necessitaria de indagar quando se haviam revelado suas aptidões e com que intensidade inicial. E isso, bem vêdes, exigiria um tempo de que não disponho.

Assim, limitarei o meu assumpto, dizendo de sua vida sómente o estrictamente necessario para que bem se possa avaliar do homem e melhor habilitado se fique para estudar a missão que elle foi chamado a cumprir no dominio da evolução scientifica.

Seu pae foi um caracter de tempera rija, fortissima,—energico, resoluto, emprehendedor e ousado. (1) Sua mãe tambem era, por

---

(1) Merece bem que se lhe deixem aqui consignados, embóra fugitivamente, os traços biographicos. Chamava-se Michel François Littré.

Bastante instruido em historia, literatura e philosophia foi, nessas materias, professor de seus filhos, de E. Burnouf e de Barthélemy de Saint-Hilaire que lhe dedicou a sua magnifica traducção da *Politica* de Aristoteles. Foi um homem admiravel, a quem as vicissitudes da vida jámais acobardáram, e esse animo destemido elle queria instillar em seus filhos com o proprio exemplo, pois repetia sempre a

sua vez, um bello typo de romana — corajosa e dedicada. Essas qualidades, que podiam fazel-o um homem de lucta, não lhe foram transmittidas pela hereditariedade. O que elle herdou foi esta probidade austera que nunca transigiu e que arrancou ao Sr. Guardia estas palavras altamente significativas. — «Desde o berço elle contrahiu alliança com a probidade hereditaria em sua familia. Foi sem vicios, quasi sem defeitos, e as faltas veniaes que commetteu vinham quer de sua excessiva modestia, oriunda de uma incorrigivel timidez, quer de sua bondade, que ia quasi até a fraqueza.»

Toda a força de resolução de seus paes transformou-se nelle em energia intellectual, em curiosidade scientifica, em applicação mental, em necessidade de trabalhar, em disposição para o estudo. Assim é que obrigando o cerebro a uma continuada excitação, assim é que sustentando o espirito n'uma contensão forte e constante, foi acommettido de uma gastrite que lhe depauperou

---

Emilio: tenho vivido parcamente e soube educar-te. Foi considerado jacobino e detestava o Imperio. Engajado na artilharia de marinha, teve de partir para a India em 1791, e, durante a travessia, cobriu de ridiculo o futuro ministro Villèle, obrigando-o a cantar uns espirituosos versos revolucionarios que elle compuzera. Morreu em 1827.

o vigoroso organismo. Temos de Sainte-Beuve algumas phrases a esse proposito que devem ser citadas. «Sua força, escreveu o critico das *causeries de lundi*, se destruia pelo excesso de trabalho intellectual. Elle passou do temperamento athletico a esse temperamento apoucado que é o seu... O vigor nativo, aliás consumido e transformado, encerrou-se todo inteiro e se concentrou, dahi em deante, nas fibras do cerebro.»

Fez sua educação literaria no collegio de Luiz o Grande, mas sua insaciavel curiosidade mental não se podia satisfazer com as materias ahi ensinadas e, aos 22 annos, sabia, além dellas, mais o allemão, o inglez, o italiano, o grego e até o sanskrito, que apprendera com Eugenio Burnouf, o admiravel erudito que decifrou as inscripções cuneiformes que appareciam como enigmas mysteriosos entre as augustas ruinas da esplendida Persepolis.

Depois quiz ser medico. Entretanto depois de ter vivido por longo tempo nos hospitaes, como externo e como interno, não fez os seus exames, não obteve o titulo de doutor, porque a morte de seu pae, deixando a seu cargo não só a sua propria subsistencia como tambem a de sua mãe, era temerario arriscar-se aos perigos de

uma installação em Paris, apezar dos offerecimentos officiosos do Dr. Rayer e do livreiro Hachette. Não obstante, como elle mesmo diz, por uma tenacidade de espirito que o levou a não querer perder, pelo abandono, os fructos de um estudo começado, proseguiu sempre, trabalhando no cultivo da sciencia medica. Como bons productos dessa resolução, lembrarei apenas sua bella traducção das *Obras de Hypocrates* (1839—1861 — 10 vols. in 8.º) e o *Diccionario de medicina* em collaboração com Charles Robin. Em relação ao primeiro desses trabalhos, limitar-me-hei a dizer que lhe valeu a admissão na Academia das Inscripções, e a transcrever as eloquentes palavras do Sr. Durand Greville: «Ter-se-ia podido encontrar pelo mundo alguns hellenistas, não muito numerosos entretanto, em sua especialidade superiores a Littré, e alguns medicos maiores do que elle em medicina; mas esses hellenistas nada entendiam da sciencia medica e esses medicos luctariam com difficuldade para ler Hypocrates no original. Littré era, pois, muito provavelmente, o unico homem, então, capaz de bem desempenhar essa tarefa.» Em relação ao segundo muito conhecido de todos vós, tornou-se em pouco tempo, (é geralmente sabido), na mão

dos estudantes, um catecismo positivista de influencia mais decisiva do que o proprio de Aug. Comte.

A philologia, porém, foi o ramo dos conhecimentos humanos que elle cultivou com maior esmero, onde mais firme reputação conquistou, onde se pode dizer, usando de uma expressão de Dante, que foi *maestro de colui che sanno*. As versões de Homero e Dante e a *Historia da lingua franceza* ahi estão para confirmar o meu asserto, e ainda mais que tudo isso, o *Grande diccionario da lingua franceza*, essa obra monumental, que é um exemplo de heroismo moral, na phrase de Laurent Pichat. Será esse um dos titulos mais valiosos com que passará á posteridade, com que se imporá á admiração do futuro.

Em 1863 apresentou-se candidato á Academia Franceza, mas um pamphleto cerebrino do bilioso Dupanloup, que taxava suas doutrinas de immoraes, fez cahir a sua candidatura. O facto produziu sensação no mundo literario. As opiniões chocaram-se, accendeu-se o conflicto das idéas, n'uma explosão de incendio, derramando luz em torno da sympathica figura do laborioso sabio. « O rumor que se levantou então, por essa especie de escandalo, diz Jules

Claretie, concorreu mais para a gloria do escriptor do que seus 40 annos de labor em profundos estudos».

IV

Agóra lancemos a vista para outro lado. Abandonemos por um pouco o erudito, o sabio, e encaremos o philosopho.

Segundo elle mesmo declara, no prefacio de seu optimo livro *Augusto Comte e a philosophia positiva*, foi em 1840 que travou Littré conhecimento com o grande philosopho creador da systematisação positivista. Durante muito tempo Augusto Comte absorveu-lhe a individualidade por uma confiança completa, absoluta, irreflectida, confiança de sectario. Depois do celebre golpe de estado de Napoleão III, que trouxe cruel desmentido ás suas esperanças e ás previsões de Comte, elle poude restabelecer o equilibrio de suas energias funccionaes intellectivas, e submetter seus principios philosophicos ao cadinho condensador e encendrador da critica.

Dahi sahiu depurado o discipulo do positivismo pelo desapparecimento do partidario de uma sociologia aventurosa.

Esse austero e doloroso processo de anatomisação das proprias idéas, traduzindo uma rara isempção de espirito, testemunhando uma dignidade intellectual e uma elevação moral não communs, vem estampado, na mais larga amplitude, em um livro seu intitulado *Conservação, revolução e positivismo*, cuja leitura, além de interessante, é de uma vantagem moral incontestavel.

Littré entendeu que Aug. Comte querendo desenvolver e alargar a philosophia positiva, cujos primeiros fundamentos lançára com mão de mestre, mudára de methodo; que entre o *Curso de philosophia positiva* de um lado e, do outro, o *Systema de politica positiva*, a *Synthese subjectiva* e o *Catecismo positivista*, ha uma dualidade de pensamento palpavel e evidente; que as idéas fundamentaes positivas, contidas na organisação scientifica do *Curso*, são uma grande construcção philosophica, uma admiravel synthetisação assellada pelo vigor de um poderoso genio creador; mas que a politica positiva destôa dos principios, e é uma especulação phantasista, uma hypothese prematura a que, entretanto, não negará a verificabilidade positiva; emfim que as necessidades scientificas, sociaes e mentaes ainda não determináram a modalidade de

um regimen definitivo, cujas condições fundamentaes repousam na diffusão do ensino sociologico. Quando a concepção positiva do universo tiver conseguido desapossar da generalidade dos espiritos as concepções theologicas e metaphysicas, uma concomitante modificação na organisação temporal operar-se-á necessariamente, não ha escurecel-o, mas o que parece de todo inadmissivel é essa temeraria previsão que faz um homem (seja elle um Comte), desvendando o futuro, traçar os delineamentos detalhados dessa organisação. O espirito humano nem tem o poder de enquadrar os desenvolvimentos sociaes n'um molde adrede feito nem possue a potencia previsora necessaria para determinar as accentuações particularissimas desses desenvolvimentos. Uma reorganisação social é uma consequencia de principios solidamente estabelecidos e a sociologia ainda não está em pé de nos fornecer esses elementos, ainda está em periodo muito rudimentar.

Do que vem dicto não se pode extrahir a intenção de scindir a obra de Comte, e sim a de cortar consequencias e applicações impropriaș. Entretanto não seria isso, a meu ver, um grande peccado, attentas as razões que para tal se possuissem. Não poderá acaso

um philosopho, no plano geral de sua theoria, ter ponctos fracos e deducções falsas a par de principios verdadeiros, incontestaveis? Para que dar á philosophia, creação humana, a inviolabilidade que só se coaduna bem com as religiões reveladas, creações divinas?!...

Em relação á philosophia positiva, foram duas as ordens de trabalho para as quaes Littré dirigiu as grandes energias de seu espirito — a propaganda e a critica.

E' bello ver Littré, membro da Academia das Inscripções e Bellas Lettras, philologo respeitado, erudito de vastidão de conhecimentos de um Saumaise, de quem se disse — *non homini sed scientiæ deest quod nescivit Salmasius*, abraçar as doutrinas de Comte, devotar-se-lhes, tornar-se seu campeão na imprensa, onde seu nome era conhecido e estimado, quando em França o fundador do positivismo era geralmente tido por visionario e saint-simoneano.

E esse homem não merecerá dos positivistas, de nós os seus discipulos, reconhecimento e gratidão?...

No curso oral de philosophia positiva aberto por Comte encontráram-se, entre os ouvintes, nomes de subida notabilidade no circulo scientifico, em Humboldt, Blainville,

Ch. Dunoyer, Carnot, Fourier, Navier, Broussais, Esquirol, etc. Mas quaes delles foram positivistas confessos, quaes delles se declaráram discipulos de Comte, quaes delles ergueram alto o nome do mestre, pelo derramamento de suas salutares doutrinas?

Quaes?

Não, não será aventuroso dizer que, si Littré não houvesse existido, aconteceria com a philosophia positiva o mesmo que aconteceu com a theoria da descendencia do grande auctor da *Philosophia zoologica* (1809), o illustre Lamarck. A concepção do systema transformista é sua, mas ella não angariou discipulos em França, permaneceu em silenciosa incubação até que Ch. Darwin, na Inglaterra, meio seculo depois (1859), lhe encontrou um fundamento solido na theoria da selecção.

Por mais que se queira apoucar a obra de Littré, não se poderá jámais escurecer que é principalmente a elle que a philosophia positiva deve o ter penetrado no circulo dos sabios modernos e o espraiamento que tomou no mundo pensante.

Sua critica não infirma a construcção de Comte, porque, acceitando as premissas, combate sómente consequencias, aferindo-as pelo criterio positivo, pelo methodo scientifico.

A timorata restricção de sua critica origina-se do respeito exagerado que tributava ao fundador da escola, do sentimento de gratidão para com o philosopho que o arrancára de um perplexo estado de indecisão e descontentamento mental.

Eu julgo mais perigoso para a conservação da doutrina positivista o dogmatismo dos discipulos orthodoxos, para quem os livros de Comte são uma especie de *arca de alliança* do rito hebreu, em que é crime tocar, quando nós sabemos, que nestes ultimos tempos, a sciencia marcha com velocidade prodigiosa, de forma que quem parar um momento, afim de tomar folego, é logo deixado para traz, é logo tido como atrazado.

Convençamo-nos todos de que as systematisações philosophicas são repousos mentaes como nos ensina Robin.

«A philosophia, diz algures o eminente histologista, é uma tentativa incessante do espirito humano para alcançar o repouso; mas tambem ella se acha incessantemente desconcertada pelos progressos continuos da sciencia.

Dahi vem, para o philosopho, a obrigação de refazer todos os dias a synthese de suas concepções, e tempo virá em que

o homem que raciocina não fará outra oração á noite. »

Já se tem dicto, muitas vezes, e sempre com verdade, que a civilisação occidental atravessa hoje uma phase transicional.

Mas, si é exacto que as idéas tendenciaes são os batedores que exploram o caminho por onde ha de seguir o espirito humano em sua marcha evolutiva, si os seus sedimentos, os seus detrictos, depositados e condensados no espirito humano, são os factores das idéas constitutivas, os pilares em que se assenta a mentalidade de uma epocha, nós temos dados sufficientes para affirmar que, na moxinifada da fluctuação mental de nosso tempo, descobrem-se bem accentuadas tendencias para uma unificação scientifica. E entendo eu e entendemos nós, os da *Sociedade positivista do Recife*, que essa unificação das forças divergentes da sciencia moderna, essa convergencia mental, só terá capacidade para operal-a o *positivismo* na accepção lata dessa palavra, o positivismo reformado e amplo de Littré e mais reformado e ampliado por quem, de sua altura, apparecer continuando a obra por elle iniciada, o positivismo que, não se entrincheirando entre os muros impenetraveis de um systema, attende aos

instantes reclamos da sciencia que progride. A grande systematisação de Comte foi um esforço herculeo, genial, assombroso para enfeixar, n'uma concretisação, os conhecimentos e as aspirações do espirito humano, mas a civilisação tem avançado sempre e as suas conquistas posteriores ao advento da obra de Comte exigem do philosopho que as ponha em linha de conta. Isto importa, na philosophia comteana, uma reforma em ponctos accidentaes, não uma destruição.

.....

V

Agóra estamos habilitados para caracterisar a individualidade de Littré.

Foi um espirito altamente assimilador, porém dotado de exiguas aptidões creadoras e generalisadoras; foi um analysta profundo e penetrante, capaz de tirar todas as consequencias de um principio e de apanhar os detalhes mais fugitivos, as minucias micrographicas de um phenomeno qualquer, mas ao qual faltava essa potencia synthetisadora que caracterisa o philosopho.

Tinha uma habilidade inexcedivel para pesar o valor de uma concepção, para pôr

o dedo no poncto vulneravel de uma doutrina, mas sua modestia invencivel e sua timidez de caracter inhibiram-no de ser um innovador, o que demanda afouteza e disposição para a lucta de todos os instantes e em todos os terrenos. Attingiu o extremo limite do talento; não teve o sello do genio. Entretanto, si o genio fosse, como disse Buffon, uma longa paciencia; si fosse a persistencia na meditação; se fosse a concentração das forças intellectivas na mesma idéa, no mesmo intuito; si fosse o trabalho sempre constante, nunca interrompido, mesmo com prejuizo physico, a dedicação extremada, absoluta, pela causa da sciencia, com sacrificio individual, elle teria sido um genio em todo o peso da palavra. Um ultimo traço e darei por concluida esta tentativa de caracterisação. Um escriptor russo, o Sr. Wechniakoff, esboçando a historia natural dos grandes homens, os classifica em tres grandes grupos — os monotypicos, os polytypicos e os philosophos. Aceitando, por emquanto, essa feliz descoberta e sem mais compromissos, sómente para bem accentuar o meu pensamento, collocarei Littré entre os segundos. Pela multiplicidade dos objectos que partilharam sua attenção, pela energia e vitalidade de suas funcções cerebraes,

Littré é, bem caracterisadamente, um polytypico.

Sua erudição vasta e profunda, e a alta pujança de sua intellectualidade collocam-no entre os vultos mais brilhantes que a admiração dos contemporaneos elevou na fachada do seculo XIX; e, si mais largo espaço não occupa no pensamento moderno, e si com mais força não se impoz, fazendo retirar-se, para os arraiaes do silencio, o bando ruim dos maldizentes guiados tão sómente pela raiva partidaria, é que não possuia o espirito de acção theatral e de apparato espectaculoso, que seduz e arrasta o vulgo, que produz o effeito das lentes sobre os objectos minimos.

.....

Antes que algum de vós me queira apresentar qualquer pergunta maliciosamente intencional, que traga em si occulta a poncta acerada e fina de um sarcasmo, eu vou prevenil-a antecipando a resposta. Si negaes a Comte a inerrancia, no conceber, com que direito a concedeis a Littré, no criticar? podeis arguir-me. Mas não, eu não irei roubar ao papa romano, para dar a Littré, o milagroso dom da infallibilidade.

No meu entender elle avançou muitas proposições a que hoje a sciencia nega sua

sancção, e nem sempre foi feliz nas censuras levantadas contra o mestre. O espirito humano caminha e desenvolve-se, e hoje só se curva ás demonstrações scientificas. Já vae fanada e morta em nossos corações a nivea flor do culto — a fé.

Em meu poncto de vista individual, Littré é o homem que, rompendo o circulo estreito do espirito de systema que estaciona, esterilisa a concepção comteana, alargou-lhe o campo, fel-a abrir os braços a todas as boas conquistas da sciencia livre e indicou o caminho a seguir por entre este labyrintho intrincado de opiniões, de hypotheses e de systemas que brotam ahi de cada canto. Foi um consciencioso preparador das armas com que as gerações por vir hão de sahir vencedoras e triumphantes na gloriosa lucta pela verdade.

.....

Conceito antigo e conceito moderno da metaphysica

Conceito antigo e conceito moderno da metaphysica

Esta será apenas, como pretendem os positivistas comteanos, uma phase de desenvolvimento intellectual do individuo e da humanidade? (1)

Metaphysica (de *meta* alem e *physis* natureza) é, segundo o conceito aristotelico, a sciencia dos primeiros principios, das causas ultimas e originarias das cousas.

Tal modo de comprehender a metaphysica perdurou por longo tempo no espirito

(1) Esta é minha prova escripta do Concurso de Philosophia, realisado ultimamente. Publico-a tal como foi apresentada á commissão examinadora, sem a mais insignificante alteração. Nem de outra forma devera fazel-o. Peço, entretanto, ao leitor que se lembre disto: só tive duas horas para planejar e escrever esta dissertação. (*Jornal do Recife* n. de 14 de Março de 1888.)

humano, e só depois que a intelligencia, desenganada dos sonhos grandiosos que a tinham seduzido outr'ora, se atirou nos braços da sciencia experimental é que este conceito teve de modificar-se.

Para indagar os principios ultimos, o espirito antigo não queria outro instrumento, outro meio que não fosse a sua propria razão. A razão é o meio cognitivo da metaphysica, diziam. E, com similhante meio propulsor, se alongáram os philosophos da realidade objectiva, para se afundir no oceano sem margens do absoluto e do infinito ou do incondicionado, segundo a expressão de Kant e Hamilton.

A illusão foi grande e duradoura, e as decepções de todos os momentos apenas serviam para aguçar o estimulo e para revestir, com as côres da seducção, o desconhecido esquivoso que mais se afastava quanto mais o buscavam. *E in questo mare il naufragar m'è dolce*, podiam os philosophos repetir com o grande poeta.

E podemos nós acaso conhecer as causas ultimas, originarias ou finaes das cousas, usando de nossas faculdades naturaes? Não hesito em declarar peremptoriamente que não.

E é por não tel-o desde logo reconhecido que a philosophia apresenta, em sua

historia, uma entristecedora sequencia de dissabores e durissimos desenganos. Mas não basta affirmar que não podemos alevantar-nos até essas vertiginosas regiões, onde dormem o placido somno das cousas inconheciveis o absoluto e o incondicionado. E' preciso que comprovemos, com alguns factos, o que ficou dogmaticamente affirmado.

Em primeiro logar lançarei mão de uma prova indirecta. Esta eu a vou buscar na variedade ou, melhor dissera, no antagonismo das escholas, por mais que se arroguem os seus sectarios de conhecedores desses ponctos obscuros para nós outros que não dispomos dessa tão almejada ventura. Realisavam elles a aspiração expressa no conhecido verso de Virgilio,—*felix qui potuit rerum cognoscere causas.*

Mas não; não, porque o que uns affirmam ser a verdade ultima, outros o negam e com razões egualmente valiosas. E tem sido a marcha da philosophia essa continua experiencia de crenças novas e novos ideaes, sempre illusorios, sempre decahindo ante o exame rigoroso dos factos.

Desde muito cedo começáram os espiritos mais alevantados a pôr em duvida a inerrancia da razão, que se julgava, e talvez

ainda se julgue, competente para sondar os escaninhos do conjuncto kosmico e os arcanos do incognoscivel. Democrito, o grande philosopho de Abdera, que concebeu a preconisada hypothese kosmogonica do atomismo, hoje em via de ser totalmente justificada pela sciencia, Democrito dizia eu, foi um dos primeiros a insurgir-se contra a cegueira do racionalismo e da metaphysica. Para elle, todos os phenomenos que percebemos não passam de apparencias; para elle, a côr, a resistencia, o cheiro, o gosto, estão sómente na opinião e não na realidade; para elle emfim a verdade está no fundo de um abysmo.

Seu discipulo, Protagoras, que Platão nos faz ver em renhida discussão com Socrates, tambem dizia que o homem é a medida do universo : — *Anthropos panton metron*, querendo significar com isso que nós nos enganamos quando julgamos apanhar a realidade absoluta das cousas; que só conhecemos as nossas proprias idéas.

Pyrrho tambem se alistou entre estes desilludidos.

A metaphysica elevava-se até o absoluto, pensavam os philosophos.

Pyrrho demonstrou que nós sómente conhecemos o relativo. Tudo é relativo, asseverava: *Panta prosti*.

Saisset, um dos pensadores que mais têm se esforçado para a reconstrucção dos antigos monumentos do saber humano, resumiu a doutrina de Pyrrho, sobre o assumpto, nos termos seguintes: « O conhecimento é relativo ao animal que percebe, aos sentidos que são o instrumento dessa percepção, á situação do sujeito que percebe, á posição da cousa percebida, ás condições em que é percebida, á quantidade e á constituição do mesmo objecto, á raridade e frequencia da percepção, emfim aos males, ás crenças e á opinião do que percebe.»

Esta doutrina da relatividade, esplanada pelo philosopho helleno, nos levaria á prova directa de que nós não podemos perceber nem conceber o absoluto pelas faculdades cognitivas naturaes do espirito.

Mas, antes de abordar esse outro lado do assumpto, apraz-me recordar que muitos outros pensadores de altissimo valor concorreram para o estabelecimento da doutrina anti-metaphysica. Não os citarei todos, porque tal fazer seria levar esta parte do meu escripto muito além das raias proporcionaes ao tempo de que disponho para executal-o.

Entre os arabes, é sabido que Algazali, o esteio da mesquita, a luz do islamismo, como o chamáram, vibrou os golpes mais

rudes á philosophia do absoluto, porque eram todos illusorios os ensinamentos que ella ministrava.

Rogerio Bacon dizia da experiencia: *hæc est domina scienciarum omnium et finis totius speculationis*, e comprehendia a metaphysica, para ser viavel, « como uma philosophia das sciencias, fundada nas idéas que lhes são communs e propria a lhes dar seu methodo, sua fórma e seus limites ». Podia ainda falar nesse pugilo de espiritos delicados e scepticos que floresceram na quadra de transição entre a philosophia medieval e a philosophia moderna; podia ainda falar de Sanchez, que escreveu a interessante obra *De multum nobili et vera universali scientia —quod non scitur*, de Montaigne, de Charron, de Pascal, de Danini, de Giordano Bruno, mas dispenso-me. Estes fôram antes demolidores ironicos que preparáram o terreno para as novas crenças do que verdadeiros philosophos constructores.

Descartes, que se havia revoltado contra o dogmatismo das escholas e contra o metaphysicismo reinante, acabou por enveredar por uma metaphysica regenerada, mas sempre metaphysica. Ha neste insigne pensador, diz um historiographo, uma verdadeira dualidade mental. Por um lado, é o

mathematico eximio, o cultor das sciencias physicas e naturaes, e, por outro, o metaphysico *enragé*, que não cede o passo a outro.

Bacon foi mais feliz conseguindo destruir o regimen da logica aristotelica e preparando um novo instrumento para as conquistas da intelligencia e do saber experimental. Elle com Hobbes, Hume e Berkeley, concorreu, sobre modo, para oppôr barreiras ao espirito de especulação.

E', porém, em Kant que vemos um ataque mais directo ás doutrinas do absoluto. O nunca assás admirado pensador de Kœnisberg baniu de nosso acervo de conhecimentos tudo que apresentasse um caracter de absoluto, de incondicional; declarou que o *noumenon* nos era completamente incognoscivel; que, portanto, a ontologia, ou sciencia do ser, era impossivel; e que finalmente á metaphysica devia estar reservado o papel secundario de sciencia dos limites da razão humana — *eine Wissenschaft von den Grenzen der menschlichen Vernunft.* Seus successores, porém, Fichte, Schelling, Hegel, mesmo, Schopenhauer, Hartman, e, até, o proprio Noiré, voltáram mais ou menos commedidamente á metaphysica, que o mestre procurára destruir.

Para encontrarmos uma verdadeira systematisação de idéas adversas á metaphysica havemos de ir buscal-a no solo francez. Foi Comte quem a organisou, mas é preciso reconhecer os esforços sobrehumanos da eschola materialista e da Encyclopedia.

Chegando a este poncto, e antes de expôr o conceito que da metaphysica fez o illustre chefe da grey positivista, devo examinar a prova directa de que nós não podemos alcançar conhecimento algum além do relativo, e assim demonstrarei a sem razão da metaphysica tal como a comprehenderam os antigos philosophos e alguns modernos.

Esta prova eu a concebo pela fórma seguinte: Nossos conhecimentos se originam das sensações que provocam, em nosso espirito, os objectos do mundo externo. As sensações assimiladas e synthetisadas pelo intellecto fórmam as percepções. Da assimilação e synthese das percepções nascem os conceitos. Assim, pois, tanto as sensações, quanto as percepções, quanto os conceitos, são relativas ao espirito.

O elemento originario dos conhecimentos é a sensação, mas esta é puramente subjectiva, isto é, relativa ao espirito. As chamadas qualidades primarias da materia,

assim como secundarias não existem sinão em relação a nós; por traz dellas, por suggestão ou por inferencia, nós suppomos a materia e suppomos que o que nos affecta é uma força que promana da materia, mas da materia em si, nada sabemos.

E' preciso repetir com Huxley: «Em rigor, o que nós sabemos do movimento é que elle é o nome de uma mudança nas relações de nossas sensações visuaes, musculares e tacteis, e o que nós sabemos da materia é que é a substancia hypothetica dos phenomenos physicos».

Mas si nós só conhecemos o phenomeno, o transitorio, o apparente, e o *noumenon*, a cousa em si, a substancia escapa a nossos meios de cogitação, é claro que a metaphysica, tal como a conceberam os antigos, como a sciencia das primeiras causas, dos primeiros principios, a sciencia do ser absoluto, não póde existir. Porém não é sómente isso.

Está provado que nós só conhecemos uma cousa emquanto a differenciamos de outra e a assimilamos com aquellas que com ella apresentam certos caracteres communs.

Esta segunda operação mental não apparece quando o objecto do conhecimento é unico em sua especie ou quando é o primeiro a se apresentar ao espirito. Mas a primeira,

isto é, a apercepção da differença, que tem por base a retentividade, essa é indispensavel onde quer que tenhamos de conhecer alguma cousa. Ella é a operação intellectual por excellencia.

Esta doutrina que tinha sido prevista por Hobbes, quando escreveu estas palavras— *semper idem sentire et nihil sentire in ibidem recidunt*, foi posta acima de qualquer duvida depois dos monumentaes estudos de Bain e Spencer. E' esta theoria que constitue uma outra face de relatividade do saber. Si nós só conhecemos os objectos por pares, por differenciação, segue-se que o absoluto é inaccessivel e que, portanto, a metaphysica é um sonho de visionario — *somnia ægri*.

Mais ainda. Todas as sciencias chegáram a um ponto em que encontráram o irreductivel, o incognoscivel. Systematisando esses resultados parciaes dos diversos ramos do saber empirico, Augusto Comte declarou que nosso conhecimento é essencialmente relativo. Esta relatividade é a que chamamos objectiva, das cousas; e a que estabelecemos nos dois enunciados anteriores é subjectiva, do espirito. Assim, pois, por qualquer lado, as cousas primarias e finaes, e o absoluto estão proscriptos de nossos dados scientificos.

E o que é a metaphysica segundo Augusto Comte? Será essa mesma que definimos em principio? E' sem duvida, mas com a simples differença de que elle faz della não uma sciencia, mas um estado do espirito.

Está hoje mui vulgarisada a concepção comteana da lei dos tres estados. Entretanto é forçoso lembral-a neste momento.

Augusto Comte, estudando o desenvolvimento ascensional da civilisação, reconheceu que o espirito humano, quer individualmente, quer collectivamente, na sociedade, atravessava tres phases successivas: 1ª, a phase theologica, subdividida em fetichismo, polytheismo e monotheismo, em que a intelligencia, não podendo explicar as causas dos phenomenos que a impressionavam, imaginou que elles eram produzidos por seres superiores, fetiches, deuses anthropomorphicos ou um Deus unico; 2ª, a phase metaphysica em que a intelligencia, deixando de crer em entes superiores, ou acreditando em um Deus além do universo, mas não se involvendo com elle, creou entidades taes como o Bello, o Verdadeiro, o Bem, o Infinito, o Absoluto, com as quaes povoava o mundo, e por meio das quaes se regiam todas as cousas; 3ª, a phase positiva, em que o espirito, restabelecendo os factos, procura conhecer os

phenomenos que se lhe apresentam, por meios experimentaes e deixa de parte essas concepções anteriores, que elle reconheceu serem filhas de sua phantasia.

Comte pretendia que esses tres estados se excluiam reciprocamente, mas seus discipulos fôram forçados a reconhecer que em muitos povos, assim como em muitos individuos subsistem, simultaneamente, de um modo syncretico, dois, ou mesmo todos os estadios da lei evolucional.

Tambem ficou averiguado, depois de calorosas discussões, entre os diversos sectarios da eschola, que muitos povos haviam escapado ao rigorismo dessa lei, e foi necessario então, restringil-a aos povos da civilisação occidental.

Depois de propagada a eschola philosophica fundada por Comte, a metaphysica pareceu subjugada e por longo espaço guardou silencio.

Em breve, porém, ella se faz mostrar novamente, e agora vemol-a abroquelada por muitos dos proceres da sciencia, principalmente na Allemanha.

O monismo philosophico de Ludwig Noiré é pura metaphysica, o materialismo idealista de Mill e Bain tem alguma cousa de metaphysico, a restauração da philosophia

tradicional da Italia por Caporal é metaphysica, o idealismo sceptico de Lange apresenta certas *nuances* metaphysicas.

Si ella volta neste chamado periodo de positividade, ou é porque não é uma phase de espirito humano que deve ser excluida pelo saber positivo, ou então nós, devo antes dizer, as intelligencias culminantes, ainda não attingiram ao periodo da positividade.

Minha opinião é que houve uma epocha na civilisação occidental, assim como ha uma epocha no desenvolvimento mental do individuo, em que as entidades metaphysicas predominam, e, neste poncto, julgo perfeitamente acceitavel a doutrina de Comte. Mas entendo tambem que a metaphysica com seu espirito criticista jámais abandonará totalmente a nossa intelligencia.

Alguns philosophos, reconhecendo a verdade deste asserto, julgáram substituir o termo metaphysica que já está desacreditado e que teve uma origem extranha ao que significa, (1) pelo termo *metempirica* de *meta* além, *piria*, o conhecido, e determinado

(1) Sabe-se que Aristoteles (ou os seus copistas) escreveram nos tractados diversos que se seguiram aos estudos da natureza o tituto geral do *metaphysis*, isto é, o que vem depois da natureza. D'ahi o nome da sciencia do absoluto. Foi uma origem muito modesta, como se vê.

pela experiencia. Estou de accôrdo com este modo de pensar que é o de Morselli. Entendo que, além do empiricamente conhecido, podemos lobrigar alguma cousa por uma inferencia logica. Assim a existencia do mundo exterior, da materia, as hypotheses scientificas da kosmogenia, *et cætera*, só nos podem vir por esse meio.

E' nesse terreno limitado que tem de gyrar a metaphysica ou a metempirica. O perigo, de irem os espiritos se perder em divagações estereis, de exgottarem suas forças, *bombynans in vacuo*, está, de alguma fórma, totalmente, afastado, desde que para taes conceitos temos de, necessariamente, apoiarnos nos dados verificados da experiencia e da observação. A metaphysica assim continuará a existir, mas se restringirá a ser, como dizia Kant, a criada das sciencias.

E o positivismo que desenvolveu uma longa ordem de argumentos contra a metaphysica não deixou de reconhecer que á serie encyclopedica objectiva das sciencias faltava alguma cousa. D'ahi a synthese subjectiva, d'ahi o incognoscivel, d'ahi o conceito da immensidade.

Littré escreveu um dia: « O que está além do saber relativo, seja materialmente, o fundo do espaço sem fim, seja, intellectualmente, o

encadeiamento das causas sem termo, é inaccessivel ao espirito humano. Porém inaccessivel ao estudo não quer dizer nullo ou não existente.

A immensidade se prende aos nossos conhecimentos por laços estreitos, e, por essa alliança, se torna um idéa positiva e da mesma ordem, apresentando-se a nós sob o duplo caracter da realidade e inaccessibilidade. E' um oceano que vem bater nossas praias e para o qual nós não temos barco nem vela, mas cuja lucida visão é tão salutar quanto formidavel.» Está ahi reconhecida a necessidade mental de irmos um pouco além do que é exclusivamente experimental.

A intelligencia humana não póde, por muito tempo, conservar-se ajoujada a esse leito de Procusto que lhe marcou o positivismo. Uma força insuperavel a impelle a sondar o abysmo que se abre ante seus olhos, uma força insuperavel a impelle a completar o que o saber empirico lhe offerece de limitado. Então a metaphysica acompanhará o espirito humano até quando chegar o momento de lhe serem desvendados todos os mysterios da natureza. E chegaremos até lá? E' duvidoso, ou, antes, é impossivel.

Finalidade do mundo

Finalidade do mundo

Em 1895, publicou Farias Brito, sob o titulo capitoso de *Finalidade do mundo*, o primeiro volume de uma serie de estudos que promettem ser curiosos pela variedade e importancia dos problemas que agitam, e porque nos mostram mais um pensador brazileiro pondo a sua intelligencia a serviço de uma interpretação scientifica do universo, impulsionado pelo nobre empenho de addir alguma coisa de proprio ao que outros já puderam affirmar.

Não sei como a critica indigena recebeu o livro do escriptor cearense, não sei si o applaudiu benevola, si o censurou austera, si o reconheceu valioso, ainda que não extreme de senões. Desta minha ignorancia nasceu o desejo de consagrar-lhe algumas

reflexões. Certo é que falar de abstracção e transcendencias philosophicas nesta quadra de dolorosas collisões em que se debate o Brazil republicano, faz talvez lembrar Blaise de Pascal a resolver o problema da cycloide para amortecer o pungir de uma tenaz cephalalgia. Mas, si ha nuvens escuras toldando a limpidez da luz solar, não descreiamos de que ella rebrilhe vivaz dentro em pouco, e procuremos desviar os olhos das tristezas do presente, contemplando a magestade das leis universaes, a imperturbabilidade da natureza e o constante evoluir da civilisação humana. Lembremo-nos de que, em epocha de crise muito mais grave, e sob a pressão de uma ameaça de morte, Condorcet redigiu o seu mais rigoroso livro : *Esboço dos progressos do espirito humano.*

Por outro lado, convém notar que estudar os problemas que a philosophia se propõe a resolver, é meditar sobre a vida sob os seus differentes aspectos, é preparar-se para defrontar, com calma e segurança, os eventos que as condições historicas fazem surgir.

Falemos, pois, da *Finalidade do mundo.* (1)

---

(1) *Finalidade do mundo* (estudos de philosophia e teleologia naturalista) de R. Farias Brito, Ceará, 1895.

E' um livro digno de ser estudado, suggestivo e forte, cujas idéas muitas vezes divergem das minhas, de um modo radical, mas cujos meritos promptifico-me a reconhecer e apregoar.

O pensamento creador do livro, que o fez emergir da intelligencia do auctor, o sustenta e o dirige atravez das discussões até as ultimas paginas, transparece logo do titulo com que se apresenta: *Finalidade do mundo*. Não quero ainda uma vez enfrentar demoradamente essa temerosa questão das causas finaes, a que me convida o titulo do livro de Farias Brito, mas não passarei por ella sem cortejal-a.

Sabe-se que, desde Democrito e Epicuro, atravez de Lucrecio, Telesio, Bacon, Spinosa, até Augusto Comte e Haeckel, a theoria de que o kosmos se governa por leis naturaes e mechanicas, considera uma illusão do anthropomorphismo suppor que a natureza existe para um fim. Um brilhante philosopho italiano de nossos dias, Giovanni Cesca, estudando as diversas faces pelas quaes pode ser encarado o teleologismo (a externa ou da propria natureza, a interna ou dos organismos, e a humana ou das acções voluntarias) conclue que «o campo unico em que realmente a concepção teleologica é

objecto de experiencia, é o das acções humanas, onde, effectivamente, a intelligencia aponcta um fim á vontade que procura alcançal-o escolhendo os meios proprios para isso». Fóra desse circulo, reclusos como estamos em nosso mundo phenomenico, e restrictos á relatividade de nossos conhecimentos, é phantasia quanto affirmarmos a respeito da finalidade. (2)

Mas apezar dessa condemnação formal, o germen do finalismo que os discipulos de Socrates conserváram carinhosamente, que todas as religiões procuráram desenvolver, não se perdeu para a philosophia. Kant, Schopenhauer e Hartmann fizeram do pensamento allemão o seu reducto, reconhecendo entretanto Wundt, com Cesca, ser «uma concepção injustificada e arbitraria collocar uma actividade final onde acções voluntarias não se revelam ás indagações da experiencia». E Rudolf von Ihering, escrevendo a *Finalidade do direito*, affirma que o fim é, para a natureza intelligente, o que é a *causa* para a natureza mechanica. (3)

---

(2) *Le cause finale*, na *Rivista di filosofia scientifica*, Abril de 1887.

(3) *Der Zweck im Recht*, cap. 1.

Inclino-me tambem a pensar por esse modo que tem por si a auctoridade de Wundt e de G. Cesca. Farias Brito, porém, dá a maxima latitude á concepção teleologica do universo. « Si a natureza evolue e evolue sempre, diz elle (pag. 23), a consequencia logica, inevitavel é que tende necessariamente á realisação de um fim. Qual é o fim a que tende a evolução universal, para onde vae tudo isso que nos cerca, em que consiste a finalidade do mundo? Tal é precisamente o problema que me proponho a estudar, ou sobre o qual ao menos pretendo apresentar algumas idéas. »

Essa consequencia inevitavel que o auctor deduz da evolução natural não é percebida por todos os espiritos. Entre muitos outros argumentos em contrario a essa affirmação, recordarei que os philosophos naturalistas acham inconciliavel a theoria do teleologismo com os orgãos rudimentares e atrophiados. (4)

Mas é prova de intrepidez mental perscrutar os arcanos tidos até hoje por insondaveis, que se abrigam no regaço da natureza. E, si alguem conseguisse illuminar

(4) Leia-se a esse proposito Haeckel, *Histoire de la création*, lições I e XII.

os nossos destinos, como seres biologicos, como sociedade e como poeira imponderavel na immensidade do kosmos, afastaria de nós as trevas mais densas e as dores mais consumptivas que nos envolvem e nos constringem no caminho da vida, que, batido, então, por um sol sem manchas, teria as scintillações da alegria e do triumpho.

Estudemos, pois, com interesse, um livro que nos promette desfazer as sombras do incognoscivel, e, si reconhecermos, afinal, que o auctor se illudiu, ao menos por algum tempo gozaremos com elle as gratas emoções dessa illusão. Será melhor do que reencetarmos, sobre as causas finaes, uma contenda para a qual já não existem argumentos novos a considerar.

II

Uma affirmação resalta da farragem de phrases que fiz passar pelos olhos do leitor no paragrapho antecedente: Farias Brito é um metaphysico que faz as suas genuflexões no altar do anthropomorphismo.

Todo o corpo do livro é um documento de meu asserto; e de cada uma de suas proposições desprendem-se fagulhas dessas idéas matrizes, porque o anthropomorphismo está embutido na propria finalidade, cuja determinação o escriptor cearense procura obter por meios que estão além da experiencia.

E' ainda sob o influxo de suas concepções anthropomorphicas que o livro parte do homem para remontar até Deus; que o pensamento se ergue da contemplação das miserias humanas para refugiar-se no idealismo de uma religião naturalista; que a moral se nos apresenta não só como resultado pratico das investigações philosophicas, mas como resultado unico merecedor de apreço.

E' natural, portanto, que o primeiro capitulo da *Finalidade do mundo*, seja dedicado á moral. «As duas manifestações fundamentaes do espirito humano, na marcha geral da sociedade, são a politica e a philosophia, começa affirmando o auctor. A politica dá em resultado a moral; e o direito e a moral são duas alavancas, os dois eixos centraes do grande mechanismo social.» (1)

(1) *Finalidade do mundo*, pag. 30.

Estas palavras dizem bem claramente o modo pelo qual o auctor vê as cousas. Mas encerram affirmações a que não posso prestar adhesões.

« As duas manifestações fundamentaes do espirito humano, na marcha geral da sociedade, são a politica e a philosophia. » Eis uma synthese que se me afigura duma estreiteza estranguladora. Como é possivel reduzir todas as bellas e ousadas creações da arte e todas as grandiosas construcções da industria ás modalidades da politica ou da philosophia? Melhor seria dizer, com Sylvio Roméro, que as *creações fundamentaes* da humanidade se distribuem por cinco classes de phenomenos, constituindo: a religião, a arte, a sciencia (incluida a philosophia), a politica (tomada no sentido mais amplo, comprehendendo moral e direito), e finalmente, a industria. (1)

E ainda Sylvio refere-se aos factos culturaes cuja somma forma o que chamamos a civilisação humana, ao passo que as expressões de Farias Brito parece visarem mais largo ambito, abrangendo o natural e o cultural, não sómente as creações do espirito, mas o proprio espirito tambem.

(1) *Ensaios de philosophia do direito*, pag. 138.

« A politica dá em resultado o direito. » Parece-me que, como Augusto Comte, Farias Brito faz entrar no circulo da politica as instituições, a organisação dos estados, os costumes e as opiniões. Mais ainda, os phenomenos e a theoria que os pretende explicar, entram conjunctamente na significação do mesmo vocabulo.

Só assim comprehende-se o seu alcance.

Mas, dando á politica essa vastissima amplitude, contra o parecer dos Holtzendorf, dos Bluntchli e dos Ferraris, ordena a logica imperiosamente que não restrinjamos as suas creações ao direito.

Si a politica é a doutrina das forças que entram na organisação social, segundo o pensamento de Lastarria, deverá ella explicar-nos o que é o pensamento dos povos, dizer-nos as forças que equilibram as energicas collidentes no regaço da sociedade, ter uma palavra para a moral, e um olhar para os phenomenos da ordem economica. Já temos ahi alguma cousa que não é direito, e, no emtanto, o campo da actividade social não está percorrido em toda a sua extensão. O direito é um phenomeno social, como a religião, a linguagem, a industria, a educação. Não é possivel, acredito eu, imaginar que toda a mechanica social repousa

sobre o direito. Muitas outras forças vêm-lhe em soccorro, para fazerem mover essa grandiosa e complicada machina. No dizer de Ihering, eram ellas o dever, a recompensa e o amor.

«A philosophia dá em resultado a moral.» Mas, em primeiro logar, que devemos entender por philosophia e por moral?

Farias Brito, de accordo com a generalidade dos pensadores, diz-nos que a philosophia é uma concepção do universo, e accrescenta que «cada um deduz, dessa concepção do universo, a norma de sua conducta, conforme o seu modo de comprehender a significação da natureza.» (1)

Eis-nos informados do que seja a philosophia; mas essa informação auctorisa-nos a pensar que não sómente a moral, mas tambem o direito, mas tambem a educação, mas tambem as crenças religiosas dependem directamente do modo pelo qual o homem concebe a estructura geral do mundo.

O exemplo de Socrates, dos estoicos e dos epicuristas não tem o valor de um argumento irrefragavel, em favor desse modo de ver, porque é justamente de terem cerceado os dominios da philosophia,

(1) *Finalidade do mundo*, pag. 37.

reduzindo-a, de uma interpretação da totalidade dos phenomenos, a um mero systema de moral, que são accusados esses philosophos ou, mais propriamente, esses moralistas.

Mas, diz-nos o auctor, a funcção da philosophia é dupla: theoricamente, é crear a sciencia; praticamente, é crear a moral. (1) Em relação á sciencia, ha uma verdade historica envolta nessa proposição: do todo homogeneo e geral que constituia a philosophia antiga, se foram destacando, por especialisação, as disciplinas particulares que constituem as diversas sciencias.

Tambem é certo que a philosophia reage sobre as diversas formas de systematisações do conhecimento, ou para imprimir-lhes uma feição nova, ou mesmo para fazel-as vir á luz. Mas, excepção feita desses moralistas philosophos a que fiz allusão, ha pouco, todos os grandes pensadores têm considerado a philosophia como uma synthese generalisadora dos conhecimentos humanos. Seria extraordinario que essa generalisação não fosse posterior ás theorias particulares explicativas dos diversos grupos de phenomenos, e mais extraordinario ainda, si as elucidações

(1) *Op. cit.*, pag. 34.

dessas theorias particulares não trouxessem elementos novos para a construcção generalisadora. Certamente ha surprehendentes intuições geniaes na historia da philosophia, porém ha tambem muito labor paciente de investigação; e, á proporção que o progresso scientifico se accentua, que os conhecimentos se alargam e se aprofundam, as generalisações philosophicas vão se tornando mais lucidas, mais seguras, mais conscientes.

Da moral, diz-nos Farias Brito sómente que é, como o direito, um regulador da conducta humana, mas que, differentemente do direito que parte da sociedade para actuar sobre o individuo, ella emerge da consciencia individual para ser exercida reflexamente sobre essa mesma consciencia. Tobias Barreto havia dicto, anteriormente, que a moral é autonomica e o direito heteronomico, bem que a ordem moral fosse o complemento necessario da ordem juridica. (1) Mas o grande pensador sergipano teve necessidade de reconhecer que havia, ao lado dessa moral autonomica, uma outra heteronomica, imposta pela sociedade em geral ou por uma religião ou por uma igreja, a qual funcciona

(1) *Questões vigentes*, pag. 93, Recife, 1887.

como direito. Este thema levar-me-ia, por certo, muito longe, si o fosse explanar convenientemente. Mas, si o meu fito é destacar as idéas capitaes de Farias Brito na *Finalidade do mundo*, mostrando, concomitantemente, o antagonismo de nossas convicções philosophicas, excusado esforço será o de uma batalha campal, na qual se empenhassem todos os recursos da logica e da experiencia que estivessem ao meu alcance.

Poderão pensar que na expressão *excusado esforço* entra um pouco de euphemismo com que, consciente ou inconscientemente, se disfarça a preguiça intellectual ou, mesmo, o receio de compromettter, numa discussão aprofundada, idéas em cuja solidez tenho, até hoje, confiado. Não importa; persistirei no meu intento. Apenas quero deixar affirmado, em respeito á moral que, si ella parece emergir da consciencia individual, quando profere as suas sentenças, é porque a consciencia é archivo onde se depositam, agrupados, systematisados e organisados, os conceitos e os sentimentos adquiridos não só pela experiencia de cada um, mas pela experiencia da especie humana, que a cultura encendra e que a educação conserva e transmitte.

III

O livro de Farias Brito é extenso, e nelle as idéas brotam abundantes, como num campo seivoso que as chuvas fecundam, brota a vegetação que o verão incubára. Estuda a funcção social da philosophia, da poesia, da religião e da sciencia; discute as diversas feições da philosophia moderna, o idealismo, o materialismo, o positivismo, o evolucionismo e o monismo; ergue o camartello da critica para desmontar os systemas, e, si os golpes nem sempre ferem o alvo, revelam um pulso forte e adestrado; lança construcções novas por onde andou amontoando escombros, e, si não as firma sempre solidamente, sabe conservar sua autonomia no vortice das opiniões collidentes, e sabe ver claramente o caminho que vae trilhando. Acompanhei-o nessa longa excursão, e aconselho o leitor a que tambem o faça; porém muitas das impressões recebidas no correr da leitura se foram apagando com o tempo, e na memoria enfraquecida apenas sobrenadam as que mais fortemente se fizeram gravar.

Já ficou affirmado que a idéa dominante do livro é o teleologismo, e que, por isso mesmo, o auctor se revela francamente um

anthropomorphista. Não é preciso dizer mais para se concluir tambem que é um metaphysico, termo que nada tem de depreciativo em meu lexico, e deante do qual não se apavora o auctor da *Finalidade do mundo*. E' necessario, porém, indicar a feição de sua metaphysica. Dil-o-ei numa phrase unica: é o idealismo bebido em Lange principalmente, e um pouco tambem, posso affirmal-o, em Schopenhauer, mas onde, por uma reacção de principios colhidos aliunde, a philosophia, a poesia e a religião se amalgamam, no intuito de melhor reflectirem a unidade do kosmos que cada uma descortinava sómente por uma face.

Nesta commixtão, a religião procede naturalmente como aquella alimaria de que nos falam Esopo e La Fontaine. A principio, quer apenas um passageiro abrigo para a sua prole, prestes a entrar pelo mundo, depois requer, com blandicias, uma protelação no mandato de despejo, e, finalmente sentindo-se forte, intenta occupar, sósinha, a morada onde entrára á força de rogos, e exclama arrogante: *Si mihi et turbæ meæ, par esse potueris, cedam loco*.

Effectivamente a parte assignada á religião é a mais larga, porque «ella é a mais importante de todas as necessidades

publicas, » não havendo, sem ella, « estabilidade nem ordem nas sociedades.» Ella é « a propria philosophia realisando a moral» (pags. 121 e 131), é « a alliança, o principio de ordem, a lei de harmonia entre os povos, em uma palavra, a alma da sociedade.»

Antes, porém, de nos dar o seu conceito da religião, examina Farias Brito o que a respeito disseram os grandes pensadores que a humanidade venera, Feuerbach, Strauss, Renan, Kant, Augusto Comte, Spencer, Haeckel, e outros de menor vulto, como Büchner e Vacherot. Esta parte critica da *Finalidade do mundo* é de uma leitura proveitosa. Concluindo-a, pergunta o auctor: o que é permittido dizer, quanto á religião e á theologia, de tudo quanto escreveram esses philosophos? Nada, responde logo apoz. «Todas as concepções metaphysicas, instituidas fóra da inspiração particular das religiões reveladas, desde Kant até Herbert Spencer, como todos os systemas de critica religiosa, guiadas pelo principio do livre exame, desde Spinosa até Feuerbach, Strauss e Renan, terminam, directa ou indirectamente, pela negação da divindade.» (1)

(1) *Finalidade do mundo*, pag. 273.

Mas o pensador cearense não se conforma com esses resultados negativos, presente que existe um Deus, e quer conhecel-o. As pesquisas dos mais penetrantes espiritos desviam-no do verdadeiro caminho, as cogitações proprias deixam-no perplexo. Apenas alguma cousa lhe diz que Deus existe e que está no regaço mesmo disso que se chama natureza.

Duas circumstancias sobrevêm que lhe illuminam a intelligencia anciosa por empolgar a verdade esquiva. Em um sonho em que o escriptor discute a idéa que o trazia preoccupado, a existencia de Deus, base da religião, alguem lhe mostra o nada, representado por uma treva impenetravel, em cujo seio invisivel se faz o silencio absoluto.

Depois essa escuridão silenciosa é atravessada por um feixe de luz, que distende, dando fórma aos seus seres, accordando ruidos, pondo em movimento a mechanica dos mundos. Deus é a luz, disse-lhe a voz da consciencia. Mais tarde, a enscenação do sonho reproduz-se na realidade, ao menos subjectivamente para o nosso auctor. E' por occasião do eclipse do sol, a 16 de Abril de 1893. « O sol tornára-se apenas uma mancha escura no céo, terminando por uma

circumferencia azulada, da qual se desprendiam algumas scintillações, como ligeiras faiscas electricas. A temperatura baixou consideravelmente, e fez-se de um tragico indescriptivel o aspecto interior da natureza. O céo, de azul purissimo que era, logo se fez côr de chumbo; e as nuvens, dantes prateadas e claras, tornáram-se sombrias como o mar.» (1) Parecia a todos que havia chegado a hora do anniquilamento do mundo. De subito, a luz reponcta em um dos bordos do disco solar, alarga-se, envolve todas as cousas, e a natureza desperta do ligeiro deliquio em que cahira, mais vivaz e mais energica. E', pois, bem certo, concluiu o escriptor que, então, observava o bello espectaculo do eclipse solar, é, pois bem certo que a luz é um principio creador, que a luz é Deus.

E a observação directa da natureza e o testemunho dos sabios parecem dar-lhe razão. « Folhas, flores, fructos, disse Moleschott, são seres tecidos de ar pela natureza. » Tyndall demonstra que «toda a actividade mechanica, toda a acção da força, quer seja do genero organico ou inorganico, quer physica ou physiologica — toma a sua origem

(1) *Op. cit.*, pags. 298-299.

no sol. » Portanto « a luz é o grande principio, a luz é a verdade suprema. » (pag. 304)

Esta conclusão inesperada para mim, fez-me pensar nesses graves pensadores da Jonia, que lançáram os fundamentos da investigação philosophica dos hellenos: Thales, para quem a materia primeira era agua; Anaximandro para quem o principio, a substancia do universo é o infinito, ou, antes, a materia indeterminada, que lembra o chaos das kosmogonias semiticas; Anaximenes, para quem a causa geradora do universo é o ar.

Mas, si essas concepções eram ousadias no tempo em que as organisáram as poderosas celebrações dos physicos da Jonia, não se podem mais acceitar em nossos dias. A luz subjectivamente é uma sensação particular da vista, a synthese das sensações luminosas. Ora a sensação presuppõe: 1º, o que Wundt chama os *irritantes da sensação* (1), isto é, phenomenos externos, agindo sobre os orgãos dos sentidos, ou mudanças de estado originando-se no proprio organismo; 2º, um ser percipiente, cujos orgãos são impressionados e em cuja consciencia

(1) *Eléments de psychologie physiologique*, trad. de Bouvier, Paris, 1886, vol. I, pag. 307.

se revela a sensação. Estamos, portanto, em face de um phenomeno, e não do noumenon; de uma apparencia, e não de uma essencia; de uma relação, e não do absoluto. Não é possivel, em boa logica, theologista ou não, denominar Deus um facto, um phenomeno tal. Faltam-lhe os attributos elementares da divindade, pois que a luz é resultante, e não causa, creatura, e não creador. (1)

---

(1) Publicado na *Revista do Brazil*, 1897, ns. 6, 7 e 8.

Ainda occorre ponderar que, objectivamente, segundo nol-o ensinam os physicistas modernos, a luz é produzida pela incandescencia dos corpos, e é devida a um modo vibratorio particular do ether. Seria, então, o ether a divindade, como suppoz Haeckel, e não a luz phenomeno de que elle é causa. Não confundamos, porém, noções distinctas, nem desperdicemos energias embarafustando por veredas que não se dirigem ao pouso da verdade. Farias Brito é um espirito reflexivo, é o que se pode chamar um pensador de raça; não lhe será difficil, portanto, reconhecer que a sua solução relativamente á idéa de Deus ainda não é a verdadeira.

Da consciencia

Da consciencia (1)

Rien n'est pour nous que dans
la conscience et par la conscience.
J. J. Gourd.

Foi a palavra consciencia, a principio, empregada sómente para discernir o bem do mal. (2) Foi depois dos estudos aprofundados de Leibniz e Wolf que esse vocabulo se applicou a designar um phenomeno

(1) Este estudo é *capitulo* de um compendio de psychologia que encetei quando professor de philosophia, e para cujo acabamento faltam-me hoje lazer e estimulo.

(2) Não obstante, Cesca, em seu profundo estudo sobre o conceito da consciencia, desde a philosophia grega até a contemporanea, nos faz notar que Platão reconhecia a faculdade synthetica da consciencia, e que, em Aristoteles, essa faculdade acha-se incluida na de pensar, não tendo uma funcção propria.

psychico bem diverso, que os psychologos têm comprehendido e definido desharmonicamente. Para evitar qualquer confusão resultante da identidade dos termos, dizemos *consciencia psychologica* e *consciencia moral*.

E' da consciencia psychologica sómente que temos de occupar-nos agora.

E' a consciencia que distingue os phenomenos psychicos dos physiologicos, é ella a propriedade especial desta categoria de phenomenos, concordam todos, e, por isso mesmo, constitue a base, o fundamento da psychologia. A difficuldade está sómente em comprehender-se o caracter proprio da consciencia para formar o seu conceito.

Não querendo fazer a critica das diversas interpretações dadas ao termo e ao phenomeno, limitar-me-ei a expôr a doutrina que se me afigura verdadeira.

Qualquer definição da consciencia não passará, como observou Wundt, de uma periphase tautologica. Nestas condições está a proposta por Herbart que, entretanto, é sufficientemente esclarecedora do assumpto: « a consciencia é a somma de todas as representações reaes ou simultaneamente presentes ». Não se trata, porém, de uma simples somma, e sim de um complexo em que existem differenciações e assimilações de

estados diversos constituindo uma verdadeira organisação.

Assim comprehendida, a consciencia é uma actividade unificadora de todos os phenomenos psychicos, mas que se separa delles; que consiste em estados e processos, mas que não se confunde com elles. « Ella é como a vida, diz Sergi, que repousa em todos os elementos e em todo o organismo; si uma parte do organismo vem a faltar, a vida se dissipa e desapparece tambem. A vida é uma abstracção, considerada como uma entidade; só o ser vivo existe com as suas manifestações vitaes. Do mesmo modo a consciencia sem o ser sensiente é uma abstracção; só o ser sensiente existe com as suas manifestações conscientes ». (1)

A eschola ingleza de psychologia demonstrou dois principios fundamentaes para a theoria da consciencia: 1º, que os estados de consciencia não se distinguem do phenomeno consciente, « que ser consciente é ter um sentimento », como diz James Mill; 2º, que a consciencia surge com a mudança dos estados, « que todos os diversos phenomenos de consciencia são resoluveis em mudanças » como diz Spencer.

---

(1) Sergi—*La psychologie physiologique*, pag. 241.

Esta doutrina deve ser completada, porque nem a consciencia consiste simplesmente em modificações, nem ella se comprehende sem uma organisação dos diversos estados successivos. E' verdade que todo phenomeno psychico envolve em si uma certa manifestação consciente da qual não se separa; mas é certo, egualmente, que a reproducção destes phenomenos vae constituindo uma aptidão especial no espirito para colligal-os de accôrdo com certas leis psychicas (associação, generalisação, etc.), para unifical-os e transformal-os numa verdadeira organisação. Essa aptidão é um acto da consciencia que se desenvolve.

Como prova de que a consciencia tambem está sujeita aos processos da evolução, basta-nos considerar que os meninos a têm muito imperfeita, e que é na maturidade que o homem a possue em pleno vigor. E' com o pleno desenvolvimento da consciencia que apparece a consciencia de si (é o *Selbstbewusstsein* dos allemães), isto é, o reconhecimento, por parte do individuo, de que elle é o sujeito de suas proprias manifestações conscientes e de que ellas podem soffrer sua actuação.

A consciencia de si nos dá a idéa do *eu* distincto dos phenomenos do mundo interno,

idéa que, desenvolvendo-se no proprio individuo e sob a acção do contacto social, se transforma na idéa de *personalidade*. Obtendo a consciencia de si, pode o homem observar seus proprios estados e processos, operando assim, pela introspecção, a *identidade do sujeito e do objecto*, em certo dominio.

Alguns psychologos ainda conservam o nome de *senso intimo* para designar a consciencia, mas esta expressão não tem a mesma força, e, o reconhece Janet, ella só se applicaria com propriedade á *consciencia obscura, confusa, espontanea*, que é a propriedade dos phenomenos psychicos.

Outros nos falam de *percepção intima* para designar a consciencia de si. Não veriamos inconveniente neste modo de traduzir o poder que o individuo adquire de se conhecer como sujeito de seus sentimentos, pensamentos e volições, si por estas palavras não se traduzisse melhor o estudo, a reflexão sobre esses proprios estados de espirito.

Além disso, qualquer destas duas expressões—*senso intimo e percepção intima*—poderiam nos levar a suppor que a consciencia tem um objecto especial, quando o certo é

que ella é, como disse Hamilton, coexistensiva com todas as nossas faculdades, quando o certo é que ella é o conjuncto organisado de todas ellas.

A consciencia, como se vê facilmente não é uma funcção puramente intellectual como acreditam alguns pensadores, nem é um simples meio de cognição. Sua extensão é muito maior. A intellectualidade como a volicionalidade e a emocionalidade se exercem em seu dominio, pois que ella é uma propriedade inseparavel de todos os phenomenos psychicos.

A consciencia depende de certas condições psychicas e physiologicas que devem ser conhecidas. As condições psychicas se podem resumir na differenciação e assimilação continuas das sensações, sentimentos, idéas e volições. A primeira dellas destaca os diversos estados de consciencia, e é condição existencial delles, em virtude da lei indicada por Hobbes nas celebres palavras — *semper idem sentire et nihil sentire in ibidem recidunt*. A segunda agrupa, coordena e organisa, no espirito, os diversos estados de consciencia, e forma isto que Wundt denomina *grupo permanente de representações*, base da consciencia em si emquanto depende mediata

ou immediatamente de nossa vontade. (1) Mas si a consciencia não pode existir sem a condição da differenciação, não devemos concluir, desde logo, que ella é accidental; ella é substancial, por isso que não existe phenomeno psychico fóra de seu regaço.

A base physiologica da consciencia é o funccionamento do systema nervoso. A uni-

(1) Lewes, Benecke e Maudsley sustentam que a consciencia depende de uma certa intensidade da actividade psychica. E' um novo modo de expor a theoria das pequenas percepções inconscientes de Leibniz, e da necessidade da attenção ou de outra condição para que appareça a consciencia, theoria cujo fundo de verdade não se deve desconhecer.

Esta especie merece que lhe dediquemos um olhar mais longamente prescrutador. Carpenter, na sua *Mental Physiology*, estudou-a de um modo profundo, sob a denominação de *cerebração inconsciente* (*inconscious cerebration*), Hamilton havia proposto a de *modificação mental* latente, Ribot a de *vida inconsciente do espirito*, Sergi preferiu designal-a como *inconsciencia dos processos psychicos centraes*, e S. Mill a considera uma simples acção physiologica. As explicações são varias, o que mostra que uma ainda não foi sufficientemente clara e sufficientemente fundamentada para agremiar as convicções. Eu me inclino pela opinião de S. Mill, completada pela de Ribot.

Taes phenomenos de inconsciencia se constituem pela «successão rapida de diversas modificações nervosas, a qual faz com que as diversas impressões produzidas reajam umas sobre as outras, acabem por se confundir.» (*La philosophie de Hamilton*, trad. fr. pag. 337) A hypothese de Carpenter é insustentavel, porque elle faz residir a consciencia nos *ganglios sensorios*, quando é certo que ella reside principalmente na substancia cortical cinzenta do cerebro.

dade da consciencia depende da connexão de todo o systema nervoso. Não se poderá dizer que a consciencia reside exclusivamente numa parte especial do systema nervoso? Sem duvida. Depois dos insignes trabalhos de vivisecção e de physiologia comparada de Vulpian, Ferrier, Charcot, Meynert, etc., é incontestavel que a substancia cortical cinzenta dos lobulos cerebraes é, no homem e nos vertebrados, o orgão da consciencia. E' certo no emtanto, segundo ensinam os competentes, que a funcção deste orgão suppõe a de certos outros centros nervosos, aos quaes elle está superordenado, como sejam os tuberculos quadrigemeos, os thalamos opticos, os corpos estriados e outros, como tambem que existe intima ligação entre a massa branca interna e cinzenta.

Tambem é possivel que na medulla espinhal separada do encephalo pela ablação se desenvolva uma consciencia de ordem inferior e limitada, mas, apezar de tudo, susceptivel de aperfeiçoamento gradual, de modo a poder substituir, em parte, a connexão effectuada pela crosta cerebral.

A lei da divisão organica do trabalho havia differenciado as funcções dos diversos ganglios ou centros nervosos, mas a adaptação posterior pode volver essas funcções de

uns para outros orgãos, tanto mais facilmente quando elles são analogos debaixo do poncto de vista de sua constituição, permittam-me affirmar confiando na palavra dos mestres.

A este respeito Wundt adduz algumas observações de valor. Diz elle:

« Em verdade todos são de accordo quanto á possibilidade de uma consciencia deste genero, e diversos phenomenos dão testemunho da realidade deste facto. Duas cousas devemos notar neste caso: 1.ª Uma consciencia deste genero é, rigorosamente fallando, uma consciencia que *se fórma e se desenvolve*, e é susceptivel de experimentar um aperfeiçoamento gradual, como confirmáram as observações sobre as rãs decapitadas, sobre os passaros, sobre os coelhos cujos lobulos cerebraes foram seccionados acima dos ganglios; 2.ª Um orgão central que em virtude da organisação total de um ser é, desde o começo, destinado a exercer uma funcção independente, será naturalmente portador de uma consciencia, mas de uma maneira bem differente da de um orgão central collocado em uma relação e uma dependencia multipla, embóra esse ultimo lhe seja analogo morphologicamente. » (1)

(1) Wundt, *Psychologie*, vol., pag. 223.

Estamos agora habilitados a resolver, perante a psychologia, o problema da unidade da consciencia. A consciencia moral é uma em cada momento, mas sujeita a modificações trazidas pelo curso natural da evolução do individuo. Sob o influxo de estados morbidos, porém, ella se pode tornar dupla, como o demonstráram muitos casos pathologicos estudados por auctoridades competentes. Esta unidade de consciencia normal é partilha dos seres mais elevados. Os seres inferiores, os polypos, por exemplo, seccionados em diversos pedaços continuam a viver como dantes contendo em cada fracção uma vida nova, uma outra consciencia.

Do terreno em que me colloquei se afastam, como ociosas, certas questões que é de costume virem discutidas nos manuaes e tractados classicos. Deste numero são as que propõe e responde Janet:

1.º Temos consciencia dos objectos externos? Certo que não, pois que a consciencia é simplesmente o conjuncto organisado de nossas representações simultaneamente presentes. Temos consciencia, sim, das sensações que os objectos externos provocam em nossa psychê.

2.º Devemos resolver pelo mesmo modo a questão de saber *si temos consciencia do proprio*

corpo. O reconhecimento do *eu*, da propria individualidade, não é uma acquisição immediata da consciencia, e, muito menos, será a união do *eu* a um corpo. O conhecimento desta união nos é fornecido por uma inferencia logica espontanea, porém não instantanea.

Tambem não quiz afundar-me no estudo da natureza da consciencia, não porque «sendo ella a condição de toda experiencia interna, esta não possa fazer conhecer directamente a sua essencia» como affirma um philosopho italiano, mas porque a questão me parece naturalmente resolvida. Ou ella é a propriedade fundamental, constituinte do espirito, ou um phenomeno concomitante dos phenomenos psychicos; um phenomeno *addicionado á actividade psychica*, segundo se exprime Ribot.

A ser exacta a primeira hypothese, parece-me claro, a consciencia devia anteceder ás volições, emoções, sensações e mais phenomenos psychicos. O absurdo é manifesto e pois não nos resta outro recurso sinão nos decidirmos pela segunda hypothese. Mas este phenomeno addicional se consolida, se organisa, evolve e fórma, por assim dizer, o mundo onde se agita a vida psychica. (1)

---

(1) Publicado na *Revista do Norte*, (Recife), numero de 30 de Julho de 1891.

Sobre a realidade do mundo externo

Sobre a realidade do mundo externo

Payot, o intelligente escriptor da *Croyance*, e cujas aptidões philosophicas, dia a dia, se accentuam com galhardia e pujança, voltava, não faz muito tempo, a rever o grave problema da percepção externa (1), cuja transcendencia escapa á vista grossa dos palurdios. Nem admira que assim aconteça, quando de muitos espiritos percucientes se tem affirmado que o não comprehenderam na sua totalidade e inteireza. Portanto, si, neste transito escabroso, feito por onde a psychologia confina com a metaphysica, eu deslisar, perdido o rumo, nalgum balseiro escuro, amisere-se o leitor do meu

(1) *Revue philosophique*, 1896, Juillet— Décembre, pags. 440—480.

infortunio, embóra saiba que não andarei desacompanhado.

O exemplo do citado philosopho francez seduziu-me a tracejar algumas phrases, a proposito de um assumpto que tem a força de emocionar a quem quer que medite um pouco sobre elle, com sympathia e desejo de penetral-o.

Ponderei commigo que seria licito a um dilettante dizer sobre um thema que os philosophos ainda se esforçam por dilucidar na França.

Tem o mundo externo uma existencia real, ou não passa de uma simples representação de nosso espirito? Eis a questão em toda a sua simplicidade.

Que nós conhecemos sómente as relações de coexistencia e successão entre os phenomenos, que essas relações são nexos estabelecidos entre o espirito e o objecto, e que esses nexos são os modos pelos quaes os phenomenos se apresentam á mente, são principios geralmente acceitos pela sciencia moderna. A divergencia apparece quando se tracta de saber si, por traz dos phenomenos, ha algum *substratum* do qual são elles as manifestações, si a multiplicidade das apparencias postula uma base permanente e invariavel cuja existencia se imponha como

uma necessidade logica, segundo opinava Kant, ou por uma intuição, como preferia Hamilton dizer, ou por uma suggestão como acreditava Reid.

Figuremo-nos deante de um bello trecho de paizagem americana. Ao longe as montanhas altissimas esbatem-se esfumadas, confundindo-se com o azul longinquo do espaço; mais proximo, as arvores de folhagem vicejante ensombram o solo onde pascem rebanhos de lanosas e brancas ovelhas; num claro da matta vê-se passar um regato acachoeirado que scintilla ao sol do meio dia, e derrama em redor um grato ruido que annuncia vitalidade e frescor; e, do solo, das arvores, do campo, levanta-se um murmurio de vida, feito do canto das aves, do zumbir dos insectos, do vozear do gado, do farfalhar do vento. E ali desatam-se flores, enrubecem fructos, germinam sementes. Eis um bello conjuncto de sensações que me apresentam um trecho do mundo externo. Poderiamos, á vontade, variar o espectaculo, e contemplar, aqui, um vasto mar undoso que o sol poente tinge de rubro; ali, um céo profundo por onde se derramam a esmo estrellas lucilantes; além, um rico salão de baile onde a belleza feminina se ostenta dominadora, chamando em seu auxilio todos os recursos da moda.

Que ha de real nesses varios agrupamentos de sensações?

Si não possuissemos os diversos orgãos dos sentidos, todas essas bellezas, admittindo-se que existissem, passar-nos-iam desapercebidas, como aliás todo o mundo objectivo, pois que elle, afinal, se reduz a um complexo de sensações visuaes, auditivas, tacteis, musculares, organicas, gustativas, olfactivas. E, não nos sendo conhecidas, seriam inexistentes para nós: *esse est percipi*.

Fazendo este raciocinio, o insigne Berkeley foi levado a lançar as bases desse idealismo tão sympathico aos philosophos inglezes, com excepções rarissimas. Realmente parece-me que o idealismo está por inteiro contido neste raciocinio: si desapparecido o ser percipiente desapparece, ao mesmo tempo, o objecto percebido, é claro que este deve estar contido naquelle. Como percebido, é certo; mas, si nós não temos outro meio de reconhecer a existencia de um ser além da percepção, tanto importa não ser percebido como não ter existencia. *Esse est percipi.* E' verdade que esse mundo objectivo se nos apresenta como exterior a nós, como permanente, e como independente de nós.

De todos esses caracteres, o mais importante, para a solução da duvida, e mais difficil de resolver pelo idealismo, é, penso eu, o primeiro, apezar de que o philosopho idealista poderia chamar a minha attenção para um espelho, e fazer-me notar que tambem ahi as imagens se nos afiguram extendidas em todas as direcções e exteriores á delgada lamina de vidro que as reflecte. Jules Payot enrosta, porém, a difficuldade sem tergiversações timoratas. A exterioridade, diz-nos elle, não é um facto irreductivel, primario, fornecido directa e immediatamente pelos sentidos. E' uma idéa complexa que contém dados visuaes de forma, côr e volume, dados musculares de resistencia e de espaço, dados tacteis, e outros ainda. Considerando-a mesmo em seus elementos essenciaes, encontram-se a noção de espaço, que os estudos de Bain, Mill e Spencer demonstráram ser adquirida, e mais a noção de resistencia « que é tambem um dado muscular, embora de uma constancia absoluta, porque necessariamente nós não podemos entrar em communicação com o mundo exterior sinão por meio de nossos musculos. » (1)

(1) *Revue philosophique*, cit. pag. 476.

Supponha-se, por um momento, que essa explicação dissipou o nevoeiro das duvidas. Restam os dois ultimos caracteres do mundo externo:—a permanencia e a independencia. Mas esses predicados Stuart Mill nos mostra como resultados da associação das idéas e da expectação, isto é, dessa propriedade que têm os estados da consciencia, simultaneos e successivos, de se evocarem reciprocamente, e dessa outra propriedade que tem o espirito de esperar que, sendo dadas certas condições, appareçam determinados grupos.

Essa permanencia e essa independencia do mundo externo constituem a nossa noção da materia. Mill, de accordo com as razões explicativas que acabam de ser dadas, declara que a materia não é mais do que « uma possibilidade permanente de sensações, » e que « a fé que tem a humanidade na existencia real e visivel dos objectos tangiveis, é a fé na realidade e na permanencia das possibilidades de sensações visuaes e tacteis independentemente de qualquer sensação actual » (1). Portanto, a concepção do mundo externo reduz-se a percepções presentes acompanhadas da crença em percepções possiveis.

(1) *Philosophie de Hamilton*, trad. franceza, pag. 220.

Apreciemos um tanto mais de perto essas ponderações. E' certo que as minhas sensações são internas, muito embora eu as localise fóra de mim. Sua séde é no meu cerebro. Porém, pondo, por agora, de parte a consideração de que elle faz parte do mundo objectivo, eu posso francamente affirmar que, si o meu cerebro funcciona creando sensações idéas e emoções, é que forçosamente alguma cousa o excita, e as sensações, de que se fazem as percepções, não são mais do que reacções da substancia nervosa consciente, segundo eu acredito, ou do que quer que seja existente em nós.

Tenho necessidade de reconhecer a realidade dessa causa provocadora das reacções de meu sensorio, ao que Payot não se oppõe, ou de professar o scepticismo absoluto de Pyrrho, no qual se iam deixando afundar Hume e Stuart Mill, quando tentáram libertar-se do vinculo insoluvel da causalidade.

A noção de causa é, pois, irrecusavel, e ella decide o pleito. Com effeito, ou a causa determinadora de nossas sensações achar-se-á dentro de nós, ou ser-nos-á exterior. Si a dissermos interna, eliminaremos a opposição entre os estados objectivos e subjectivos, e, das duas hypotheses, escolheremos uma. Ou pronunciar-nos-emos por uma substancia

espiritual, ou erigiremos a vontade em realidade fundamental que nos offereça a explicação ultima das cousas, segundo pretende Payot, a exemplo de Schopenhauer. (1)

A hypothese de um espirito, como substancia distincta, deve ser afastada, quando se discute com um idealista intransigente, porque, como disse Bain, tanto é realismo acreditar no mundo externo independente, quanto numa substancia animica independente. (2)

---

(1) E' conveniente lembrar a doutrina do illustre philosopho tedesco, condensada em uma phrase sua muito frisante: ha sómente um principio, unico, uniforme, universal e sem excepção, para todo movimento: internamente é vontade, externamente é causa, e, segundo a qualidade do que se move, tambem se apresenta sob a forma de estimulante ou de motivo (*Der Wille in der Natur*).

A doutrina de Ludwig Noiré pode ser considerada um desenvolvimento dessa these. Depois de mostrar a antithese profunda entre a sciencia empirica e a philosophia idealista, dizendo a primeira que tudo é *mechanismo* e a segunda que tudo é *espirito*, declara o discipulo de Schopenhauer que ambas têm razão e ambas erram na unilateralidade de suas affirmativas, e, por sua vez, exclama: « Nós dizemos com W. Gœthe: — « Não ha materia sem espirito nem espirito sem materia », ou por outros termos: tudo é ao mesmo tempo mechanismo, isto é, movimento e espirito, isto é, sentimento ». Alles ist zugleich Bewegung und Empfindung, é a formula que resume a sua theoria (*Der monistische Gedanke*, Leipzig, 1885, pag. 277 e segs.)

(2) *Logique inductive et déductive*, trad. de Comparé, vol. I, pag. 8.

Nós sómente sabemos, em relação ao espirito, que elle é «um outro nome da identidade pessoal, isto é, da continuidade supposta da nossa existencia mental, a trama que sustem todos os nossos pensamentos, todos os nossos sentimentos, todas as nossas vontades, emfim todos esses phenomenos de que se compõe o curso de nossa vida consciente» (1). São ainda palavras de Bain, que é tão idealista quanto Stuart Mill.

Admittindo, portanto, que o idealismo se contradissesse para acceitar uma substancia espiritual, depois de ter rejeitado a substancia material, ter-nos-ia elle atirado no vacuo, pois que essa outra substancia desfaz-se ao mais leve toque da analyse, como essas figuras de pó que se descobriram nas ruinas de Pompéa.

E, si assim dizemos do espirito, com razão mais forte diremos da vontade que, seja ou não fundamental, é simplesmente uma das manifestações delle. Além disso, é justo reconhecer a verdade daquella asserção de Immanuel Kant, quando nos faz sentir a solidariedade de nossa experiencia interna e externa, e mostra que nós só nos conhecemos conhecendo alguma cousa externa a nós mesmos.

---

(1) *Logique*, vol. I, pag. 16.

Resta, pois, por exclusão, a necessidade de acreditarmos numa causa externa para as nossas sensações. E esta causa, si ainda fugirmos á providencia, ao espirito soberano, (*governing spirit*) de Berkeley, ha de ser, forçosamente a materia. Digamos com Huxley que ella é a causa hypothetica dos phenomenos physicos, repitamos com Stuart Mill que ella é para nós sómente uma possibilidade permanente de sensações, porém rendamo-nos á violencia da logica e reconheçamos a sua existencia.

Sómente por meio de sensações nos é revelado o mundo externo; mas os phenomenos todos que se nos apresentam sob a forma de sensações, a sciencia considera manifestações variadissimas de forças reductiveis a uma unidade. Refiro-me á conhecida lei de persistencia, correlação e equivalencia das forças que são nomeaveis por uma palavra unica — o movimento. Chegados a este poncto, é facil inferir da apparencia, do phenomeno, para a realidade da materia.

Nosso conhecimento é relativo e limitado; relativo ao espirito, como já, na Grecia, haviam feito observar Democrito, Protagoras e Pyrrho; relativo e limitado, porque só podemos conhecer phenomenos e relações

entre elles, sem jámais alcançarmos a substancia, o *noumenon*; relativo ainda e limitado, porque, no mundo phenomenico, só percebemos um objecto distinguindo-o de seus differentes e assimilando-o depois aos seus congeneres. Depois dos estudos psychologicos de Bain, Spencer, Cesca e tantos outros, inutil é discutir ainda este principio fundamental da gneseologia,—a relatividade dos conhecimentos humanos. (1)

Mas dahi o que se conclue para o assumpto que agora nos preoccupa? Simplesmente que nos é impossivel ter conhecimento directo da materia, de sua essencia ou substancia; simplesmente que ha uma porção de incognoscivel no universo; e, mais, que as nossas impressões são apenas uma traducção, ou, como diz Spencer, um symbolo do incognoscivel.

O mundo não é tal como nos apparece, porque são os orgãos dos sentidos que nos fornecem as impressões do mundo exterior, e as sensações dependem da estructura do individuo e da especie, assim como de diversas condições secundarias.

---

(1) Leia-se, tambem a respeito o interessante estudo de Noiré,—*Ueber die natürlichen Grenzen unsers Erkennens*, no livro *Der monistische Gedanke*, Leipzig, 1875.

Portanto as nossas sensações não nos darão a imagem photographica da realidade exterior que as determina, (1) mas uma simples representação symbolica.

Destas considerações que se me afiguram irrecusaveis, resulta o que Spencer chamou um *realismo transfigurado*, e do qual nos dá uma illustração geometrica, dizendo que a realidade é como a projecção de um cubo sobre um cylindro, a qual determina uma figura cujos elementos divergem dos do cubo gerador.

E' a esse realismo transfigurado ou, si quizerem, a esse *realismo idealista* que prestam homenagem os physicos a quem preoccupam as soluções metempiricas, e os psychologistas que auxiliam a analyse introspectiva com os dados da physiologia. Quero nomear Helmoltz, quando nos diz que « os sentidos, por uma especie de encantamento,

---

(1) Spencer,—*Psychologie*, pag. 196 e segs. A doutrina de Spencer não se afasta, na essencia, da de Kant, quando nos diz: «si considerarmos os objectos dos sentidos como simples phenomenos, o que nos é permittido, reconheceremos, todavia, que uma cousa em si lhes serve de fundamento, ainda que não saibamos o que ella é, não conhecendo della sinão os phenomenos, isto é, a maneira pela qual os nossos sentidos são affectados por essa qualquer cousa desconhecida» (*Prolégomènes à toute métaphysique*, trad. de J. Tissot, Paris, 1865, pags. 101—102).

fazem, das vibrações, os sons e as cores, e que, por meio das sensações, como por meio de uma linguagem symbolica, nos dão noticia de um mundo exterior. (1) E quero alludir a Wundt, quando nos mostra a verdadeira orientação do idealismo na determinação das « relações entre os principios ideaes e a realidade objectiva.» (2)

Com este ultimo escriptor, podemos dar um passo além e dizer que « a correlação entre o physico e o psychico suggere a hypothese seguinte: o que nós chamamos alma é o ser interno da mesma unidade que nós encaramos no exterior como sendo o corpo que lhe pertence ». (3) Este monismo psychologico eu o comprehendo e acceito como a constatação de uma realidade incognoscivel que unifica, fundamentalmente, as duas ordens de phenomenos que a consciencia nos revela, os physicos e os psychicos. Essa realidade inaccessivel, da qual só conseguimos ter interpretações mais ou menos infieis, mais ou menos translatas, fallazes e incompletas, nós chamamol-a *materia*, o conceito

---

(1) *Apud* Janet et Séailles, — *Hist. de la philosophie*, pag. 89.

(2) Wundt,—*Psychologie physiologique*, II, pags. 512 e 526.

(3) Wundt, *op cit.* pag. *cit.*

da qual é hypothetico, o conhecimento da qual está fóra do alcance da intelligencia humana, mas cuja existencia se impõe forçosa, irrecusavelmente. «Sendo os objectos por entre os quaes se deslisa a nossa existencia, ainda que menos transitorios do que os nossos sentimentos e as nossas idéas, destinados a perder, mais ou menos lentamente, a sua individualidade, chegamos a reconhecer que a cousa unica permanente é a realidade desconhecida, occulta sob todas essas apparencias.» E' uma bella observação de Spencer (1), que me dá um precioso remate para estas phrases insulsas que acabo de escrever em prol da realidade do mundo objectivo. (2)

(1) *Psychologie*, II, pag. 524.

(2) *Revista do Brazil*, S. Paulo, 1897, nos 2 e 3.

Notas sobre a questão da paramnesia

Notas sobre a questão da paramnesia

Leiam-se as notas que se vão seguir como simples observações que um curioso vae bordando á margem de um livro suggestivo, alguma cousa como si um atavismo transviado fizesse agora surgir um obscuro bartholista a decifrar os enigmas propostos nas obras dos psychologos. Não aspiram cousa alguma além disso. Mas, nem por isso, se julgam de todo inuteis, pois que chamam a attenção para um problema que tem a rara vantagem de interessar os doutos e os ignaros, os especialistas e os indifferentes.

Quero falar do curioso phenomeno da paramnesia que, por si e por todo o cortejo de circumstancias que o envolvem ou parece, ao menos, que o envolvem, tem desafiado a

argucia dos psychologos profissionaes, depois de ter fornecido interessantissimas paginas aos romancistas, que são tambem psychologos a seu modo, por menos que o pareçam. As phrases que esse inexplicado estado de consciencia suscitou a Loti, Lemaitre, Clement Scott, Verlaine, estão saturadas de uma suave melancolia, e poncteadas de taes mysterios revelados a meio que impressionam o leitor mais gelido. Loti e Lemaitre, sobretudo, são suggestivos e enfeitiçantes. Comprehende-se como, nas mãos de escriptores delicados e imaginosos como esses, e eu não sou dos fanaticos pelo mais feliz do que valioso artista do *Désert*, mas muito embora, comprehende-se dizia eu, como nas mãos de escriptores delicados e imaginosos como esses, a memoria falsa, a illusão da memoria, tal é a paramnesia, poderia ser fecunda em idéas e sentimentos expressivos até a representação real, communicativos até uma quasi allucinação. (1)

A pessoa encontra-se deante de uma paizagem nunca dantes vista, deante de pessoas ou de cousas que nunca se lhe tinham apresentado sob o aspecto ou na situação actual,

(1) Veja-se especialmente o *Livre de la pitié et de la mort* de P. Loti.

que nem mesmo tinham actuado, em qualquer outra occasião, sobre seus sentidos, e no emtanto, ella sente num clarão que lhe illumina a consciencia, sem deixar de surprehendel-a, que taes pessoas e taes cousas já foram precedentemente observadas em situação identica e sob o mesmo aspecto. Isto faz scismar como tudo que tem um picante sainete de mysterio.

Faz scismar e reclama uma explicação. Já houve quem tentasse approximar o phenomeno da paramnesia ao da metempsychose, explicando o difficil pelo absurdo. Mais razoavel seria, então, appellar para a unidade fundamental na natureza, para o monismo idealista, pois que a transmigração das almas é uma theoria em que não se cogita mais, desde muito. Voltáram-se outros para a telepathia. E, realmente, casos ha em que a paramnesia reveste aspectos surprehendentes que atordôam como os da telepathia. Sirva de exemplo o que nos refere Lalande (1): «O Sr. L..., medico, bom observador e bom psychologo. Eram duas horas da manhã, diz elle, eu jogava uma partida de poker que durava já algum tempo. Um de meus parceiros joga e diz: «cinco mais

(1) *Revue philosophique*, 1893, Juillet-Décembre, pag. 488.

cinco». Nesse momento, a despeito da banalidade da formula, sinto, de subito, que a tinha já ouvido pronunciar, na mesma jogada, no mesmo logar e com todo o consenso total das minhas sensações. Um outro jogador replica: «mais cinco». A impressão que eu sentia accentua-se e eu *prevejo*, com um sentimento de angustia, que o terceiro parceiro vae responder: «Ah! elle tem todos os azes». E, com effeito, apenas tinha eu acabado de pensar essa phrase que elle exclama: Elle tem todos os azes! «precisamente com o tom, o timbre de voz e a expressão que eu tinha imaginado. Eu notei tudo isso, immediatamente e com uma impressão penosa que se dissipou rapidamente».

E' extraordinario sem duvida. E mais casos surprehendentes ainda nos cita Lalande. Mas teremos necessidade de recorrer ao maravilhoso telepathico para explicar phenomeno por tal forma commum que alguns escriptores calculam, sem exaggero, que trinta por cento da humanidade o experimenta? Si assim fosse, mui pouco teriamos avançado com a explicação, ou, melhor, sahiriamos do lusco-fusco para as trevas densas da noite.

Mas vejamos, desde logo, pondo de parte a metempsychose e a telepathia, que explicações têm proposto os psychologos.

Afastadas essas interpretações phantasiosas, será necessario que encontremos uma outra satisfactoria. Para esse effeito passarei em revista as hypotheses mais notaveis que psychologos e physiologistas tenham imaginado e me sejam conhecidas.

Wigan e Maudsley entendem que só é possivel ao homem julgar que percebe, pela segunda vez, qualquer conjuncto de sensações, quando, na realidade, são ellas absolutamente novas, porque existem dois hemispherios cerebraes trabalhando simultaneamente, quando, de ordinario, trabalham alternadamente.

Lalande (*Revue cit.*) afasta a explicação physiologica de Maudsley e Wigan, por uma excepção de incompetencia: O que é psychologico, diz elle, se deve explicar com a psychologia. Poderiamos perguntar-lhe si não está definitivamente estabelecido para a psychologia experimental que todos os phenomenos do espirito tem por base e condição acções nervosas, movimentos do encephalo; mas verifiquemos que hypothese nos offerece o brilhante escriptor francez em substituição á do physiologista inglez que rejeitou.

Dois mechanismos se podem conceber, diz elle, entre os quaes seria prematuro

decidir, mas que, aliás, offerecem alguns ponctos communs. Pode ser que a paramnesia resulte «dessa acceleração singular que toma por instantes o pensamento». Ora, como é certo que não temos sempre consciencia de *todas* as sensações experimentadas, é possivel que, por qualquer circumstancia, venham á consciencia algumas daquellas que, no primeiro momento, haviam permanecido no dominio do inconsciente, embora perfeitamente existentes. Eis ahi a paramnesia explicada em muitas de suas manifestações.

Deixarei que o auctor, por um exemplo, torne mais apprehensivel seu pensamento. «Chegaes deante de uma paizagem nova, e experimentaes um bloco de imagens que vosso espirito não discerne logo conscientemente, mas que não entra menos, por inteiro, na intelligencia, como uma photographia instantanea. Supponde, então, uma distracção de um decimo de segundo, durante o qual nossos pensamentos vão além e preenchem uma duração subjectiva um pouco maior, seja embora de dez minutos ou de um quarto de hora. Que se passará na volta? Encontrareis sob os olhos o que abandonastes por um instante; reconhecel-o-eis, porém não localisareis a primeira

operação no seu logar proprio, primeiro por causa do caracter inconsciente das imagens percebidas, e, principalmente, por causa da extensão apparente da distracção, que lança uma contradicção no processus mental pelo qual contamos o tempo. E, por esse mechanismo, a segunda percepção poderia affectar já a forma de previsão especial observada por alguns paramnesicos ». (1)

Mas como parece que alguns dos casos observados escapam á theoria, recorre o escriptor á telepathia. Só por meio della pode-se dar conta da previsão do tempo, suppõe elle.

Esta intervenção da telepathia tem um grave inconveniente além de sua natural suspeição, e é o de reduzir a nada a solução proposta pelo proprio Lalande. Si temos realmente necessidade de appellar para o telepathico, elle é sufficiente para explicar o conjuncto dos phenomenos paramnesicos tanto em sua feição especial quanto na temporal. E si o auctor não tem confiança plena em sua theoria baseada na rapidez das percepções e nas percepções inconscientes, deveria ater-se á telepathia, porque ella, pelo menos, teria o merito de explicar todas as hypotheses imaginaveis.

(1) *Revue philosophique*, 1893, Juillet-Décembre, pag. 495.

Mas a telepathia vem deslocar, e não resolver o problema. Não nos deixemos resvalar nas hypotheses metabiologicas. Acreditemos, como Jules Soury, que não temos necessidade « de nenhuma lei de excepção forjada expressamente para o prazer dos occultistas, dos espiritas e outros ajunctadores de nuvens ».

Captivante como a primeira parte da theoria de Lalande, aquella que não se envolve nos véos do mysterio, é a que nos propõe Fouillée. Este intrepido psychologista imaginou um phenomeno de echo, de repetição interior, ou, melhor, de diplopia no tempo.

« Quando se vê duplo no espaço, assevera elle, é que as duas imagens não se superpõem ; egualmente, quando se vê duplo no tempo é que ha, nos centros cerebraes, uma falta de synergia e de simultaneidade graças á qual as ondulações similares não se confundem inteiramente ; dahi resulta na consciencia uma imagem dupla, uma viva e outra tendo o enfraquecimento da recordação ». E, accrescentando ser impossivel uma explicação completa no estado actual da sciencia, conclue que « a apparencia do familiar prende-se a um certo sentimento de repetição ou de duplicação ».

L. Dugas acceita esse modo de ver e, tornando-o mais claro, exemplifica : « Supponhamos uma sensação ou um grupo de sensações que nada tenha de original. Esta sensação não terá repugnancia alguma a entrar no quadro das sensações anteriores ; é verdade que em razão mesmo de sua banalidade não entrará em um grupo determinado de sensações anteriores ; por outros termos, virá, por si mesma, situar-se *no tempo*, mas não propriamente em *um certo tempo* ; pertencerá ao passado, mas não a tal momento do passado ; será reconhecida mas não localisada ; e creremos tel-a *sonhado* por não podermos determinar quando a vivemos, embora tenhamos a impressão ou a illusão bem nitida de tel-a já vivido ». (1)

Não se conformáram outros psychologos com a theoria que acaba de ser exposta, e, seduzidos pelo interesse de esclarecer esse recanto escuro da psychologia, vieram, como num torneio scientifico, medir armas e habilidade.

Bourdon explica o phenomeno em questão pela confusão da attenção e do reconhecimento ; Lorrain pela exaltação da imaginação deante do similhante, e tambem

(1) *Revue* cit., 1894, Juillet-Décembre, pag. 45.

pela excitação de uma sensação, mechanicamente registrada, mas, até o momento, desconhecida do paramnesico, por se achar fóra de sua consciencia; Biervliet contenta-se com a distracção que concentra o espirito em um circulo estreito de imagens e põe numa penumbra outras imagens.

Tito Vignoli, porém, a meu ver, feriu melhor o alvo, assignalando como causas determinantes da falsa memoria: 1.º o accordamento de imagens mentaes, idéas e sentimentos pela associação; 2.º a rapidez dos processos psychicos; 3.º a faculdade ou poder de construcção de que é dotada a imaginação.

Como se vê, nas explicações anteriores, alguma cousa existe do que agora apparece agrupado na theoria do psychologo italiano. Elle, porém, teve o merito de despir as idéas de inuteis accrescimos que as obscureciam e de approximal-as em fecundo connubio.

Parece-me, entretanto, que alguma cousa é preciso ainda additar para complemento e integralisação da theoria.

Muitas vezes acontece, deante de uma pessoa extranha que passa á distancia, reconhecermos erroneamente um amigo ou um conhecido. Vae a illusão a poncto de,

em alguns casos, não admittirmos contestação.

O que se operou em nossa mente em casos taes? Algum traço da pessoa vista evocou, por associação de similhança, traços da pessoa ausente e a imaginação reconstruiu-a na sua totalidade.

Operação identica se effectua na paramnesia. Uma imagem, uma sensação ou uma idéa evoca, por associação de similhança, outra imagem, outra sensação ou outra idéa que faz parte de um dado grupo de representações mentaes ou de emoções já experimentadas. Esta imagem, sensação ou idéa, assim evocada, chamará, por sua vez, á tona da consciencia, o grupo, a constellação sensacional a que se acha ligada; mas como a associação que serve de base a esse grupo não é forte nem são nitidas as sensações que o compõem, intervem a faculdade constructora da imaginação trazendo um auxilio perigoso á memoria eliminando as differenças e dando como identico o que é apenas accidental e parcialmente similhante.

E' claro que este facto se poderá perfeitamente dar em estado de vigilia como durante o sonho, quando são frequentes os casos de paramnesia. E é digno de nota

que a theoria de Lalande, tinha indeclinavel necessidade de afastar as paramnesias durante o sonho.

Uma outra consideração, que pode ser chamada em apoio da opinião que adopto, é a frequencia preponderante da paramnesia na quadra da juventude, pois que, então, mais vivaz se mostra a phantasia, e, pela debilidade da attenção, menos seguras as representações e mais frageis as associações do espirito.

Dir-se-á, entretanto, que a theoria proposta não dá conta dos phenomenos de previsão indicados por Lalande e outros, como feição assumida, muitas vezes, pela falsa memoria. Mas é bem claro que esse cortejo sibyllino não é o sequito natural da paramnesia.

Intervem ahi visivelmente um phenomeno estranho que se lhe associa, uma allucinação verdadeira ou não que poderá ser suscitada pela paramnesia, mas que não é parte integrante della.

Penso assim e julgarei não estar divorciado da verdade emquanto não encontrar explicação mais clarificadora destas obscuridades psychicas.

Gustavo Le Bon e a psychologia dos povos

Gustavo Le Bon e a psychologia dos povos

I

O pequeno livro de Le Bon, intitulado — *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples* (1) é de uma opulencia de idéas como é raro encontrar num tão exiguo tomo. Tem-se a impressão, ao atravessar-lhe as paginas, falo por mim, de romper, por tenue vereda, um cerrado matagal onde vicejam arvores altanadas, mas das quaes mal se vêem os troncos atravez do tecido das frondes e dos sarmentos. Em tal situação, não é difficil que o espirito desnorteado perca a trilha por onde passou o guia, e soffra a sensação de quem se vai afogar.

(1) Paris, 1894.

Porém, pedindo ao medo energias novas, toma um impulso vigoroso, e, de um arremesso, transpõe a orla do matagal que lhe parecia longinqua, mas que se achava bem proxima.

Foi essa a impressão geral que me deu a leitura do livro de Le Bon. Mas reconheço que taes impressões dependem, não raro, muito mais de condições subjectivas do que do estimulante objectivo. A extraordinaria abundancia de idéas nesta obra se explica em parte, pela vivacidade fortemente accentuada de audacia, que constitue a feição original do talento do estimado escriptor francez, e, em parte, por ser o livro uma condensação forte, uma synthese energica de extensas e bem documentadas monographias, taes como *L'homme et les sociétés*, *Les civilisations de l'Inde*, *La civilisation des arabes*, que assignalaram, a Le Bon, uma posição brilhante na mentalidade franceza contemporanea.

Mas essa abundancia se prejudica, muitas vezes, pela falta de precisão, e, outras tantas, por não se estreitar em poderosos elementos de persuasão que operem a transfusão do pensamento do auctor na mente do leitor. Por certo ha grande cópia de observações originaes; menos, todavia, do que se poderia imaginar pela surprehendente

parcimonia de citações. Le Bon nos diz que desconfia muito dos documentos literarios, «que enganam quasi sempre, e raramente instruem». Elle tem mesmo um methodo seu de estudar a historia, quero dizer, as civilisações. Fecha os livros dos historiadores, dos sociologistas, dos ethnologos, emprehende longas viagens ao oriente e ao occidente, a consultar as impereciveis obras de arte, os lavores pacientes e delicados da estatuaria, os magestosos monumentos da architectura em ruinas, que a humanidade espalhou prodiga, pela vasta superficie do orbe, para a perpetuação das dores que a pungiram, das illusões e dos jubilos que a exaltáram. E' dispendioso, mas não pode deixar de ser fecundo em idéas e, sobretudo, em emoções um tal methodo.

Mas ah! fechados embora, esses livros de nossos antecessores falam continuamente, porque suas idéas se espargiram como um perfume pelas camadas da atmosphera, e porque não é possivel cortarmos os élos infinitos que vinculam o pensamento dos nossos antepassados ao dos nossos contemporaneos. Vêde o livro de Le Bon, tão vigoroso no porte, tão farto de idéas proprias, e, entretanto, aqui e além, sem que sejam evocados os nomes dos pensadores que as

conceberam, surdem affirmações e principios alheios.

São, as vezes, vistas geralmente conhecidas, que já foram assimiladas pelo patrimonio commum, e que, portanto, seria hoje estorvante procurar a fonte de onde primeiro brotáram. São, outras vezes, principios tambem largamente conhecidos, mas de que se fizeram paladinos philosophos determinados. Nesta segunda classe, encontram-se, por exemplo, certos conceitos ou modos de ver de Augusto Comte, de Gumplowicz, de Gabriel Tarde, entre outros, que o egregio auctor assimilou e utilisou, sem julgar necessario recordar os nomes daquelles philosophos, ou por ter alcançado as mesmas noções independentemente de auxilio extranho, ou por julgal-as tão profusamente espalhadas que ocioso seria ainda vir recordar de onde partiram em jacto primeiro.

Não serei longo em comprovar o expendido, porque o meu intento se resume em documentar o asserto de que os espiritos, embora da tempera de Le Bon, muito devem aos que como elles cultivam a sciencia ou especulam sobre a marcha da natureza. E Le Bon não recusa o seu apoio a uma tal affirmação, que se contem na sua theoria dos grandes homens.

Entre as idéas de Augusto Comte que se insinuáram na *Evolution des peuples*, destaco uma que ahi foi collocada como resistente pilar da theoria apresentada por esse notavel estudo. Refiro-me á affirmação de que os mortos governam os vivos do fundo de suas covas, com imperio maior do que imaginam estes, affirmação contra a qual acabo de ler um interessante arrazoado, inedito ainda, (1) de Clodoaldo Freitas. Leiam-se as phrases que passo a transcrever: «E' por seus mortos, muito mais do que por seus vivos, que um povo é conduzido. E' por elles sómente que uma raça se funda. Seculo apoz seculo, creáram elles as nossas idéas e os nossos sentimentos, e, portanto, os moveis todos de nossa conducta. As gerações extinctas não nos impõem sómente sua constituição physica; impõem-nos tambem seus pensamentos. Os mortos são os directores indiscutiveis dos vivos. Nós carregamos o peso de suas faltas, e recebemos a recompensa de suas virtudes.» (2)

Perfeitamente expresso e fortemente pensado. Mas Augusto Comte, como Laffitte,

(1) Depois appareceu o alludido escripto na *Revista Contemporanea*, Recife, 1896.

(2) *Lois psychologiques de l'évolution des peuples*, pag. 15.

Littré, Miguel Lemos ou Teixeira Mendes, não teria duvidado em subscrever esse trecho. Mas, si ha encontros de pensamento entre o fundador do positivismo e o auctor das *Civilisações da India*, do que acabo de dar um exemplo bem proprio a dissolver todas as duvidas, maior é o numero das divergencias, estando a razão, a meu ver, muitas vezes, do lado de Le Bon. Comte, por exemplo, affirmava que o mechanismo social repousa sobre a opinião; Le Bon procura demonstrar com argumentação alongada, embora nem sempre vigorosa, que as idéas sómente actúam sobre a evolução humana, sobre as civilisações, sobre as almas dos povos, depois de « terem descido das regiões moveis do pensamento a essa região estavel e inconsciente dos sentimentos onde se elaboram os motivos de nossas acções.» (1) Augusto Comte acreditava no desdobramento continuo da cultura, no esclarecimento ininterrupto da mentalidade, salvo a contradicção de impor limites previos ás pesquizas da intelligencia e outras cincadas congeneres; Le Bon presume, ao contrario, que os *ricorsi* de Vico traduzem melhor a marcha das civilisações; acha elle

(1) *Op. cit.*, pag. 121.

que as religiões se extinguem e renascem, que os deuses «filhos de nossos sonhos» não se mudam sem transtornarem o mundo que fica á espera de novas divindades. «Por um instante, os céos estão actualmente vazios; só por esse facto o mundo deve mudar-se.»

Desviando um pouco o curso destes pensamentos, deter-me-ei um momento deante de Gumplowicz e de Gabriel Tarde. Para Le Bon, como para o denodado socialista de Gratz, não existem, actualmente, raças puras, sinão entre os selvagens; as raças civilisadas são formações historicas. Para ambos, o alvo das civilisações, francamente descoberto ou embuçado nos ouropeis da cultura e do luxo, é a dominação. Dahi o desdem pelo extrangeiro que ostentam os povos fortes como o inglez, desdem que pode não ser um sentimento de ordem muito superior, sob o poncto de vista philosophico, mas de uma utilidade extrema, sob o poncto de vista da prosperidade de um povo. (1) D'ahi affirmar Le Bon que os mais importantes elementos da civilisação devem ser aquelles que permittem, a um povo,

(1) *Op. cit.*, pag. 60.

subjugar os outros, isto é, as instituições militares. (1)

Para mostrar o progresso das idéas, soccorre-se Le Bon, entre outros factores, ao da imitação, ao do contagio. «Desde que o mechanismo do contagio intervem, diz elle, a idéa entra na phase que a conduz forçosamente ao successo (pag. 125), porque a imitação é uma faculdade infinitamente espalhada entre os homens, e porque uma immensa maioria de cerebros acceitam, sem discussão, as idéas completamente feitas que lhes fornece a opinião, e que a educação lhes transmitte.» Sem os detalhes eruditos e as interessantes applicações philosophicas com que Tarde construiu um dos mais bellos fragmentos da philosophia contemporanea, eis ahi, em dois traços, a sua theoria.

O autodidacticismo, como o imaginou Ibm Tofail, não pode transpor a região dos sonhos. Na vida social, os influxos reciprocos se entrecruzam bastos, e é de todo inutil tentar fazer ouvido surdo ao ruido que sobe das forjas do pensamento humano.

---

(1) *Op. cit.*, pag. 82.

II

A humanidade divide-se, naturalmente, em raças, que se distribuem por classes, affirma Le Bon: a classe das raças primitivas, sem traço algum de cultura, como os fogueanos e australianos; a das raças inferiores representadas, sobretudo, pelos negros que são capazes sómente de rudimentos de civilisação; as raças medias como os chinezes, os japonezes, os povos semiticos, que, como os assyrios, creáram typos de civilisação excedidos sómente pelos europeus; finalmente, os superiores, comprehendendo os hindús, os gregos, os romanos e os europeus actuaes com suas prolações americanas. (1)

Dessa classificação não haveria o que dizer, si não visasse ella mais do que a uma distribuição dos povos segundo o seu gráu de cultura. Porém outro pensamento encerra-se ahi, sem duvida mais valioso para o escriptor. Pretende-se affirmar que ha typos diversos de civilisação, e que povos existem incapazes de cultura. E' uma

(1) *Op. cit.*, pag. 27-28.

observação exacta, que já fóra anteriormente feita por Buckle. Mas dessa affirmação como premissa verdadeira, deduz Le Bon uma conclusão, pelo menos, precipitada: — pois que a humanidade dispersa em raças de caracteres fundamentalmente dissimiles, não ha uma civilisação, mas civilisações differentes, desligadas entre si, tendentes para alvos differentes. «As raças possuem caracteres psychologicos quasi tão fixos quanto os caracteres physicos.» (1) A associação desses caracteres forma a constituição mental de cada raça, sua alma, seu caracter essencial. E' a acquisição de «uma alma collectiva solidamente constituida que marca, para um povo, o apogeu de sua grandeza.» Mas essa acquisição gloriosa faz com que «a expressão de certos modos de sentir e de pensar, especiaes a esse povo, não se possam transmittir a povos de constituição differente.» (2) Só as raças energicas é que podem engendrar civilisações; mas a transplantação desses inestimaveis acquestos é sempre difficil, muitas vezes impossivel. Um exemplo frisante dessa incapacidade no enxerto de civilisações de raça potente a

(1) *Op. cit.*, pag. 167-169.

(2) *Op. cit.*, pag. 168.

raça approximadamente egual está na importação da arte grega na India, onde a sua apparição em breve foi seguida de completa desapparição.

Mas, occorre logo ponderar, si a India não poude assimilar o pensamento grego, poude-o uma outra população não menos vigorosa, a romana, puderam-no os povos occidentaes que se acham no alto da pyramide cultural humana. E, no emtanto, parece que foi outra a razão do fenecimento das idéas importadas da Grecia pela India. Antes é acreditavel que a lucta entre a corrente de idéas extrangeiras e a corrente de idéas autochtones se não tivesse estabelecido em condições vantajosas á primeira.

O que, porém, é mais importante affirmar contra a doutrina de Le Bon, é que o conhecimento da historia demonstra, á saciedade, o elo de filiação que prende a civilisação dos antigos á dos modernos, e que as grandes culturas nasceram sempre do connubio de povos differentes, do influxo recebido de raças extranhas. Os povos eleitos, que são os povos de grandes energias, recebem o legado de cultura deixado por seus antecessores, desenvolvem-no tanto quanto lhes permittem suas forças, accrestam-no com as creações proprias, e cedem-no

transformado aos rebentos ethnicos de mais viço que lhes vêm tomar o posto na direcção da civilisação.

A religião, a philosophia, o direito, as artes dos povos occidentaes, si devem muitissimo á constituição mental algo dissimilhante, de francezes, allemães, inglezes, italianos, não é menos verdade que são formas de pensamento transmittidas por herança e cujas origens se podem aponctar, a despeito das successivas remodelações soffridas. Não é certo que o christianismo surgiu do contacto dos semitas com os aryanos, e veio, depois, servir de elemento poderoso e vasto da civilisação moderna? Não é verdade que recebemos a philosophia e a sciencia dos gregos por intermedio dos romanos, dos alexandrinos e arabes, e que sobre ellas se apoiáram a sciencia e a philosophia dos modernos, para erguer mais amplas e mais altas construcções ? E não é certo que esses mesmos gregos tão deslumbrantemente cultos, por egual peritos no manejo do escopro, da especulação philosophica, da investigação scientifica e da dialectica subtil, apprenderam os rudimentos dessas disciplinas do espirito com os egypcios, os assyrios, os babylonios e os phenicios?

Já não quero falar das instituições juridicas, cujo encadeiamento é manifesto, a começar dos aryas primitivos, atravez de hellenos, romanos e germanos, até os povos que actualmente habitam o occidente da Europa e as duas Americas, pois que ahi a evidencia inhibe a discussão, e, além disso, não me apraz retomar, agora, um assumpto que, mais de uma vez, tive occasião de explanar.

E' certo que muitos povos se têm revelado impotentes para transpor um certo ambito de expansão, e que outros, depois de exercerem a sua funcção de guias da humanidade, volveram á obscuridade em que se submergiram afinal combalidos pelo exgottamento. Mas, porque morrem soldados na batalha, e porque outros não chegam a tomar parte no conflicto, devemos dizer que a victoria não foi alcançada? Os arabes não conseguiram egualar os europeus em cultura, e o caracter de sua civilisação é differente da dos povos occidentaes; mas foram esses mesmos arabes que salváram a philosophia grega do desmoronamento da civilisação antiga, impediram-na de ficar soterrada sob os escombros do mundo greco-latino que se esboroára, e vieram offerecel-a ao mundo moderno.

Nesse exemplo, vê-se a possibilidade da transplantação de idéas, de umas para outras raças, embora dissimilhantes pelos caracteres anatomicos e psychicos, e, ao mesmo tempo, constata-se, mais uma vez, que é da combinação de esforços e producções de origem differentes que se argamassa a cultura humana.

III

Como acaba de ser visto, a theoria de Le Bon repousa sobre o conceito de raça, como a de Gumplowicz. E, para ambos, para o sociologo de Gratz como para o scientista francez, as raças actuaes, entre os povos cultos, são artificiaes, porque são formações historicas, « creadas pelo acaso das conquistas, das immigrações, da politica. »

Mas Le Bon, para classificar as raças, recorre aos caracteres psychicos antes do que aos anatomicos. Desde que um povo, assimilando elementos ethnicos de origens differentes, consegue fusional-os em um todo psychologicamente homogeneo, porque são communs as crenças de todos, communs os interesses, communs os sentimentos, adquiriu uma alma, o que quer dizer, tem a energia

e os materiaes sufficientes para affirmar uma civilisação propria.

O mesmo dir-se-á de uma raça e de uma especie psychologicas, as quaes são agglomerações de povos, ia quasi dizendo syngeneticos para usar de uma expressão querida de Gumplowicz. Mas convem dizer que, entre essas diversas formações sociodynamicas, não traça limites o escriptor francez. Povo, raça ou especie, tem qualquer dessas agremiações de individuos caracteres fundamentaes irreductiveis, em torno dos quaes se agrupam caracteres accessorios modificaveis, o que nos dá a illusão de transformações e de adaptações sociaes; a parte permanente, irreductivel é a do caracter, a parte movel, cambiante é a da intelligencia. « Uma das principaes consequencias da civilisação, conclue Le Bon, é, de uma parte, differenciar as raças pelo trabalho intellectual, cada dia mais consideravel, que ella impõe aos povos chegados a um elevado grau de cultura, e, de outra parte, differenciar, de mais em mais, as diversas camadas de que se compõe cada povo civilisado. » (1) Sem demorar-me em descobrir os ponctos fracos e as observações verdadeiras que envolve essa

(1) *Op. cit.*, pag. 38.

theoria, tão a vista me parecem, examinarei como, no pensar do emerito escriptor, se formam as raças, porque encravou elle ahi uma questão que nos interessa de bem perto, a nós brazileiros: a da mestiçagem.

«Diversas condições são necessarias (lê-se á pag. 46 do livro sobre o qual rascunho estas glossas) para que se fusionem raças para a formação de outra mais ou menos homogenea. A primeira dessas condições é que as raças submettidas ao cruzamento não sejam muito deseguaes em numero; a segunda, que não diffiram muito em seus caracteres; a terceira, que sejam submettidas, durante muito tempo, a condições de meio identicas.»

Contra a primeira e a terceira das condições indicadas, nada vejo que oppor. Julgo-as indiscutiveis. Não assim, porém, a segunda. Sem duvida, reconhece Le Bon, raças muito diversas se podem cruzar. A preta e a branca o têm feito mais de uma vez para que possamos negal-o. Mas «os mestiços que d'ahi resultam constituem uma população muito inferior aos productos de onde se origina, e completamente incapaz de crear ou, mesmo, de continuar uma civilisação.»

Exemplo frisante para a comprovação do affirmado é o Brazil «votado perpetuamente

á anarchia, a menos que não seja dominado por mão de ferro.» (pag. 47) Com certeza, não conhece a historia brazileira quem escreve sentenças taes.

Mas Agassiz, que percorreu o Brazil, disse que o mestiço brazileiro perdeu as melhores qualidades do branco, do preto e do indio, e constitue um typo indescriptivel de energia physica tão enfraquecida quanto a mental... E sobre essa proposição exclusivamente se baseou o escriptor francez, para nos ferir de perpetua incapacidade!... Não mais felizes fôram os nossos visinhos da America meridional, mesmo os argentinos, aliás não sendo dos que mais se afundam na decadencia moral. Em Buenos-Aires, é impossivel habitar «quem quer que tenha alguma delicadeza de consciencia e alguma moralidade.» (pag. 66)

O Brazil fazia excepção a esse profundo desmantelamento, graças á monarchia que, «muito liberal para essas raças sem energia e sem vontade», teve de succumbir e entregar o paiz ao anarchismo.

Palpáram bem a contradicção manifesta que se contem nesta apreciação leviana? O mesmo pensador que nos dá como lei da evolução social dos povos a quasi inocuidade das formas de governo, que nos diz,

com seus proprios termos, «que não são as circumstancias exteriores, e, ainda menos, as instituições politicas, que exercem um papel fundamental na historia de um povo» (pag. 168), e sim o seu caracter, vem dizer-nos que a monarchia teve a virtude de salvar o Brazil da anarchia temerosa em que se atafulham os povos hispano-americanos!... E' pasmoso, principalmente para quem, poucas paginas antes, havia affirmado quadradamente a nossa inconsistencia moral e a nossa miseria intellectual, baseado em Agassiz, que por aqui esteve em pleno dominio monarchico.

Ainda mais, si é necessario o recurso da *mão de ferro* para nos afastar da anarchia, como poude conseguil-o, no dizer de Le Bon, essa monarchia em excesso liberal?

Não comprehendo cincadas deste jaez em um escriptor grave como Le Bon, si não explical-as pela cegueira doutrinaria que tudo obscurece, excepto a brecha estreita por onde se côa a luz da doutrina preferida.

E porque na combinação metachimica em que se fundem as raças se hão de perder, forçosamente, as qualidades sãs e elevadas, sobrenadando, exclusivamente, os elementos maus e grosseiros, si não se aponctam energias antitheticas que destruam

aquellas e façam subsistir estes? Não nos diz o escriptor francez. Ha de permittir que não acreditemos no que diz sómente sob palavra.

Buckle nos havia condemnado á nullidade perpetua, em virtude do meio physico, que elle, aliás, conhecia mal, por informações ainda exageradas e obscurecidas pela surpreza dos primeiros exploradores.

Le Bon não aponcta essa acção deprimente do meio, porque julga inapreciavel, insignificante toda sorte de factores physicos. O inglez nas Ilhas Britanicas, na America, no Cabo ou na Australia, é sempre o mesmo, sem que o habitaculo differente consiga modifical-o, ao de leve que seja. Mas, si Le Bon, por amor de sua doutrina não acredita que a grandiosidade da natureza tropical nos esmague e anniquile, mais funda nos aponcta a miseria pela dissolução consequente da mestiçagem. No emtanto esta mestiçagem tem permittido incontestaveis aptidões intellectuaes, mesmo quando elementos da raça preta ou vermelha se fazem fortemente sentir na coloração da cutis. Entre os nossos homens de letras, artistas e politicos de nota quantos são os brancos puros ? Quem os conhece sabe que poderoso cabedal

espiritual devemos a mestiços reconhecidamente taes. (1)

E, quanto á pretendida anarchia em que se engolphou o Brazil, apoz a proclamação da Republica, sómente quem não meditou sobre a historia dos povos poderá attribuil-a, seja á nova forma de governo, seja á malsinada mestiçagem. Sempre que a sociedade se desloca de um regimen para outro, abala-se, convulsiona-se, ás vezes de um modo atroz para os contemporaneos. O caso mais notavel e o mais eloquente desse phenomeno tem-no a França na sua revolução de oitenta e nove, a França onde não se cruzam as raças inferiores que aqui no Brazil fizeram connubio. E essa monarchia, *trop libérale pour ces races sans énergie et sans volonté*, sentiu convulsões muito mais violentas abalarem o organismo nacional do que as que tem presenciado a Republica. De 1822 a 1848, tivemos um tumultuar continuo de revoltas e motins, até que, contendo-se no canal traçado, deslisou a sociedade em quietação, emquanto recobrava alentos novos para experimentar uma forma de governo

(1) Lembremos sómente os nomes de Gonçalves Dias, entre os poetas, de Tobias Barreto, entre os juristas-philosophos, de Cotegipe, entre os estadistas.

de maior amplitude. Esta nova forma de governo ainda não funcciona a contento, porque ainda não poude ser applicada em sua pureza, mas é preciso não ter olhos para não ver, atravez de todas essas agitações e desvios, os estos potentes da vida nacional que surde e borbota no dominio intellectual e no economico, brilhante de promessas e já produzindo os primeiros fructos, apezar do militarismo e apezar do cambio. E é preciso desconhecer a historia brazileira para aventurar confrontos entre a monarchia que se desfez a um sopro dos quarteis, no momento em que o cambio estava ao par, e a Republica que ensaia estabelecer-se nesse paúl mal soterrado ainda. Que Le Bon o faça, porque prefere ler os *livros de pedra* (que nós não temos) aos de papel, concebe-se; mas que pretendam brazileiros embocar a tuba dos dithyrambos, é esquisito.

IV

A falsidade da theoria leboniana irrompe por todos os póros e por todas as junctu-ras. Na raça tem valor sómente o caracter; a intelligencia é mais do que um trambolho, chega a ser o mais poderoso elemento de

ruina. « Os povos morrem, desde que se alteram suas qualidades de caracter que formam a trama de sua alma, e essas qualidades se alteram, desde que se engrandecem a sua civilisação e a sua intelligencia. » Que exultem os hottentotes e se lamentem os francezes...

Na evolução social, só entra em linha de conta a raça, a hereditariedade; o meio kosmico é posto á margem á moda positivista. Tendemos hoje para o esphacelamento das nacionalidades, para o predominio mais forte do Estado, e para novas religiões que se annunciam pelo mysticismo, pois que *l'histoire tourne toujours dans le même cercle*.

E' desanimadora uma tal doutrina pelas suas conclusões. O que vale é que as premissas são phantasias polvilhadas apenas com algumas observações exactas.

Não era possivel que, por esse methodo, alcançasse Le Bon a ventura de descobrir as *leis psychologicas da evolução dos povos*. (1)

---

(1) Publicado na *Revista Brazileira*, Rio de Janeiro, tomo V, 1896, pag. 329 e segs.

A concepção da sociologia em Gumplowicz

A concepção da sociologia em Gumplowicz (1)

I

A construcção de uma sciencia parece tarefa demasiadamente vasta para ser iniciada e concluida dentro dos apertados limites de um seculo. Realmente que valem cem annos na vida eterna dos mundos, e na orbita incommensuravel que vem descrevendo a intelligencia humana, desde que o primeiro pensamento abriu em flôr no rude cerebro dos primitivos representantes da especie hominal, orbita de traçado irregular e cuja orientação ainda não foi possivel determinar com segurança? Um epicyclo

(1) Foi este artigo publicado na *Revista contemporanea*, do Recife, n. 23 de 15 de Dezembro de 1895.

imperceptivel, uma curva inapreciavel dentro desse circulo maximo que traça a evolução mental humana.

Entretanto, entre a concepção ousada que primeiro affirmou a possibilidade de reduzir a leis uniformes as manifestações de uma dada ordem de phenomenos e a que vem depois systematisar as observações colhidas, num corpo de doutrina expurgado e firme, quantas gerações não passam atormentadas pela duvida e pelo anceio de empolgar a verdade fugitiva, quantos dramas se não desenvolvem na face da terra, quantos imperios, ás vezes, não surgem e se esbarrondam?!...

Não nos admiremos, portanto, de que o seculo XIX não tenha podido legar aos pensadores dos seculos futuros, a solução definitiva do problema sociologico. Ao enfrentar o temeroso problema, encontrou elle valiosos materiaes. De um lado eram os extraordinarios desenvolvimentos das sciencias physicas e biologicas que, aclarando os horizontes e augmentando o cabedal da experiencia, offereciam, ao investigador moderno, vantagens inestimaveis. Por outro lado, eram as tentativas de Vico, as abordagens de Montesquieu, Herder, Kant, Condorcet e outros espiritos selectos, que faziam entrever vastas

regiões solicitando a fecundação da sciencia. Mas, não obstante, o emprehendimento era muito grandioso para ser levado ao termo em um tracto de tempo tão limitado. Lembremo-nos de quantos centenares de annos medeiáram entre Hypocrates e Bichat. E a biologia não é certamente uma sciencia tão complexa quanto a sociologia.

O problema biologico teve de esperar até que se firmassem muitas verdades em outros dominios, das quaes elle dependia irrecusavelmente, para então ter a conveniente solução. A sociologia egualmente deve a lentidão com que vai marchando, em parte, á deficiencia de ponctos de apoio sobre os quaes tem necessariamente de repousar. E sabe-se que a psychologia experimental, para não falar senão desta, ainda não conseguiu explorar convenientemente muitos dos dominios que lhe cumpre avassalar para ser uma sciencia em periodo de constituição definitiva. Ainda se mantem na phase da elaboração ao menos em algum de seus departamentos. E é justamente desses que mais necessita a sociologia.

São attenuantes essas que devem ser consideradas em favor dos philosophos que tomáram sobre os hombros a pesada e gloriosa empreza de arrancar, das entranhas

do desconhecido, o principio e a força que agitam e fazem rolar eternamente a irrequieta humanidade, pela superficie do planeta terreno, em demanda de um ideal que se não define ou se transforma incessantemente, movel no horizonte do espirito, ás vezes radiante e tão proximo que o homem, ensoberbecido, julga empolgal-o só com o extender a mão, outras, tão distante, tão sumido na immensidade, que a mente vacilla, desvaira, sossobra.

São attenuantes, é certo, e não devem ser olvidadas. Porém não é menos certo que nenhum dos nossos sociologos contemporaneos conseguiu entranhar-se pelo filão principal do minerio cuja exploração emprehendeu. E, por isso, nenhum fez ainda eschola, agremiando, em torno de certos dogmas fundamentaes, um grupo de intelligencias poderosas e fecundas que proseguissem na senda encetada, aprofundando as verdades obtidas e dellas tirando todas as naturaes consequencias. Augusto Comte concebeu a sociologia por um modo que foi repudiado por Spencer; Buckle apresentou vistas que differem das de Schaefle; Lilienfeld diverge de Gumplowicz, como diverge de Tarde, Novicow ou Durkheim. Cada qual, tendo um poncto de vista seu, pouco aproveitando

do contingente de observações reunido por seus antecessores, vai abrindo uma trilha nova que, como as outras, corre o risco de ficar em olvido, á similhança de um caminho traçado sobre os areiaes ondeantes do Sahara.

Esse modo de proceder tem sido origem de muitas das decepções soffridas no dominio da sciencia social. A elle devemos egualmente attribuir a infelicidade do novo livro de Gumplowicz, *Lucta das Raças*—que acabo de ler por uma traducção franceza.

Como haviam falhado as tentativas de outros sociologos, entendeu o illustre professor de Gratz que nos livros de todos elles nada havia mais que retraço inaproveitavel e que era preciso não só assentar a sciencia sobre bases novas, como egualmente ter por não existentes todas as observações, todos os modos de ver antes delle apresentados. Mas como suppor que tão fecundos engenhos só tenham alcançado em suas extenuantes lucubrações um amontoado de erros ou de cousas inuteis! Comprehende-se que hajam errado, mas é difficil que não fizessem, ao menos, algumas observações exactas. E esta é justamente a verdade para elles como para o escriptor da *Lucta das Raças*, livro onde, a par de uma concepção

acanhada do problema sociologico, penso eu, se deparam muitos golpes de vista engenhosos e dignos de serem enceleirados entre as conquistas da intelligencia humana.

II

O intrepido sociologo devera ter inscripto na folha de rosto de seu novo livro—*Lucta das Raças*, o distico que lhe veio á mente mais de uma vez no correr de sua composição: *eadem sed aliter*. O pensamento capital da obra de Gumplowicz, e o modo porque a seu ver se transformam as agremiações sociaes, encontram, nessa formula, uma traducção fiel. Ainda ella é perfeitamente exacta e justa para synthetisar um juizo sobre a theoria desse livro suggestivo e bellicoso, embora o auctor nol-a dê como uma feliz descoberta realisada num dominio que outros infructiferamente esquadrinháram e revolveram.

As mesmas cousas por formas diversas: — *eadem sed aliter*. Esta é, por certo, a affirmação que sobrenada no choque das idéas que remoinham no livro de Gumplowicz; esta é a rispida verdade com que a

critica lhe poderá embargar o passo, na pretenção de ter aberto uma trilha nova, que vae em rumo certo á crypta onde se escondera, até hoje, a decifração do enigma sociologico.

Si o leitor quizer acompanhar-me na apreciação ligeira que vou fazendo deste novo ensaio sociologico, convencer-se-á de que não poderia eu deparar com um conceito mais frisantemente preciso para caracterisar a theoria de que elle é portador e o modo por que foi elle confeccionado do que essa phrase: *eadem sed aliter*.

Embora não seja um sectario orthodoxo do darwinismo, o sociologo de Gratz faz em seu livro actual, como em outros anteriores, uma applicação do principio darwinico da lucta, á vida das sociedades. O *Kampf um Herrschaft*, a lucta pela dominação das raças, é o poncto central da doutrina, a *vis movens* da evolução social e, o que mais é, a teleologia unica observavel nesse torvelinho em que se precipitam e se esmagam os grupos sociaes. Em verdade, o darwinismo em suas vastas e surprehendentes applicações á biologia, á linguistica, mesmo ao direito, havia dado plena satisfação á curiosidade dos espiritos sedentos por um principio que

descobrisse a trama da unidade fundamental da natureza por elles presentida, mas sempre encoberta sob variedade infinita das formas. Era natural que tambem neste terreno escarninho da historia, da coexistencia humana, fossem experimentadas as virtudes da fecunda doutrina de Darwin. Assim o comprehendeu tambem Gumplowicz; mas por um modo incontestavelmente seu, porque elle tem, para seu uso, uma variante do darwinismo.

Desta applicação dos principios da lucta e da selecção á vida da humanidade dispersa em agrupamentos ethnicos ou sociologicos, resulta, segundo o pensar do escriptor austriaco, que a divisão do trabalho humano, no seio dessas conglomerações de grupos de povos, é regulada pela superioridade da força, pelo direito dos vencedores, de tal modo que sempre as occupações inferiores e mais pesadas caibam aos dominados, emquanto que os misteres superiores, mais leves e mais nobres (commando e administração por exemplo) sejam o apanagio dos dominadores felizes. (1) Esta divisão do trabalho indica-nos claramente que se operou a fusão e a assimilação dos elementos ethnicos heterogeneos

(1) *La lucte des races*, pag. 235.

que luctáram um momento pela dominação, tendo um afinal succumbido. Mas os vencidos, não se resignando com a derrota e ainda menos com a degradação social que lhes impõe o vencedor, continuam as hostilidades. O combate sangrento, o duello de morte, ferido á luz do dia, se transforma em lucta mais insidiosa, menos apparente, porém não menos tenaz, não menos inexoravel. O odio ao extrangeiro e o sentimento de benevolencia para com os que pertencem no mesmo bando, ao mesmo grupo, sentimento a que o auctor dá o nome de syngenismo, mantêm ambos sua plena energia; mas sob novas formas, que hão de, por sua vez, ser abandonadas, quando as circumstancias assim o exigirem.

E' do jogo dessas duas forças, desses dois sentimentos que mergulham suas radiculas nas camadas mais profundas do organismo individual e da vida da especie humana, que surgem os estos deseguaes do movimento social.

Esta é a doutrina de Gumplowicz condensada em linhas fugitivas, porém que supponho sufficientes para traçar-lhe os contornos geraes bem accentuadamente. Creio que ninguem deixará de reconhecer que essas proposições em que vae aqui synthetisada

a theoria exposta na *Lucta das Raças*, encerram uma somma consideravel de verdades, traduzindo aspectos reaes dos acontecimentos, modalidades exactas da vida dos povos. Mas, ao mesmo tempo, será preciso estar hypnotisado pelo tom de convicção com que fala o escriptor de Gratz, para não ver-se que essa theoria é insufficiente, e que, em algumas de suas partes essenciaes não é mais do que o renascimento de concepções dualistas abandonadas ao olvido em que se diluem as concepções imprestaveis.

Essa antithese entre o odio ao extrangeiro e a sympathia pelos consortes não lembra a conhecida antithese entre a *philia* e o *neikos*, da qual fazia Empedocles proceder o movimento e a vida de todo o universo? E afinal em que nos esclarece esse dualismo que é, em ultima analyse, uma feição das variadas explicações anthropomorphicas dos phenomenos naturaes? Esses sentimentos a que allude Gumplowicz são reaes, mas, por si sómente, não explicam a vida das aggremiações sociaes, além de que me parece innegavel que o syngenismo, acceitemos a neologia, se distende quotidianamente, transformando-se, pouco a pouco, em solidariedade humana, ao passo que vae

perdendo sua força, seu poder impulsivo ou, pelo menos, restringindo seu campo de acção, o odio ao extranho. A lucta, si subsiste hoje ainda entre os grupos ethnicos ou entre os grupos syngeneticos, é mais real e mais preponderante entre as classes sociaes, entre capitalistas, industriaes e grandes proprietarios, por um lado, e trabalhadores de todo o genero, por outro; entre os commerciantes, que exploram as necessidades e a ingenuidade dos consumidores, e estes, que procuram, não raro, fugir ás obrigações contrahidas; entre governantes e governados, entre fracos e humildes de todas as classes e os prepotentes e poderosos de qualquer padrão. Esse combate, que se fere todas as horas e em toda a linha em que se abarracou a humanidade culta, é, muitas vezes, intransigente e salpicado de crueldades, acirrado pelas paixões, mas, outras vezes, não passa de um simples condimento para estimular a emulação, sem odios e sem desvarios. E me parece inadmissivel que as classes sociaes dos povos modernos tenham, como pensa Gumplowicz, alguma relação genetica com as raças vencidas e vencedoras no conflicto vital. Entre nós, por exemplo, a raça que afinal dominou o solo é uma fusão dos tres elementos ethnicos principaes

aqui derramados, no qual, porém, si o typo, aryano preponderou, se notam pronunciadas sympathias pelo typo americano e principalmente pela forma composita que surgiu da immixtão. No brazileiro ha maior quantidade de sangue branco do que caboclo e negro, mas os sentimentos hostis das duas raças vencidas se infiltráram em nossa consciencia tenazmente, de modo que só hoje vae sendo de todo eliminado. E, por outro lado, as classes em que se divide a sociedade brazileira não correspondem absolutamente ás raças em conflicto, as quaes, se fusionando, se derramáram indistinctamente por todos os misteres ou por quasi todos.

III

Vê-se pelas indicações que acabam de ser fornecidas, que o conceito de raça é capital na doutrina de Gumplowicz e que delle depende o alcance e o futuro de sua sociologia. Realmente, a *Lucta das Raças* offerece um conceito novo de raça, conceito adequado talvez aos fins a que visa a obra, porém vago, e a que não corresponde um objecto preciso e fixo, uma vez que não ha raças puras na actualidade, salvo alguma

tribu selvagem, ainda virgem de contacto extranho, de cuja existencia, aliás, devemos duvidar.

Para Gumplowicz, a raça é uma formação instavel, que toma a orientação de um grupo ethnico preponderante, que assimila successivamente outros grupos dominados por uma especie de intussuscepção social, porém que, por sua vez, tem de ser attrahida, subjugada e devorada por outra formação mais forte, mais resistente. E, assim, a historia humana, apanhada em seu conjunto, é simplesmente esse combate sem treguas e sem commiseração travado entre grupos sociaes para o fim unico da dominação que os convulsiona e lhes aguça a fome devorante.

As grandes nações, que encheram a antiguidade com o brilho de seus feitos e o primor de suas obras, se constituiram pela dominação de uma tribu sobre outras. Depois de construidas, continúa a pugna, não mais entre miseras tribus indigentes, porém entre povos nascidos da assimilação dellas. O Egypto, victorioso e engrandecido pela coragem de seus pharaós e pela pertinacia de seus sacerdotes, sente-se ferido pela decrepitude e cede o passo á Babylonia que o domina e se apodera do thesouro da sua cultura. Mas logo surge a Assyria que

arrebata de seu rival o sceptro do mundo, para deixal-o logo depois cahir nas mãos do persa vencedor. E vêm outros povos, mais novos e mais energicos; a Media, a Grecia, a Macedonia, Roma, todos successivamente engrandecidos, prepotentes, gloriosos, e todos fatalmente decadentes, arruinados, vencidos. E, assim, eternamente se reproduziram, e se reproduzirão, na vida humana, os mesmos factos, como estribilhos de uma canção sem remate, e cuja lettra ninguem entende. Já Lucrecio, no poema que Mommsen compara a uma *torrente de ouro fluido*, dissera, encarando o curso lento da vida universal: *eadem sunt semper omnia... semper omnia restant.*

E não é sómente em seu aspecto externo, na formação dos grupos sociaes que a lucta perpetua das raças é esteril na sua inutilidade. Tambem no dominio eterno da mentalidade e do sentimento, não ha progresso nem regresso, avanço nem recuo. O espirito humano, segundo essa concepção desalentadora, poderia ser comparado a um pendulo em oscillação eterna, passando alternadamente da religião á sciencia, enojado de uma quando a outra o illude.

Citarei palavras do auctor, para não desfigurar seu pensamento: « Todo poncto superior alcançado, aqui e além, por algumas

cabeças, foi anteriormente attingido, em todas as epochas, por individuos isolados (pag. 346). A sciencia moderna, os pensadores de nosso atribulado seculo, nada acháram, nada exploram que não tivesse anteriormente sido encontrado e estudado por Confucio, por Budha, pelos redactores da Biblia e... por Aristoteles.» Não sei por que extranhos processos de associação mental vinculáram-se as interpretações theologicas dos fundadores de religiões a que se allude, com a interpretação scientifica do grande e austero pensador helleno, sem que ficasse patente que a ultima é um progresso sobre as primeiras que, deante della, desmaiáram como etapas vencidas de um caminho por onde seguimos, mas por onde não esperamos voltar.

Mais extraordinario é que não tenha levado o auctor as applicações de seu principio até suas consequencias extremas, como deviamos esperar de um espirito intemerato e desembaraçado de quaesquer preconceitos. Si não ha progresso nem regresso, si os livros de Spencer (1) valem os de Confucio,

(1) Gumplowicz não fala de Spencer em sua obra, o que é por demais extranhavel, tendo elle passado em revista quasi todo os sociologos.

como synthese de uma concepção exacta das leis que presidem á vida universal, a que vem mais uma interpretação das transformações sociaes, do viver humano? O que temos já é sufficiente, já é demais até, visto como nada significa nem podia significar.

E tanto maior motivo tinha o illustre escriptor para suspeitar de que estava se esforçando inutilmente por descobrir a verdade quando é certo egualmente que elle faz algumas vezes appello ao acaso para a explicação (?) de phenomenos naturaes, o que é contrario, como o que mais fôr, ao espirito scientifico. A sciencia pode estacar deante do incognoscivel, deante do impenetravel, mas nunca affirmar que algum phenomeno é devido ao simples acaso porque, então, terá minado todo o edificio que desde longos seculos vem construindo.

Mas Gumplowicz não é espirito para escrever jeremiadas a Tolstoi contra as pretenções da sciencia. Amoldado pela sciencia, á qual tem dedicado demoradas horas de afadigoso estudo, tem apenas irritações de uma intelligencia que não vê coroadas de exito completo os esforços empregados no intuito de solver um enigma da natureza. Em paginas mais placidas, quando o impulsiona o ardor pela conquista da verdade

esquiva, vemol-o affirmar suas convicções de sabio e a certeza de que a intelligencia alcançará um dia a explicação do obscuro problema. São contradicções inevitaveis, e que devem ser postas em relevo, em proveito do auctor e desproveito de sua theoria.

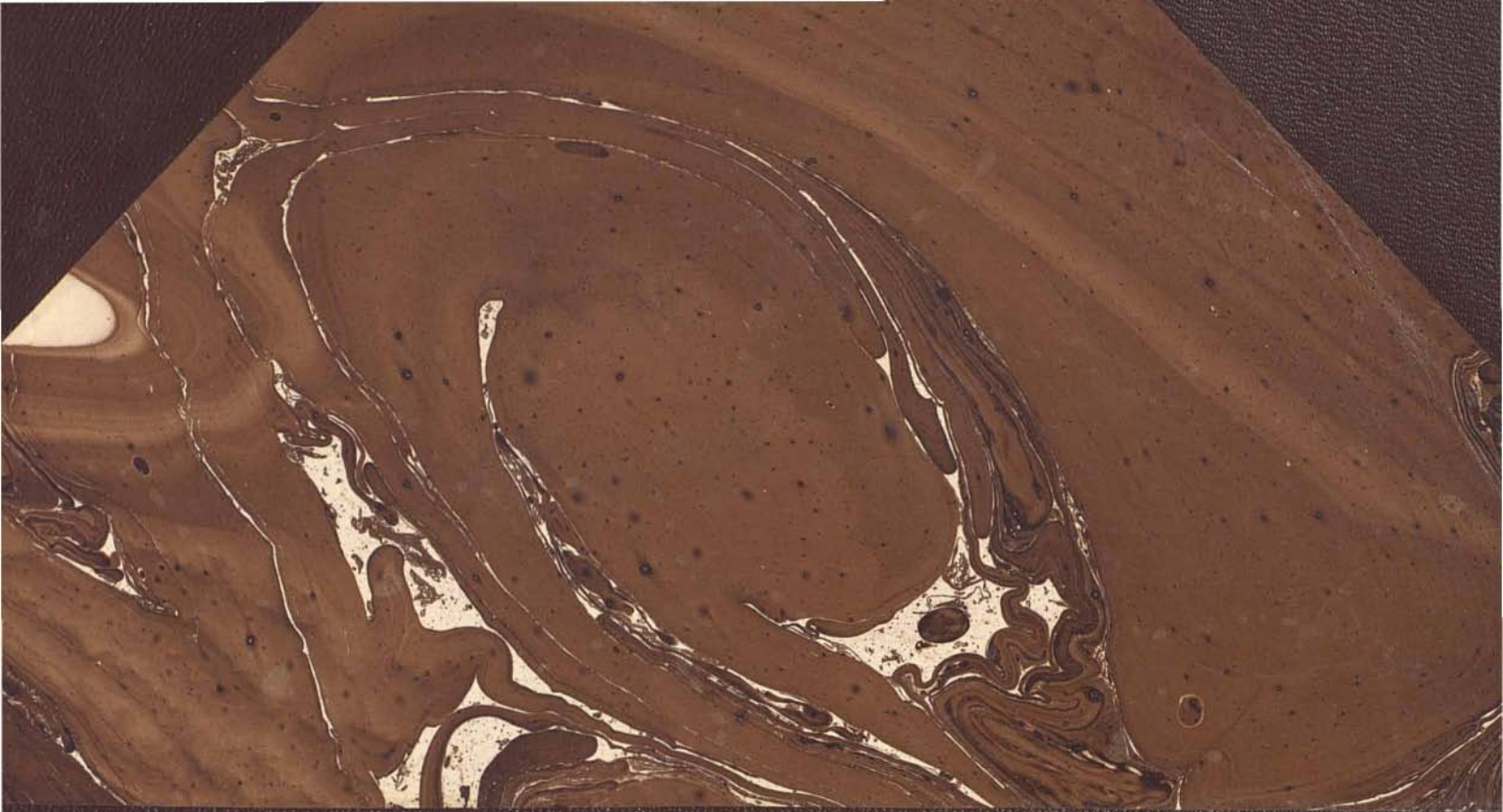
Essa theoria mesma envolve uma contradicção fundamental. A lucta das raças, reforçada pelo syngenismo e mantida pelo odio ao extranho é a lei primordial do desenvolvimento da sociedade. Este é o thema em torno do qual foram tecidas as phrases todas do livro que analyso. Mas, apezar dessa lucta e mesmo por causa della, a historia da humanidade se nos apresenta como «um processo continuo de assimilação de elementos heterogeneos» (pag. 183). Ora, com a continuação, essa assimilação, esse amalgama de elementos primitivamente heterogeneos que transporta a lucta, das hordas para as nações, das nações para os grupos de povos, assimilará um dia os povos de um continente e mais tarde, provavelmente pela força expansiva de que é dotado o principio, formará de todos os povos da terra uma aggremiação syngenetica. E, alcançado esse resultado, que está perfeitamente dentro dos termos postulados pela doutrina, teremos necessidade de outro principio para

explicar os factos ulteriores ou seja o proseguimento da evolução ou o desmantelamento da engrenagem sociergica, se me é facultado resuscitar este neologismo de Littré.

De tudo isso que tenho exposto, extráio uma conclusão:—Ainda uma vez o alvo foi perdido nas investigações sociologicas. Levantáram-se verdades secundarias, accentuaram-se traçados mal esboçados, mas o poncto central da questão continúa impenetravel. A *Lucta das Raças* constitue mais uma tentativa frustrada para a constituição da sociologia; porém, apezar de tudo, adeantou mais alguns passos nessa direcção. Não foi um livro inutil, portanto.

9/0020

INDICE

	Pags.
Introducção de Araripe Junior	V
Prefacio do auctor	LV
Notas de tangencia pela philosophia	3
Repercussão do pensamento philosophico sobre a mentalidade brazileira	15
A philosophia positiva no Brazil	45
Emilio Littré	141
Conceito antigo e conceito moderno da metaphysica	169
Finalidade do mundo	187
Da consciencia	209
Sobre a realidade do mundo externo	223
Notas sobre a questão da paramnesia	239
Gustavo Le Bon e a psychologia dos povos	255
A concepção da sociologia em Gumplowicz	277

L-07
C-45